

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Programa de Pós-graduação em Comunicação Social

A emergência da rede:  
dinâmicas interativas em um blog jornalístico

Ivan Satuf Rezende

Belo Horizonte  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG  
2008

Ivan Satuf Rezende

## A emergência da rede: dinâmicas interativas em um blog jornalístico

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Comunicação Social

Área de concentração: Comunicação e sociabilidade contemporânea

Linha de pesquisa: Processos comunicativos e práticas sociais

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Maria Beatriz Almeida Sathler Bretas

Belo Horizonte  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
2008

## **Agradecimentos**

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social pelo período de intenso aprendizado, em especial à professora e orientadora Beatriz Bretas, que me acolheu desde a especialização e esteve sempre disposta a auxiliar o desenvolvimento da pesquisa. Muito obrigado, Bia!

Não poderia deixar de agradecer aos professores e colegas do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (Gris). As discussões teóricas com alto grau de aprofundamento foram fundamentais para o amadurecimento das reflexões sobre a comunicação. Vou levar sempre na memória os debates intensos com os colegas “contestadores” do Pontogris: Telma, Rafa, Aline, Carla e Glau.

Expresso também meus sinceros agradecimentos aos colegas do mestrado: Alexandre, Carla, Helen, Janaína, Maria Isabel, Pedro, Regiane, Vanessa e Viviane. O caminho é longo e árduo, mas o percurso vale a pena quando estamos acompanhados de bons companheiros.

À minha família qualquer agradecimento será pouco diante da fundamental importância em todas as etapas. Muito obrigado, mãe, por estar sempre presente com paciência e dedicação. Obrigado, Igor, pela ajuda fundamental nos momentos de “pane informática”. Aos meus avós Clovis e Haydée agradeço por me guiar e dar força, mesmo à distância. Por fim, agradeço à Cibele pela ternura, apoio e carinho incondicionais. Valeu, Bel!

*O homem fala. Falamos quando acordados e em sonho. Falamos continuamente. Falamos mesmo quando não deixamos soar nenhuma palavra. Falamos quando ouvimos e lemos. Falamos igualmente quando não ouvimos e não lemos e, ao invés, realizamos um trabalho ou ficamos à toa. Falamos sempre de um jeito ou de outro. Falamos porque falar nos é natural. Falar não provém de uma vontade especial. Costuma-se dizer que por natureza o homem possui linguagem. Guarda-se a concepção de que, à diferença da planta e do animal, o homem é o ser vivo dotado de linguagem. Essa definição não diz apenas que, dentre muitas outras faculdades, o homem também possui a de falar. Nela se diz que a linguagem é o que faculta o homem a ser o ser vivo que ele é enquanto homem. Enquanto aquele que fala, o homem é: homem.*

**Martin Heidegger**

## Resumo

A presente pesquisa analisou o blog jornalístico como dispositivo organizador de padrões interativos. O objetivo foi compreender como o blog age simultaneamente sobre o trabalho jornalístico e as participações dos internautas que publicam comentários. O estudo se dedicou a observar as interações que se formam no interior da caixa de comentários. A proposta era apreender o blog como instrumento emergente de comunicação para problematizar as relações instauradas no novo ambiente. Partimos do pressuposto de que existe uma rede complexa e esta rede é fruto de limitações e potencialidades instauradas pela apropriação da tecnologia por atores múltiplos. Afinal, como o blog jornalístico conforma padrões interativos entre os leitores?

O Blog do Noblat nos serviu como objeto empírico. Dez posts foram submetidos a um percurso metodológico dividido em três partes. A primeira, de cunho descritivo e analítico visou dar conta dos sujeitos envolvidos na comunicação: Ricardo Noblat, colaboradores e internautas. A segunda etapa explorou quantitativamente os dados tratados e categorizados. O objetivo aqui foi compreender os modos de agir e as rotinas dos leitores do blog. Por fim, chegou-se ao estudo aprofundado das interações entre os internautas a partir da análise minuciosa dos enunciados divididos em duas categorias: dialogais e não-dialogais.

A pesquisa revelou que o Blog do Noblat conforma os padrões interativos a partir da forte presença do contrato de comunicação jornalístico. As participações estão voltadas para os conteúdos discutidos e são raríssimos os comentários *off topic*. Concomitante ao aspecto contratual, o dispositivo molda os enunciados verbais. Estes são curtos, velozes (quase-síncronos), repletos de imperfeições e apresentam forte influência da linguagem oral.

**Palavras-chave:** blog, jornalismo, interação, comunicação mediada por computador

## **Abstract**

This study examines the blog as a journalistic device organizer of interactive patterns. The goal is to understand how the blog acts simultaneously on the journalistic work and the participation of internet users who publish comments. The study is intended for the interactions that occur inside the box for comments. The proposal is to start from the blog as an emerging instrument of communication and to investigate the relations established in the new environment. We presuppose that a complex network exists and arises from limitations and potentialities proceeding from the appropriation of technology by multiple actors. After all, how do the journalistic blog sets interactive patterns among readers?

The empirical object is Blog do Noblat. Ten posts are submitted to a methodological way divided into three parts. First, we describe and analyze the subjects involved in the communication: Ricardo Noblat, collaborators and internet users. The second step explores quantitatively the information treated and categorized. The aim is to understand the blog's readers routines and how do they act. Finally, we study the interactions among Internet users by analyzing the statements into two categories: dialogue and non-dialogue.

This research shows that Blog do Noblat configures the interactive patterns from the strong presence of the journalistic communication. The participations concentrate in the discussed topics and that are only a few off topic items. Simultaneously to the contractual aspect, the device shapes the verbal enunciations. These are short, fast and synchronous in most of the time. Also, they are full of imperfections and have strong influence of oral language.

**Key-words:** blog, journalism, interaction, computer-mediated interaction

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tipos de acontecimentos e gêneros jornalísticos .....	55
Figura 2 – Estrutura básica de um blog .....	71
Figura 3 – Site conversa afiada .....	72
Figura 4 - Blog do Noblat .....	79
Figura 5 - Blog do Noblat em junho de 2004 .....	80
Figura 6 - Blog do Noblat em novembro de 2005 .....	81
Figura 7 – Post “Calçada da Fama” .....	82
Figura 8 - Post “Dica de site” com indicação enviada pelo leitor Júlio Falcão .....	85
Figura 9 - Post que apresenta artigo publicado por Maria Helena Rubinato .....	87
Figura 10 - Índice de participantes que usam apelidos, nomes completos ou apenas o primeiro nome nos dez posts analisados .....	97
Figura 11 – Representação gráfica do índice de participação no “post 4” .....	99
Figura 12 – Representação gráfica do nº de participações nos 10 posts analisados .....	100
Figura 13 – Representação gráfica do número de posts comentados por leitor.....	100
Figura 14 – Representação gráfica dos comentários por tempo de publicação .....	104
Figura 15 – Representação gráfica do número de comentários postados por horário, ao longo de 4 horas e 47 minutos após a publicação .....	105

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tipos de interação .....	37
Tabela 2 - A interação mediada por computador a partir das características propostas por Thompson .....	40
Tabela 3 - Posts e comentários que integram o corpus de pesquisa .....	76
Tabela 4 – Frequência de participação dos internautas nos dez posts pesquisados .....	98
Tabela 5 - 20 comentaristas mais ativos nas cadeias interativas .....	106
Tabela 6 – Cadeias dialogais .....	110

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I – INTERAÇÕES .....	13
1.1 – Interação e comunicação: imbricações epistemológicas .....	13
1.2 – As bases teóricas da interação .....	18
1.3 – Interação mediada por computador .....	32
1.4 – A interação no blog: enunciado, dispositivo e gênero.....	44
CAPÍTULO II – BLOG, COMUNICAÇÃO E JORNALISMO: NOVAS PERSPECTIVAS	57
2.1 – O domínio das redes .....	57
2.2 – Web 2.0: novos atores na rede.....	62
2.3 – Blog e jornalismo.....	67
CAPÍTULO III – AS DINÂMICAS INTERATIVAS NO BLOG DO NOBLAT.....	73
3.1 – Percurso metodológico e corpus.....	73
1ª ETAPA – Os sujeitos da comunicação.....	77
Ricardo Noblat: da tradição à blogosfera .....	77
Maria Helena Rubinato: a colaboradora e o enunciado.....	86
Internautas: a alma do blog.....	92
2ª ETAPA - Análise quantitativa dos comentários.....	96
3ª ETAPA - Análise qualitativa das interações .....	102
Comentários não-dialogais .....	107
Comentários dialogais .....	109
CONCLUSÃO.....	121
BIBLIOGRAFIA .....	125

## INTRODUÇÃO

As novas tecnologias estão no centro de mudanças que agem em todas as esferas sociais. O paradoxo do século XXI parece estar no tamanho. O pequeno é gigante. A nanotecnologia permite o armazenamento de grande quantidade de informação em um espaço mínimo. Um chip carrega gigabytes de dados que poderiam lotar um escritório se o conteúdo fosse transcrito para folhas de papel.

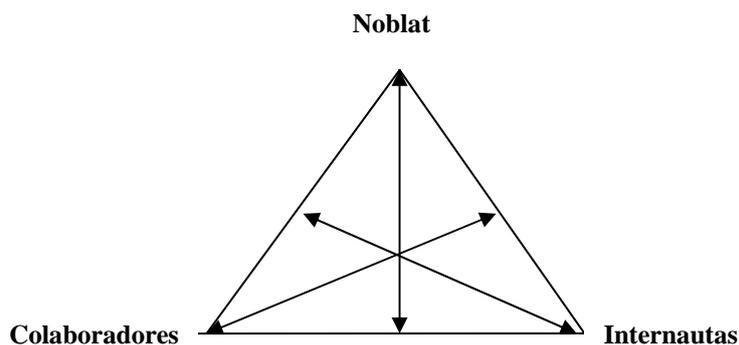
Os aparelhos tecnológicos estão em todo lugar: telefones celulares, palmtops, notebooks, tudo é portátil. A conexão se desvinculou do espaço. Não é necessário estar em um lugar específico para se comunicar, basta portar um artefato tecnológico que permita a ligação com outras pessoas. As novas tecnologias são rapidamente apropriadas e das experiências surgem mais inovações. É um ciclo que emerge do duplo movimento das inovações e dos usos.

Um dos alvos recentes das pesquisas em comunicação é justamente um dispositivo oriundo da internet e que permite apropriações diversas: o blog. Trata-se de um fenômeno que ainda carece de muita atenção para ser compreendido. Esta pesquisa pretende desvelar tão somente um aspecto restrito, mas extremamente complexo do oceano de blogs que co-habitam o ciberespaço.

A atenção está voltada para o blog jornalístico, que forma um conjunto específico na blogosfera. Elegemos o Blog do Noblat<sup>1</sup> como objeto empírico para a exploração. Nosso objetivo é pesquisar o blog jornalístico e sua apropriação como espaço de interações pelos internautas. A observação nos permitiu detectar trocas constantes entre aqueles que publicam comentários. É possível distinguir cadeias dialogais que apresentam semelhanças entre si e perpassam síncrona e permanentemente a produção jornalística. Como o blog jornalístico conforma padrões interativos entre os leitores? A apropriação do dispositivo por diversos atores faz emergir uma rede de trocas que, apesar de parecer um cenário efêmero e caótico, guarda regras e padrões comunicativos reconhecíveis. Denominamos dinâmicas interativas o conjunto de relações complexas entre os sujeitos que compõem o blog como ambiente comunicacional.

---

<sup>1</sup> <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/>



A figura mostra os três vértices-sujeitos: Noblat, colaboradores, internautas. Os lados do triângulo representam as possibilidades interativas entre os vértices. Contudo, as setas se fazem necessárias para demonstrar que as interações simbolizadas pelos lados do triângulo podem sofrer interferências do vértice oposto, ou seja, daquele(s) sujeito(s) que não está(ão) diretamente inserido(s) na interação. Da mesma forma, as interações que ocorrem em qualquer um dos lados são capazes de agir sobre o vértice oposto. Estas são as dinâmicas interativas.

O problema exige uma perspectiva holista, porque os comentários não estão soltos, mas situados no espaço e tempo do blog. O conjunto das relações contidas no Blog do Noblat é fundamental para se compreender as interações. Seria um equívoco partir dos comentários sem a necessária compreensão de singularidades intrínsecas ao dispositivo. São justamente estas singularidades que, agenciadas e reconfiguradas pelo jornalista, moldam o ambiente comunicativo. Ao mesmo tempo em que se faz necessário lançar mão de um ponto de vista global, também é essencial ajustar o foco em escala atômica, pois cada comentário é único e o conteúdo das trocas não deve ser negligenciado em detrimento da forma das interações. Tanto o foco ampliado quanto o reduzido são necessários para a análise se partirmos da premissa de que os comentários tanto são conformados quanto conformam o ambiente. Rejeitar a importância das escalas analíticas seria aceitar um caráter determinístico imposto pelo blog como dispositivo soberano ou dos comentários como alheios e superiores ao ambiente.

O *Capítulo I* aborda teoricamente o conceito de interação. Primeiro, visitamos o campo epistemológico da comunicação e vemos como as idéias que norteiam desde os primeiros estudos estão intimamente ligadas à noção de interação. Em seguida, percorremos as obras de diversos pensadores oriundos de diferentes áreas das ciências humanas, como filosofia, sociologia e antropologia. São autores que não lidam diretamente com a questão tecnológica, a maior parte deles sequer passou da análise de relações face a face, mas que nos ajudam a compreender a interação em toda a sua complexidade, evitando uma concepção

rasteira do conceito. Depois, vasculhamos diretamente a interação mediada por computador, que é, ao mesmo tempo, alvo de diversas pesquisas e de inúmeras controvérsias. Tentamos deixar claro certo modo de olhar as relações estabelecidas por meio das redes de computadores. Sugerimos que a internet abriga uma gama heterogênea de dispositivos para mediação e propomos um olhar que afasta a “interatividade” como uma característica intrínseca e amorfa.

Em seguida, discutimos três noções essenciais à pesquisa. A primeira é o enunciado, encarado aqui segundo uma perspectiva bakhtiniana que o define como unidade da comunicação verbal e elemento que exige sempre uma atitude responsiva ativa. Os outros dois conceitos – dispositivo e gênero - ajudam a compreender por que os enunciados no blog são como são. O dispositivo faz com que os enunciados sejam verbais, curtos, velozes, repletos de imperfeições, quase-síncronos. Somente o dispositivo pode conformar um conjunto mais ou menos regular de ações que permite abordar o blog como gênero jornalístico. O blog é, sem dúvida, um gênero emergente e ainda obscuro, mas extremamente importante para a configuração contemporânea do jornalismo e das práticas que o cercam.

O *Capítulo II* dedica-se às transformações pelas quais passa a comunicação com o advento da rede global de computadores. Primeiramente discutimos o conceito de rede com o objetivo de evitar uma apropriação rasteira de um conceito central da interação mediada por computador. O objetivo é mostrar como as redes sociotécnicas contemporâneas tornam mais complexas as relações. Em seguida, debatemos a concepção de Web 2.0, denominação ainda sob intenso debate e alvo de críticas constantes. Por isso mesmo o termo Web 2.0 deve ser levado em consideração para compreender, de uma perspectiva crítica, como estão sendo encaradas as novas propostas interativas e colaborativas em rede. Partimos, então, para a compreensão do blog como fenômeno comunicativo e sua recente integração às práticas jornalísticas.

A metodologia descrita no *Capítulo III* é formulada para tratar e analisar um corpus de pesquisa extenso formado por 10 posts e 1.726 comentários. O percurso metodológico se divide em três etapas distintas e vinculadas. A primeira apresenta e analisa os três sujeitos envolvidos na comunicação: o jornalista Ricardo Noblat, os colaboradores (com foco na figura idiossincrática de Maria Helena Rubinato) e os internautas. Privilegia-se a visão holista que mencionamos acima e que é capaz de correlacionar as ações entre os sujeitos e explicar por que cada um tem um modo de inserção e participação no blog. A segunda etapa é quantitativa e tem como objetivo apresentar, por meio de gráficos e tabelas, dados que ajudam a compreender como os comentários são conformados pelo dispositivo. A aparente frieza dos

números ajuda a explorar alguns padrões detectáveis pela análise dos dez posts pesquisados. O conjunto de dados revela regularidades em uma escala temporal ampliada, já que o corpus abriga posts publicados entre agosto de 2005 e março de 2007. Finalmente, a terceira etapa metodológica concentra a atenção nos comentários de apenas um dos posts que integram a relação inicial. Os comentários são divididos entre dialogais e não-dialogais para uma análise mais detalhada das trocas.

## CAPÍTULO I – INTERAÇÕES

### 1.1 – Interação e comunicação: imbricações epistemológicas

Ligar o computador, conectar-se à internet, enviar um e-mail, trocar mensagens via MSN<sup>2</sup>, ler as manchetes em um site de notícias, fazer *download* de uma música, publicar um artigo on-line. Sem dúvida, tarefas que já se tornaram corriqueiras nestes anos iniciais do século XXI. A tecnologia ampliou-se de tal forma que é quase impossível transitar pelos centros urbanos sem ser tocado pelas redes telemáticas. Basta observar a incrível projeção social do sistema de telefonia móvel para constatar a presença disseminada de aparatos tecnológicos que servem à comunicação humana. Nossa marca neste mundo, nossa “auto-representação rupestre”, está inscrita em forma de pixels nos monitores de notebooks conectados uns aos outros e a servidores remotos por redes Wi-Fi<sup>3</sup>. Não se trata de aclamar as novas tecnologias, mas sim, de uma constatação facilmente alcançada pelo olhar mais atento. Grande parte das atividades sociais é realizada, hoje, através da mediação de aparatos técnico-digitais. Diversos pensadores se dividiram – e ainda se dividem - ao tecer críticas e odes à questão tecnológica. Por isso, argumentos não faltam para defender ou refutar as novidades da informática.

Sem fazer juízo de valor, cabe ressaltar que o espaço social contemporâneo é permeado por instrumentos técnicos que nos dotam, como nunca, de uma capacidade inerente a toda e qualquer atividade social e, portanto, de algo constituinte da própria humanidade: a capacidade de interação. Alguns dizem que a ampliação das possibilidades de interação é capaz de gerar uma nova ágora democrática. Outros argumentam que a qualidade das interações está aquém daquela que se dá face a face e, deste modo, empobrece as relações. Mais uma vez, sem entrar no mérito da polêmica, pode-se afirmar que as práticas corriqueiras descritas no início do texto mascaram – justamente pelo fazer cotidiano já naturalizado – a real dimensão comunicativa que construímos incessantemente nas redes telemáticas. Para compreender as relações presentes no objeto desta dissertação, o blog, e as trocas que emergem neste objeto, devemos aprofundar a análise sobre a interação e sua imbricação epistemológica com o campo dos estudos comunicacionais.

---

<sup>2</sup> O *Microsoft Service Network* (MSN) é um pacote de serviços lançado em 1995. Contudo, o uso do termo “MSN” se refere, no cotidiano da internet, ao software que permite a troca síncrona de mensagens, seja entre dois computadores ou vários deles.

<sup>3</sup> Tecnologia de transmissão de dados por meio de ondas eletromagnéticas, sem a utilização de meios físicos.

Interação não é comunicação, como deixa evidente a perspectiva interacionista e situacionista apresentada por Mead (1953), pois o simples encontro ou manifestação de apenas uma das partes não garante a dinâmica comunicativa (ao contrário do que defendem alguns autores da corrente pragmática). Mas também é verdade que não há comunicação sem interação. Pode parecer uma afirmação trivial e rasteira, mas, sem partir de tal ponto inicial – muitas vezes imperceptível quando se busca a complexidade das relações comunicativas –, corre-se o risco de perder o cerne da análise. Se é correto afirmar que o ciberespaço<sup>4</sup> é pródigo em elementos que permitem ações interativas, faz-se necessário analisar a importância da interação como noção essencial ao campo de pesquisa em comunicação.

É justamente na conformação epistemológica do campo de estudo comunicativo que se percebe a presença marcante do conceito de interação. Duarte (2003) chama a atenção para o fato de que a epistemologia é uma forma de indagar a realidade, de verificar a conformação de um olhar investigativo sobre determinado tema. Mas o que conforma o olhar investigativo no campo de estudos da comunicação? Que epistemologia rege a análise de cunho comunicacional? Segundo Duarte, uma busca etimológica revela que “pertencente a muitos”, “comungar”, “tornar comum”, “estar em relação” são significados associados ao macroconceito<sup>5</sup> de comunicação. Ora, se todos os significados acionados remetem à relação, fica evidente que o olhar que dirige tais indagações deve estar atento à emergência de uma “superfície comum de troca”. A pesquisa em comunicação deve se debruçar sobre este terceiro plano cognitivo nascido no momento do encontro de percepções dos emissores e receptores: na potência resultante das interações. Daí a constatação de que “a comunicação é uma virtualidade que se atualiza na relação” (DUARTE, 2003, p.48).

Um constante desafio para os estudos comunicativos é compreender o paradigma que rege as análises. Ao criticar a freqüente negligência quanto aos fundamentos teóricos da comunicação, França (2002a) salienta que o paradigma é algo anterior às teorias, já que se trata do esquema organizador do próprio aparato teórico. De forma que o paradigma ultrapassa objetos e diz de uma determinada perspectiva analítica. Diversos autores partem de tal premissa para dizer que o objeto da comunicação vai além de materialidades e não está restrito a recortes bem definidos de “coisas do mundo”. “A especificidade vem do olhar, ou do viés, que permite vê-las e analisá-las como comunicação, isto é, sua natureza

---

<sup>4</sup> O ciberespaço não é apenas a conexão mundial de computadores e servidores, mas o espaço gerado por esta conexão tecnológica com as redes sociais que de fato lhe dão vida. A origem do termo é atribuída à obra de ficção “Neuromancer”, de Willian Gibson, publicada pela primeira vez em 1984.

<sup>5</sup> O macroconceito “surge da articulação recíproca de vários conceitos” e faz emergir uma determinada noção que atravessa todos os conceitos que lhe deram origem. (DUARTE, 2003, p.43)

comunicativa” (FRANÇA 2002a, p.17). Quando se tem em foco o estudo comunicacional, a preocupação do pesquisador recai sobre o complexo jogo das interações sociais. É um olhar orientado para as interações e seus resultados, observação que deve alcançar, sobretudo, o ponto de encontro das relações, dos sentidos e do contexto:

Em suma, a comunicação compreende um processo de produção e compartilhamento de sentidos entre sujeitos interlocutores, realizado por meio de uma materialidade simbólica (da produção de discursos) e inserido em determinado contexto sobre o qual atua e do qual recebe os reflexos. (FRANÇA, 2002a, p.27)

A comunicação se conforma na tríade relação/sentido/contexto. A supervalorização de um dos elementos leva ao risco de desvio para outras áreas do conhecimento, que, evidentemente, possuem epistemologia e paradigmas próprios. Ao privilegiar o sentido a partir da materialidade simbólica, por exemplo, o pesquisador pode fazer da mensagem seu objeto e omitir a real verificação analítica dos elos interativos entre os sujeitos da relação e o contexto que os engloba. Neste exemplo, a análise pode gerar desdobramentos que são muito mais pertinentes aos estudos lingüísticos ou sociolingüísticos que, apesar da clara interface com a comunicação, possuem sua própria forma de olhar para os objetos (mesmo que esta apresente alguns pontos de similaridade em relação à epistemologia da comunicação).

O mesmo movimento deve ser adotado no processo de caracterização do sujeito alvo de análise das pesquisas comunicativas. O “sujeito da comunicação” não pode ser confundido com os sujeitos de outras áreas do conhecimento sob o risco já apontado de se romper o paradigma comunicativo. O foco da comunicação não está exatamente no texto, nos grupos sociais, ou mesmo na cultura. A análise perpassa todos estes ângulos, mas está intrinsecamente vinculada às relações simbolicamente mediadas das quais faz parte o sujeito da ação, capaz de afetar e ser afetado pelo outro envolvido na mesma experiência. Os sujeitos da comunicação são, desta forma, “sujeitos interlocutores, inscritos numa determinada estrutura comum (um contexto social), mas sobretudo sujeitos em experiência, afetados tanto pela co-presença como pela mediação simbólica que os institui em pólos de uma interação” (FRANÇA, 2006, p.84).

Imaginemos um sujeito inserido no contexto de nosso objeto: o internauta acessa o blog, lê (ouve ou assiste a) o que o autor publicou, abre a caixa destinada aos comentários, rapidamente lê e se situa em relação às intervenções dos que já deixaram suas participações e, então, escreve e publica seu próprio comentário. Outros internautas fazem o mesmo, logo em seguida, e criam, em poucos minutos (até mesmo em questão de segundos), uma teia de relações extremamente ampla. Nosso olhar deve estar atento para captar a interface na qual o

sentido emerge, a partir das diversas relações estabelecidas por meio da linguagem, que serve de mediação simbólica naquele ambiente telemático (contexto). Aqui, seguir o paradigma comunicativo significa buscar a todo custo apreender “o terceiro plano cognitivo que não havia antes do encontro de todas as partes dialogantes” (DUARTE, 2003, p.51). Nosso interesse está nos vetores resultantes do embate de forças que caracterizam as trocas comunicativas. As diversas falas não devem ser analisadas isoladamente, mas no âmago da conversação, visto que o foco está no sujeito da ação que afeta e é afetado pelos demais participantes daquela experiência. Encontrar as marcas desta mútua afetação e analisá-las é a tarefa à qual nos entregamos.

Mas compreender um blog como objeto remete a outra importante questão que já tangenciamos acima, mas não discutimos: afinal, qual o objeto da comunicação? Para Braga (2001), tanto o *objetivo* quanto o *objeto* da comunicação são observar como a sociedade conversa com a sociedade, proposta que inclui os meios de comunicação de massa, mas que não os caracteriza como perspectiva única. O autor argumenta que a mídia é objeto abundante nos estudos em comunicação porque expôs como nunca o campo de problematização da área. Além disso, verifica-se a importância dos meios de comunicação de massa na contemporaneidade e sua penetrabilidade nos processos não-midiáticos, ou seja, em todas as esferas da vida social. Apesar de sua indubitável força, rádio, TV, jornal e internet podem ser encarados como objetos privilegiados, mas a análise comunicativa não se encerra neles, pois o complexo jogo das interações está inserido em uma sociedade mediatizada e é na globalidade da vida social que se dão as trocas comunicativas. Não se pode tomar a mídia como elemento independente e exterior à sociedade.

A mídia nos deu palavras para dizer, as idéias para exprimir, não como uma força desencarnada operando contra nós enquanto nos ocupamos com nossos afazeres diários, mas como parte de uma realidade de que participamos, que dividimos e que sustentamos diariamente por meio de nossa fala diária, de nossas interações diárias. (SILVERSTONE, 2002, p.21)

Também é fundamental destacar que não é apenas em circunstâncias de trocas síncronas que há interação. Trata-se de uma mirada de grande alcance, mas que está longe da perspectiva holista responsável muitas vezes por ampliar demais o escopo da comunicação e torná-la um terreno passivamente atravessado por outras áreas do conhecimento. Diante de tal exposição, é legítimo afirmar que um livro é interativo, pois a interação está, neste caso, intimamente ligada à produção e à capacidade de edição. A interação é diferida no tempo e difusa no espaço. Não é uma noção da ordem somente do “aqui e agora”, mas algo que pode

se dar de forma espaço-temporalmente dispersa. “Nossa premissa básica é que, se um produto mediático é posto em circulação na sociedade, e efetivamente circula, há inevitavelmente interação” (BRAGA, 2000, p.116). O processo criativo do autor está impregnado de dados ou suposições sobre o público ao qual o livro se dirige. Quando o livro finalmente atinge seu público-alvo, os leitores então iniciam o processo de edição do produto e é justamente esta capacidade de edição que garante as interações diferidas e difusas entre homem/produto ou homem/meio de comunicação, além, é claro de relações entre interlocutores a partir e sobre os produtos. Como magistralmente exposto por Martín-Barbero (1997, p.290), é necessário deslocar a atenção dos meios às mediações: “Foi necessário perder o ‘objeto’ para que encontrássemos o caminho do movimento social na comunicação, a comunicação em processo”. É uma afirmação perigosa, porque pode deslocar a análise para o campo da cultura e tratar os meios como elementos secundários, quando a imbricação de ambos é necessária (BRAGA, 2001). Entretanto, a conclusão de Martín-Barbero ajuda a tornar mais claro o campo epistemológico da comunicação ao desenraizar a pesquisa dos meios e ampliar os olhares para a relação entre os meios e a sociedade.

Um livro, um jornal, um filme devem ser encarados como uma conversa da sociedade com a própria sociedade, tal como exposto anteriormente. É uma visão que refuta as definições que tomam *a priori* determinados meios ou produtos como interativos, em detrimento de outros. É comum ouvir dizer que a internet é “interativa”, enquanto a televisão ou o jornal impresso são meios que privilegiam uma relação “passiva”. Foi contra esta perspectiva simplista e equivocada que Braga (2000) propôs o subsistema crítico-interpretativo, segundo o qual a sociedade deve se munir de competências gerais para interagir em torno de um produto, caso contrário, o mesmo produto será menos competente para estimular uma boa interatividade. Em seguida, o subsistema crítico-interpretativo foi refinado pelo autor e deu espaço ao subsistema de resposta social (BRAGA, 2006), no qual a resposta se refere ao que a sociedade de fato “faz” com sua mídia, ou seja, as ações que se realizam no contexto social. É uma percepção que retira a suposta bipolaridade dos subsistemas de emissão e de recepção, afastando também a dualidade que põe em lados opostos a mídia e a sociedade.

Todas as considerações feitas até aqui são importantes para o desenvolvimento da presente pesquisa. Ao analisarmos um blog como objeto comunicativo, devemos ter em mente a amplitude e complexidade deste objeto. O blog é um produto “posto em circulação” tal como descreve Braga e, portanto, é passível de gerar interações diferidas e difusas a partir da capacidade de edição dos internautas. Mas o blog também permite um tipo de interação entre

os próprios internautas que, munidos de instrumental simbólico (linguagem verbal) e técnico (compreensão das ferramentas presentes no próprio blog) promovem trocas argumentativas capazes de conformar interações síncronas do tipo dialogais. Tratamos tanto do instante relacional das trocas dialogais quanto das relações diferidas e difusas dos atores presentes na ação com o “produto blog”. Em suma, partimos em busca das dinâmicas interativas entre sujeitos da comunicação (internautas que se afetam mutuamente na co-presença, mesmo que esta se faça por intermédio da rede digital) mediados simbolicamente (pelo signo verbal) em um determinado contexto (blog em escala “micro” e a própria internet em escala “macro”).

Com a exposição acima, procurou-se demonstrar a centralidade das interações nos estudos comunicacionais. Agora, cabe avançar no próprio conceito de interação a partir de contribuições de pesquisadores que desenvolveram a base teórica a partir da qual este trabalho se desenvolve. O objetivo é revelar a extensa dimensão do conceito para iniciar o recorte teórico-metodológico que pretendemos adotar na presente pesquisa.

## 1.2 – As bases teóricas da interação

Se interatividade é uma das palavras mais usadas para descrever a comunicação mediada por computador, pouco se pode extrair dela sem o necessário percurso que se inicia com o conceito de interação. O dicionário eletrônico Houaiss<sup>6</sup> fornece valioso auxílio ao afirmar que interatividade é a “qualidade do interativo” e interativo é algo “relativo à interação”. O caminho para a completa compreensão das relações sociais e comunicativas é, portanto, interação → interativo → interatividade, e não o contrário. Dizer que algo é interativo ou gera interatividade pode levar a análises confusas e negligentes se os termos forem afastados do significado de interação. De volta ao dicionário, verifica-se que interação pode significar:

- 1 - influência mútua de órgãos ou organismos inter-relacionados;
- 2 - ação recíproca de dois ou mais corpos;
- 3 - atividade ou trabalho compartilhado, em que existem trocas e influências recíprocas;
- 4 - comunicação entre pessoas que convivem; diálogo, trato, contato.

---

<sup>6</sup> <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm>. On-line. Acesso em 15/08/2007.

“Influência mútua”, “ação recíproca”, “trocas”, “comunicação”, são termos que revelam o potencial da interação. Mas como apreender tais significados com um aparato teórico e metodológico que privilegia a comunicação massificada, frequentemente descrita pelo modelo um-todos?<sup>7</sup> As teorias que servem às análises dos meios de comunicação de massa tendem a polarizar a relação produtor – emissor. Mesmo quando o foco recai sobre a mensagem ou a circulação das mensagens, quase sempre se tende a apontar certa supremacia de uma das extremidades: aquele que emite ou aquele que recebe. Bem diferente é o desafio ao qual nos lançamos ao analisarmos um blog jornalístico a partir das várias vozes capazes de se afetar mutuamente. A conversação é causa e conseqüência, algo que funda e constitui o ambiente comunicativo. O que importa é a reciprocidade mediada simbolicamente entre os sujeitos envolvidos na trama comunicativa.

O sociólogo alemão Georg Simmel nunca sonhou com a internet, suas reflexões se limitaram às relações face a face, mas seu pensamento instaura a noção de interação como processo social básico. Trata-se de uma forma de abordar a sociedade que se distancia da proposição de Émile Durkheim, para quem há uma preponderância da sociedade sobre o indivíduo. Ao contrário, Simmel delimita “um social procedente das trocas, das relações e ações recíprocas entre indivíduos, um movimento intersubjetivo, uma ‘rede de afiliações’” (MATTELART, 2004, p.25). A sociedade passa a ser encarada como algo inexoravelmente vinculado aos indivíduos e suas relações, proposição que se afasta diametralmente da concepção da sociedade como exterior ou superior aos sujeitos. Toma-se a imagem de uma sociedade que acontece ou que está acontecendo, em clara oposição à imagem da sociedade estática.

No entanto, uma das armadilhas do pensamento de Simmel diz respeito ao par forma-conteúdo. A sociologia por ele proposta trata de formas da vida social ou formas de interação. São as formas que permitem apreender os movimentos de “sociação”<sup>8</sup> e “dissociação”. Hanke (2002) explica que a própria sociabilidade ou o “estar junto” é, para Simmel, uma forma

---

<sup>7</sup> Denominação usada para caracterizar a comunicação na qual há um centro produtor e difusor capaz de irradiar a informação para uma grande gama de receptores com nenhuma ou pouca participação no processo decisório sobre a mensagem original. Opõe-se ao modelo um-um (dialogal) e todos-todos (comumente associado ao potencial das novas tecnologias da comunicação).

<sup>8</sup> Para Simmel, enquanto a sociação é constituída pelos impulsos dos indivíduos, seus motivos, interesses e objetivos e pelas formas que esses conteúdos assumem, a sociabilidade é um exemplo de sociologia pura ou formal, ou seja, não tem conteúdo. Isso porque, segundo o autor, os conteúdos e as formas não são colados ou conectados para sempre; formas que serviram para satisfazer certas necessidades podem ganhar autonomia (HANKE, 2002, p.130). De maneira que a sociabilidade não demonstra desequilíbrios e só é alcançada artificialmente.

autônoma de sociação. O conteúdo, segundo ele, deveria ser tratado por outras áreas das ciências sociais. Daí o perigo de se abordar as interações pelas formas e condenar o conteúdo a um segundo plano (ou, por vezes, à própria ausência) nas análises. Porém, o próprio pensador tratou de dirimir tais dúvidas ao afirmar que forma e conteúdo são elementos inseparáveis, e a forma só pode ser construída teórica e metodologicamente por abstração. Maia (2002, p.13) reforça o alerta ao expor que “privilegiar a dimensão da espontaneidade da sociabilidade, num dado tipo de ‘jogo’ totalmente descompromissado, pode levar a diversos equívocos”. Um destes equívocos é atribuir ao sujeito uma liberdade absoluta de tudo determinar, deixando de lado as evidentes assimetrias estruturais presentes nos processos de interação. Tais assimetrias são reveladas justamente pelo conteúdo partilhado.

Explicitada a necessidade de se unir forma e conteúdo nas análises de interação, cabe ressaltar um tema bastante abordado por Simmel: o conflito. Para ele, não há nas interações sociais uma harmonia absoluta e as relações humanas se alimentam da dinâmica de diversos vetores, entre os quais o conflito, que é uma das diversas formas de sociação. O autor cita como exemplo o sistema de castas na Índia, que não é mantido unicamente na pretensa estabilidade da hierarquia como se o simples fato de coexistirem “superiores” e “inferiores” bastasse para explicar a segregação. As castas também se alimentam da repulsão mútua como algo que sustenta as relações. A oposição é um elemento da própria relação de maneira que as forças convergentes e divergentes se sucedem incessantemente nas interações.

Se o conflito está presente em macrossistemas históricos como a divisão de classes na Índia, também estaria presente em ambientes contemporâneos de menor escala? Interessa-nos olhar relações dialogais em ambiente digital. No blog, as interações são discursivamente mediadas pela linguagem verbal e o par convergência-divergência parece nortear as relações. Na busca pelo momento da troca, podemos nos apropriar das considerações de Simmel para iniciar a compreensão das dinâmicas interativas presentes no blog jornalístico. As possíveis combinações entre sujeitos envolvidos na relação instauram uma gama potencialmente infinita de possibilidades interativas, como no exemplo a seguir:

Começa com a ação de A em benefício de B, desloca-se para o benefício do próprio A sem beneficiar B, mas também sem prejudicá-lo, e finalmente torna-se uma ação egoísta de A à custa de B. Na medida em que tudo isso é repetido por B, embora dificilmente do mesmo modo e nas mesmas proporções, surgem as combinações inumeráveis de convergência e divergência nas relações humanas. (SIMMEL, 1983, p.132)

O legado de Simmel influenciou (e ainda influencia) as gerações posteriores, sendo possível captar suas idéias fundamentais em diversos autores e textos. Um exemplo claro de

pensamento influenciado pela perspectiva formalista de Simmel aparece nas análises do sociólogo francês Michel Maffesoli, que apreende as relações contemporâneas justamente pelas ações em escala microssocial de atração e repulsa. Segundo ele, as interações ocorrem em um ambiente altamente instável “caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão. É assim que podemos descrever o espetáculo da rua nas megalópoles modernas.” (MAFFESOLI, 2006, p.132).

Outro pensador que contribuiu para as pesquisas em comunicação interpessoal é George H. Mead. Sem nunca ter publicado um livro em vida, uma de suas obras póstumas, *Mind, Self and Society*, apresenta um valioso paradigma para a análise das interações, reforçando mais uma vez a impossível dissociação entre sociedade e indivíduo. A obra de Mead é fundamental por tratar o processo comunicativo em sua globalidade, trabalhar com situações concretas e privilegiar a linguagem como elemento necessário à compreensão das interações.

A análise parte de três operadores, que, segundo França (2007), podem ser apropriados da seguinte forma: espírito ou *mind*<sup>9</sup> (inteligência reflexiva do animal humano), *self* ou pessoa (personalidade social do indivíduo) e sociedade (atividade cooperativa de indivíduos em interação). Para Mead (1953), o que proporciona a interação é o “gesto” de um organismo capaz de gerar reações adequadas em outro organismo. No entanto, a conversação de gestos não é algo que diferencia os seres humanos dos demais animais. Em uma colméia, o gesto de um grupo de abelhas é capaz de provocar alterações na atitude dos outras abelhas. Se as “sentinelas” dão o sinal de que alguma ameaça está por perto, todas as demais irão adaptar sua atitude em função do gesto inicial que despertou as reações subseqüentes. Assim, o gesto é o início do ato que serve como estímulo para a reação dos outros indivíduos. Mas, se a conversação por gestos pode ser observada em outros animais por meio do par estímulo-resposta (linha behaviorista *stricto sensu*), o que define a interação humana? Mead responde que é a capacidade de transformar um gesto em algo significativo, um símbolo. Para adquirir um significado durante a interação, o gesto deve ser capaz de provocar no primeiro indivíduo a reação que provoca no outro. Este é o mecanismo que permite a um dos sujeitos presente no ato social adotar as atitudes dos demais envolvidos na troca. Também é o mecanismo que faz emergir a capacidade humana de pensar reflexivamente:

A existência do espírito ou da inteligência só é possível em termos de gestos como símbolos significantes; porque só em termos de gestos que são símbolos

---

<sup>9</sup> Consultamos nesta pesquisa a obra em espanhol, que traduz *mind* como “espíritu” e *self* como “persona”.

significantes, que pode existir o pensamento – que é simplesmente uma conversação subjetivada ou implícita do indivíduo consigo mesmo por meio de tais gestos. A internalização em nossa experiência das conversações de gestos externos que levamos adiante com outros indivíduos no processo social é a essência do pensamento. (MEAD, 1953, p.90)

No exemplo da colméia não há reflexividade, mas sim uma resposta a um determinado estímulo enviado pelas abelhas sentinelas. A ação destas não apresenta qualquer subjetividade que indique a introspecção de atitudes externas. Não há pensamento reflexivo no instinto. Na comunicação humana, o pensamento obriga o indivíduo a lidar com a alteridade, ao se colocar no lugar do outro para provocar no próprio indivíduo aquilo que quer expressar. Na teoria de Mead, a seletividade é a capacidade humana de absorver um estímulo e escolher dentre as várias reações possíveis a melhor para um determinado momento interativo. A diferença é evidente, pois, sempre que atacadas, as abelhas responderão da mesma forma ao estímulo.

Mead concebe a linguagem como fenômeno de interação fundamental na emergência da personalidade do indivíduo (*self*) em bases reflexivas. Isso porque, para existir comunicação, o símbolo utilizado deve apresentar significado comum para todos os participantes. A significação, ou seja, a interpretação do gesto deve levar em conta o contexto social da linguagem em sua dimensão relacional. As significações surgem na experiência social mediada pela linguagem. O *self* emerge somente a partir da capacidade de assinalar significações aos outros e a si mesmo. É no momento da interação comunicativa que surge a autoconsciência: “A importância do que denominamos ‘comunicação’ reside no fato de que proporciona uma forma de conduta em que o organismo ou o indivíduo pode converter-se em um objeto para si” (MEAD, 1953, p.170).

Tal explicação é fundamental para nossa pesquisa, com a necessária transposição do tipo de interação face a face, descrito pelo interacionismo simbólico, para a interação mediada por computador. Em um blog, as interações se dão a partir do aparato verbal (escrito). As relações são possíveis porque há uma superfície comum de troca: a linguagem. E é no contexto social da linguagem que é possível a afetação mútua dos indivíduos a partir de gestos significantes. Imaginemos a interação no blog entre dois sujeitos hipotéticos chamados Rafael e Tiago. Rafael deixa um comentário no blog: “Todos vocês são petistas! Ninguém aqui é imparcial”. Tiago recebe o estímulo gerado pela mensagem e deve reagir ao gesto significativo de Rafael. Para interagir, ele deve agir reflexivamente para produzir em si mesmo aquilo que quer produzir no outro, para que consiga expressar reflexivamente. Só então, Tiago diz: “Não sou petista, você é que só enxerga um lado da questão”. A réplica de Rafael à resposta de Tiago será formulada a partir do significado que emerge da primeira interação e vai

representar algo que Rafael experimenta nele mesmo para tentar atingir os resultados que deseja em Tiago. Interessa-nos esse jogo contínuo de estímulos e respostas sucessivas atualizado em ações reflexivas e com significado comum para os participantes. No exemplo forjado também deixamos evidente a importância do par convergência-divergência que opera o conflito em processos interativos, tal como exposto anteriormente na perspectiva de Simmel. Contudo, ao contrário das interações pesquisadas tanto por Mead quanto por Simmel, a mediação ocorre em terreno estritamente verbal, pois não há outras deixas simbólicas presentes na interação face a face.

Outra referência clássica nos estudos de interações interpessoais face a face é Erving Goffman. Em sua obra seminal *A representação do eu na vida cotidiana*, o autor encara o mundo como uma reunião e propõe a análise das interações com base na representação teatral, a partir da qual é possível dividir os participantes da interação entre atores (aqueles que representam) e platéia (aqueles para quem se representa). Os relacionamentos são tratados como encenações porque o pesquisador acredita que a própria vida é permeada por ações dramáticas nas quais cada indivíduo é capaz de interagir adequadamente em diversas esferas e situações por dominar certo estoque de papéis. Assim, a interação deve ser encarada como um “tipo de jogo de informação, um ciclo potencialmente infinito de encobrimento, descobrimento, revelações falsas e redescobertas” (GOFFMAN, 1975, p.17).

Goffman argumenta que as interações entre atores e platéia(s) ocorrem na região de fachada, que é o lugar onde a representação é executada. Geralmente, a fachada caracteriza-se por um tipo padronizado de representação empregado durante a encenação. Trata-se de uma forma geral e fixa usada pelos indivíduos que representam para obter a resposta desejada da platéia. Aqui também fica evidente a importância vital da linguagem, como tratado acima na perspectiva de Mead, pois, para interagir com sucesso na região de fachada, o ator deve apresentar tanto um bom domínio da mediação simbólica quanto demonstrar familiaridade na sua manipulação.

Goffman salienta que o momento define a fachada e não o contrário, ou seja, o contexto determina o padrão da interação. Num exemplo simples, pode-se afirmar que um professor diante dos alunos ativa uma região de fachada já institucionalizada a partir de estereótipos socialmente constituídos, para determinar o rumo da interação. Mas as relações não são simples cadeias de estímulo de emissores ativos e resposta de receptores passivos, como pode dar a entender a presente exposição. Para tentar garantir o sucesso da encenação, os atores devem combinar as ações que serão realizadas para o público. Tais combinações ocorrem na região de fundo ou, simplesmente, nos bastidores. É uma região que somente pode

ser acessada pelos atores, longe do alcance da platéia, mas que está diretamente relacionada à representação. Os bastidores funcionam como lugar onde os indivíduos responsáveis pela representação interagem entre si para determinar os papéis que serão desenvolvidos e as estratégias para obter os melhores resultados da platéia. Um professor pode se reunir com outros professores durante os intervalos entre as aulas e, longe dos olhares dos alunos, trocar experiências sobre as atividades educacionais, debater determinadas atitudes de alguns estudantes e decidir sobre as formas de sanar problemas decorrentes da indisciplina de parte dos garotos. Na região de fundo o professor pode chamar um aluno de “estúpido” ou “incapaz”, mas nunca usaria tais termos diante do aluno como integrante da platéia na região de fechada. Há, portanto, uma intensa negociação entre as regiões de fachada e de fundo. O controle de ambas pelos atores é fundamental para o processo interativo. Prosseguindo no exemplo anterior, se um aluno escuta no corredor a conversa entre dois professores sobre um outro estudante que pode ser expulso por indisciplina, então a região de fundo foi maculada pela presença de um não-ator. De forma que os professores (atores) devem redefinir as estratégias para não haver o comprometimento de toda a encenação diante dos alunos (platéia). Goffman (1975, p.132) afirma que “um problema básico de muitas representações, portanto, é o do controle da informação. O público não deve adquirir informações destrutivas a respeito da situação que está sendo definida para ele”.

Assim, chega-se a outra importante contribuição de Goffman para a análise das interações: as noções de equipe e cooperação. Equipes são grupos de indivíduos que cooperam intimamente no complexo jogo das encenações. A própria encenação deve ser analisada como um ato cooperativo entre as equipes e a as platéias.:

Quando os indivíduos não estão familiarizados com as opiniões e status dos outros, ocorre um processo de sondagem e através dele o indivíduo manifesta seus pontos de vista ou status a um outro pouco a pouco. Depois de afrouxar um pouquinho a sua cautela, espera que o outro mostre por que é seguro que ele aja desta forma e, depois desta garantia, pode com segurança diminuir sua cautela um pouco mais. Exprimindo de maneira ambígua cada passo na admissão, o indivíduo tem condições de sustar o procedimento de abandonar sua fachada no momento em que não receber confirmação do outro, e neste ponto pode agir como se a última revelação não fosse de modo algum uma abertura. (GOFFMAN, 1975, p.178) Grifo nosso.

O blog reconfigura sem, no entanto, descartar a teoria de Goffman. A observação constante revela a existência de alguns grupos de internautas que se agregam em equipes. Os participantes parecem se agrupar a partir do assunto debatido e os diálogos transcorrem como uma conversa ampla segundo pontos de vista compartilhados por grupos de participantes que se agregam naquele momento para conquistarem reforço argumentativo. Não há região de

fundo, mas as equipes se formam. O blog promove encontros entre pessoas que não se conhecem, mas que apreendem os enunciados alheios para participarem do debate. As equipes são formadas na região de fechada, pois esta é a única acessível. A mediação tecnológica altera profundamente as bases da comunicação sem, entretanto, impossibilitar a própria comunicação. As pessoas continuam a promover uniões e debates entre pontos de vista diferentes, mas a maneira como ocorrem as uniões é radicalmente alterada. Não há um compartilhamento prévio de pensamentos entre os internautas. Tudo transcorre no espaço-tempo do blog. Não se pode confundir as equipes com grupos socialmente organizados, visto que é no momento da relação que as mesmas realmente se constituem.

Outras importantes figuras destacadas por Goffman são o diretor e o intermediário. O primeiro tem a capacidade de controlar a ação dramática, enquanto o segundo é alguém colocado à margem da relação direta e pode mediar as ações das equipes que se encontram no momento da encenação. Ora, o dono do blog pode ser tanto diretor quanto intermediário, ou até mesmo lidar com ambas as funções simultaneamente da forma que melhor lhe convier. Ao atuar como diretor, o dono do blog pode delimitar o tema, impor papéis e impor a formação de equipes ao escrever um *post* com a frase “Vocês são petistas ou tucanos?”. Bem como um diretor, cabe ao blogueiro ditar as regras para se publicar comentários e até mesmo apagar aqueles que considera necessário excluir. Mas a tênue linha que separa as funções também pode ajudar o dono do blog a se tornar um intermediário, dando a entender às diversas equipes que está ali para ajudar a resolver impasses. Da mesma forma, o dono do blog pode eleger um ou mais participantes da interação para assumir a função de intermediário. O ambiente conversacional do blog tende a criar um complexo jogo de alternância de papéis (lugares de fala e de observação) onde “uma torrente de conversas informais pode, de fato, ser considerada como a formação e reformação de equipes e a recriação de intermediários” (GOFFMAN, 1975, p.141).

No final dos anos 1940, portanto antes da obra exordial de Goffman, uma importante linha de pensamento contaminou áreas tão diversas como a matemática, a biologia e as ciências humanas. A cibernética, termo fundado e desenvolvido pelo matemático norte-americano Norbert Wiener, tem como objetivo geral analisar as relações de controle tanto em seres vivos quanto em máquinas a partir da comunicação. Empenhado em projetos para o governo dos Estados Unidos durante a II Guerra Mundial, como a construção de armas para se atingir alvos móveis (tarefa que se vale fundamentalmente de perspectivas probabilísticas), Wiener refuta a cadeia linear de causa e efeito. Segundo ele, os sistemas são realimentados pelas informações em um modelo circular. Tal teoria vale tanto para as máquinas

computacionais quanto para as atividades sociais. “É verdade sem dúvida que o sistema social é uma organização que (...) é vinculada por um sistema de comunicação, e possui uma dinâmica em que processos circulares de tipo *feedback* (realimentação) desempenham importante papel” (WIENER, 1970, p.50). Compreender o caráter empregado ao termo *feedback* no âmbito da cibernética é essencial para não se retornar à lógica linear e causal de estímulo-resposta. A lógica circular é conceitualmente bastante diferente da teoria matemática da comunicação fundada pelo também norte-americano Claude Shannon, que estuda a transmissão de informação de um ponto a outro com a máxima economia de sinais e um mínimo de interferência (MATTELART, 2004, p.58). O *feedback* sustentado por Wiener não é apenas a resposta (ou uma simples transmissão de informação) advinda de um estímulo, mas a resposta que vai alterar a fonte estimuladora e recriar os mecanismos a partir da lógica de realimentação do sistema. As diversas décadas que separam o tempo presente da formulação da teoria de Wiener não a tornaram obsoleta para pensar contextos comunicacionais contemporâneos. Segundo Miège (2000, p.33), “o modelo cibernético continua a ocupar uma importante posição nas reflexões sobre a comunicação, certamente, de maneira prioritária entre os especialistas das tecnologias da informação e da comunicação”.

Por se tratar de um pensamento amplo e aplicável às mais diversas áreas do conhecimento, Norbert Wiener trabalhou em conjunto com uma vasta gama de pesquisadores, entre os quais o antropólogo Gregory Bateson. A análise de Bateson sobre as interações humanas parte, portanto, de uma visão profundamente integrada do sistema no qual as partes se afetam a partir de mecanismos complexos de retroação. Parte-se do princípio de que o todo da relação é a unidade de análise, e não os indivíduos tomados de forma estanque. Inexiste a primazia de um emissor sobre um receptor, já que a ação conjunta é a essência do processo. Qualquer pretensa passividade é isolada definitivamente pelas sólidas raízes instauradas pelo modelo cibernético. O foco não está naquilo que um sujeito faz com um estímulo enviado por outro sujeito, mas no que ambos constroem de maneira ativa durante a interação, que por sua vez é realimentada incessantemente pelas ações de cada um dos envolvidos na dinâmica. Há, sem dúvida, um importante paradigma emergente do caráter integrado e retroativo das interações:

É correto (e uma grande melhora) começar a pensar sobre as duas partes da interação como dois olhos, cada um fornecendo uma visão monocular do que está acontecendo, e juntos, dando uma visão binocular em profundidade. Essa dupla visão é o relacionamento. (...) Não há dúvida que existe um aprendizado no sentido mais particular. Existem mudanças em A e mudanças em B que correspondem à dependência-apoio do relacionamento. O relacionamento, entretanto, vem primeiro; ele *precede*. (BATESON, 1986, p.141)

De volta ao nosso objeto de pesquisa, consideramos o blog como um ambiente constituído na conversação. Todo internauta, ao digitar no navegador<sup>10</sup> o endereço eletrônico que leva ao blog, credencia-se como possível agente na incessante troca comunicativa. Se ele deixa algum comentário, passa imediatamente a compor o espectro de nosso estudo. Mas se nos apropriarmos deste ou de outros internatutas (por meio dos comentários publicados) de forma isolada, corremos o risco de não alcançarmos os objetivos da pesquisa. A “visão binocular em profundidade” de Bateson nos alerta para a armadilha de se olhar isoladamente para os indivíduos que participam do debate. Para apreender a interação e, por conseguinte, para se compreender os próprios internautas, devemos olhar as ações correlatas, o conjunto da cena configurada pela relação. A visão binocular alcança os elementos que se fundem em um elo indissociável.

Diretamente influenciados pelo pensamento de Bateson e, portanto, pelos pressupostos da cibernética de Wiener, os pesquisadores Paul Watzlawick, Janet Beavin e Don Jackson, reunidos na década de 1960 em Palo Alto, dão consistência teórica à pragmática da comunicação. A visão *sui generis* sobre a comunicação adotada por estes pesquisadores pode ser bastante controversa, mas a perspectiva sistêmica e integrada das interações é, sem dúvida, um avanço fundamental para a compreensão das trocas comunicativas.

Os pragmáticos partem da premissa de que não se pode não comunicar. De tal ponto de partida se extrai que a comunicação ocorre mesmo sem intencionalidade e sem uma compreensão mútua. Ora, é uma proposta que amplia o domínio da comunicação a uma dimensão tão alargada que se torna quase impossível a tarefa de dar especificidade ao termo. A perspectiva pragmática nos leva a inferir que um operário, ao usar uma britadeira para quebrar o asfalto próximo à casa de um estudante, comunica-se com este, pois o barulho resultante da ação do primeiro atrapalha a concentração do segundo<sup>11</sup>. Parece até mesmo haver um paradoxo entre a forma de enquadrar a comunicação e a maneira de tratá-la analiticamente por tais pesquisadores já que, segundo Watzlawick, Beavin e Jackson (1967, p.47), “qualquer comunicação implica um cometimento, um compromisso; e, por conseguinte, define a relação”. Fica evidente que não há qualquer “compromisso” entre o operário e o estudante no exemplo anterior.

Apesar das possíveis críticas, as explanações específicas da teoria pragmática, os pensadores desta linha forneceram relevantes avanços sobre as análises dos relacionamentos,

---

<sup>10</sup> *Software* de interface gráfica desenvolvido para acessar a Internet, a exemplo do *Internet Explore* e do *Mozilla Firefox*.

<sup>11</sup> Nosso exemplo é inspirado no relato de Watzlawick *apud* Mattelart, 2004, p.70.

dentre as quais o problema do vício de origem, a pontuação da seqüência de eventos e a abordagem da comunicação como sistema aberto. O vício de origem e a pontuação das seqüências de eventos podem ser facilmente identificados por uma frase usada corriqueiramente durante os relacionamentos: “Foi você quem começou”. Uma série comunicacional apresenta para os observadores externos uma seqüência ininterrupta de trocas, mas os participantes da interação pontuam os eventos de modo a pretender sempre encontrar um começo, o que é, segundo os autores da teoria, um erro comum, já que os termos de causa e efeito tomados de forma estanque não são aplicáveis em virtude da circularidade da interação em curso. Contudo, a pontuação fornece um quadro de referência traçado pelas partes envolvidas a seu próprio modo para organizar e definir a relação. Apesar de falha do ponto de vista formal, já que tende a isolar os estímulos e as respostas, a pontuação serve para que o relacionamento seja interpretado pelas partes. Duas nações inimigas que se armam justificam suas ações como consequência de uma causa externa (o fato de outra nação se armar e, portanto, evitar um desequilíbrio de forças), quando, na verdade, ambas interagem em uma corrente de realimentação contínua gerada pelo próprio relacionamento. “O que há de típico na seqüência e a torna um problema de pontuação é que o indivíduo em questão só se concebe reagindo a essas atitudes e não as provocando.” (WATZLAWICK, BEAVIN, JACKSON, 1967, p.89). Assim, o vício de origem revela que, para os participantes, a interação é uma série pontuada e tal pontuação leva a resultados diferentes, embora interconectados, para os indivíduos envolvidos em uma mesma relação. A interpretação do relacionamento depende fundamentalmente do modo de se encarar as seqüências.

A perspectiva sistêmica dos pragmáticos, bem como as idéias centrais de Bateson, também acentua o todo em detrimento das partes. É uma maneira de se apropriar dos fenômenos que afasta a possibilidade de analisar a interação pela somatividade das partes, ou seja, chegar ao falso resultado da interação pela decomposição de A e de B. Pelo contrário, A e B são indissociáveis na relação. Os sistemas tomam as relações como unidades: “Os objetos dos sistemas interacionais são melhor descritos não como indivíduos mas como pessoas-comunicando-com-outras-pessoas.” (WATZLAWICK, BEAVIN, JACKSON, 1967, p.109). Mais uma vez há o reforço da perspectiva integrada proposta anteriormente por Bateson. Além de privilegiar a globalidade da interação, a teoria dos sistemas também acentua a inexorável junção entre as partes e o todo, de forma que as alterações em um dos elementos reconfiguram as relações em todas as escalas do próprio sistema:

Toda e qualquer parte de um sistema está relacionada de tal modo com as demais partes que uma mudança numa delas provocará uma mudança em todas as partes e no sistema total. Isto é, um sistema comporta-se não como um simples conjunto de elementos independentes, mas com um todo coeso e inseparável. (WATZLAWICK, BEAVIN, JACKSON, 1967, p.112)

Os pragmáticos analisam as relações como sistemas abertos que, ao contrário dos sistemas fechados, não são determinados pelas condições iniciais. Nos sistemas fechados, uma falha na condição inicial pode levar a um resultado errado ou até mesmo impossibilitar qualquer objetivo previamente traçado para se atingir um resultado. Um *software* é um exemplo de sistema fechado em que um eventual erro em uma das linhas de programação inviabiliza toda a cadeia de fatos que deveria transcorrer após o ponto em que houve o problema. Já nos sistemas abertos, há inúmeras possibilidades de se chegar a um determinado resultado, visto que as próprias relações que se desenvolvem durante o processo geram configurações múltiplas capazes de afetar todos os demais componentes que se ajustam continuamente. De forma ampliada, enquadrar um blog como sistema significa encará-lo em relação a diversos outros sistemas, tais como a Internet (e então o blog seria um subsistema em relação a este) ou à escrita como sistema de representação lingüística. Também podemos pensar o blog como um subsistema em relação ao sistema de mídia. Assim, nos afastamos da tentação sempre presente no momento de reflexão de analisar o objeto de estudo sem a necessária contextualização ou como elemento desgarrado dos demais objetos que habitam o mundo.

A compressão sistêmica interliga todos os elementos aparentemente dissociados, mas que devem ser apreendidos como uma totalidade rica em fronteiras permeáveis. A mirada sistêmica está ligada à própria concepção de ciência na contemporaneidade. Como alerta Santos (2003, p.56), “os objetos têm fronteiras cada vez menos definidas; são constituídos por anéis que se entrecruzam em teias complexas com os dos restantes objetos, a tal ponto que os objetos em si não são menos reais que as relações entre eles”. A partir da dimensão interna de nosso objeto, tomar o blog como sistema significa analisar todas as interações como ações que agem sobre o todo e reconfiguram as relações futuras. Um *post* do dono do blog, o comentário de um internauta, o texto de um colaborador são intervenções que agem em toda a cadeia interativa ao mesmo tempo em que, imediatamente após o momento da publicação, tornam-se pontos da cadeia aptos a conformar novas interações. Também a pontuação da seqüência de eventos descrita pela pragmática nos parece rica para se compreender os padrões interativos. Somente no momento em que se percebe a forma como os indivíduos usam os estímulos dos outros para justificar suas próprias ações e interpretar a relação, podemos descrever padrões

emergentes das interações. Sem a pontuação de eventos o trabalho do pesquisador se inviabiliza, pois a busca por padrões, por regularidades, supõe o reconhecimento de unidades (ou conjuntos) mais ou menos estáveis no tempo e no espaço. Encontrar os pontos nos quais os indivíduos se apóiam para entrar em interação é uma forma de demarcar e categorizar as unidades que podem ou não, em uma perspectiva temporal, configurar como padrão.

Diante de tantos autores e teorias apresentados, tomemos como exemplo o seguinte diálogo entre internautas extraído de nosso objeto empírico, o Blog do Noblat<sup>12</sup>, para explicar como reflexões aparentemente tão distantes da realidade das novas tecnologias da comunicação são essenciais para compreender os fenômenos contemporâneos:

**Apelido: Maquinalove - 19/1/2007 - 16:33**

Pensando bem, dá um caldo: "Os 2 Filhos de Francisco II - A Eleição". Será que arrumo um patrocínio na Petro?

**Nome: Stone Cold - 19/01/2007 16:35**

Maquinalove - 19/1/2007 - 16:33 Se não arrumar na Petro, peça uma cartinha de recomendação a ZD que ele arruma algum financiamento. Quem sabe ele até te apresenta o Lulinha e você se associa a ele.

**Apelido: Maquinalove - 19/01/2007 16:43**

Stone Cold - Não, tô fora. Tem que ser como o FHC - sem influência, tudo transparente, tudo bonitinho. Mas não sou cineasta, só estou brincando.

**Nome: Stone Cold - 19/01/2007 16:44**

Mas não ser cineasta não seria problema. Com um sócio destes dava pra levantar uma grana preta.

**Apelido: Maquinalove - 19/01/2007 16:49**

Stone Cold - Não quero grana, ao menos, não desse tipo. E eu jamais seria cineasta no Brasil. Não entendo uma atividade que só consegue sobreviver às custas de patrocínios, a maioria de empresas estatais.

**Nome: Stone Cold - 19/01/2007 16:51**

Maquinalove - 19/1/2007 - 16:49 Deve ser duro mesmo andar por aí com o pires na mão tentando recolher algum dinheiro para fazer um filme ou um espetáculo. Não leve a mal a brincadeira.

No exemplo acima, dois internautas que se apresentam pelos codinomes *Maquinalove* e *Stone Cold* dialogam a partir de um *post*<sup>13</sup> publicado no dia 19 de janeiro de 2007 no blog analisado. Nas linhas em negrito estão destacados os nomes (apelido) de cada um dos internautas, o dia e a hora da publicação dos comentários. Abaixo da identificação do autor e da data está o comentário de fato. Todo comentário começa com o nome daquele para quem a mensagem é destinada (a única exceção é o comentário de 16h44, que é logo inserido na cadeia e respondido). Tal artifício é usado pelos participantes do debate para não gerar dúvidas quanto ao alvo da intervenção. Logo se percebe que os seis comentários são publicados num intervalo de apenas dezoito minutos, entre 16h33 e 16h51. Em meio a

<sup>12</sup> <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/>

<sup>13</sup> Cada intervenção (seja texto, imagem ou vídeo) publicada no corpo do blog recebe a denominação de *post*.

dezenas de outras conversas simultâneas, a dupla se engaja em uma interação comunicativa na qual a cadeia circular revela estímulos e respostas que se afetam mutuamente durante o transcurso do evento. Notamos que cada ponto da dinâmica interativa realimenta e reconfigura a relação. *Maquinalove* usa um tom sarcástico em relação ao governo petista de Luiz Inácio Lula da Silva para dizer que vai tentar patrocínio da empresa estatal Petrobras para produzir um filme. *Stone Cold* logo reage ao estímulo (que não era dirigido inicialmente a ele) e diz que outro caminho para obter dinheiro público é pedir ao ex-ministro José Dirceu (ou ZD, “Zé Dirceu”). O primeiro logo trata de explicar que não é cineasta e revela que patrocínio transparente só poderia ser obtido com FHC (o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso). Assim, por meio de um ato reflexivo mediado pela linguagem (um símbolo significante), algo que constitui o *self* de *Maquinalove* (sua personalidade na interação) foi revelado: uma admiração pelo ex-presidente filiado ao PSDB. *Stone Cold* novamente reage ao estímulo e diz que não é necessário ser cineasta para obter benefícios financeiros do governo. A interação segue, então, em uma cadeia constante de retroalimentação em que a cada instante um dos participantes é estimulado a reagir reflexivamente. Do ponto de vista de *Stone Cold*, a seqüência pode ser pontuada a partir do comentário de 16h33, uma vez que ele tomou uma intervenção de *Maquinalove* para iniciar a interação. Já para este último, a interação não teria começado com sua própria intervenção às 16h33, mas às 16h35, quando teria percebido um estímulo diretamente dirigido a ele por outro participante.

A interação descrita acima revela a importância dos conceitos cunhados pelas teorias abordadas nesta seção. Partindo de Simmel (1983), podemos dizer que a conversa transcorre em vias convergentes, não havendo conflito, como em outros casos que serão analisados no andamento da pesquisa. Os indivíduos envolvidos nas trocas agem reflexivamente para afetar mutuamente o outro por meio de símbolos significantes como descrito por Mead (1953). Os conceitos de Goffman (1975) revelam que os atores *Maquinalove* e *Stone Cold* encenam em uma região de fachada definida pelo contexto (mediado, conversacional, etc). Num primeiro momento cada um dos pólos parece assumir um papel de ator individual para a platéia representada pelo interlocutor, mas a interação tomada como um todo revela que eles se unem para formar uma equipe com a finalidade de difamar o governo Lula frente a uma platéia mais ampla (os leitores do blog). Todo o diálogo analisado é, à luz da cibernética de Wiener (1970), realimentado continuamente pelas ações que mutuamente se afetam e reordenam as futuras intervenções. Aqui evocamos a forma indissociável das interações. Como salienta Bateson (1986), a interação não é apenas a soma das atitudes de *Maquinalove* e *Stone Cold*, mas o todo construído no seio da relação. Em vista da teoria de Watzlawick, Beavin e Jackson

já salientamos as diferentes formas de se pontuar as seqüências interativas a partir da ação interessada dos participantes. Também conforme as idéias dos pragmáticos, pode-se observar que a curta cadeia interativa de seis comentários sumariamente descrita se inscreve em uma perspectiva sistêmica e produz efeitos no blog tomado como o “todo” onde ocorrem as relações. Cada comentário é passível de significações e pode gerar novas relações. Além disso, a interação transcorre como um sistema aberto, ou seja, as próprias intervenções entre *Maquinalove* e *Stone Cold* são capazes de se ajustar em busca de um resultado que pode ser obtido por vias diferentes. Não há linearidade e nem causalidade tal como nos sistemas fechados nos quais os resultados são intrinsecamente dependentes das condições iniciais.

No entanto, as relações face a face analisadas pelos pensadores clássicos aqui convocados não se reproduz integralmente em nosso objeto, pois a mediação tecnológica reconfigura processos e nos obriga a refletir sobre as similaridades e mudanças em relação a outros tipos de interação social. Para compreendermos melhor as relações no ciberespaço vamos, portanto, avançar agora no estudo das interações mediadas por computador a partir de referenciais que levam em conta o aparato tecnológico.

### **1.3 – Interação mediada por computador**

Antes de enfrentarmos o desafio de abordar teórica e conceitualmente a interação mediada por computador, faz-se necessário a breve exposição de três noções caras à temática – mediação, técnica e tecnologia – além de deixar evidente um alerta para se escapar ao ardiloso discurso da substituição tecnológica. As experiências sociais são mediadas. Uma pessoa que tropeça e torce o pé tem uma experiência individual. Quando a mesma pessoa pede ajuda para se locomover após torcer o pé, inevitavelmente se envolve em uma experiência mediada, seja pela linguagem verbal ou por meio de qualquer outro gesto significativo inscrito na ordem da reflexividade e capaz de gerar um estímulo no outro indivíduo envolvido na relação (MEAD,1953). Tornar um gesto significativo para outrem é dotá-lo de uma capacidade mediadora entre os atos expressivos dos indivíduos que se interpretam durante a interação. Se toda experiência social é mediada, o contrário também é verdadeiro: toda mediação é um ato eminentemente social. A mediação é a circulação de significados a partir da qual Silverstone (2002, p.42) ressalta que “todos nós somos mediadores, e os significados que criamos são, eles próprios, nômades”. A mediação abrange

tanto a dimensão criativa (produção de significados) quanto hermenêutica (interpretação de significados). A essência da mediação está atrelada às duas dimensões. Os significados não podem ser apreendidos a partir somente da análise de uma pretensa fonte criativa (instância produtora) ou numa hipotética entidade interpretadora (destinatário). Daí a recorrente dualidade apontada por Orozco Gómez (2006) nos estudos sobre mediação, que com frequência parte de uma visão tecnocêntrica<sup>14</sup>, que privilegia o desenvolvimento tecnológico, sem levar em consideração outras variáveis; ou sociocêntrica, com foco na cultura e nas interfaces com outras disciplinas humanísticas, que sempre corre o risco de tratar os meios de comunicação como meros transmissores de mensagens e dotam os receptores de uma autonomia absoluta.

A história da humanidade pode ser contada a partir dos aparatos técnicos usados para ampliar o alcance das trocas ou resolver problemas de mediação. Técnica e tecnologia são termos bastante próximos e amplamente usados como sinônimo, mas guardam singularidades que ajudam a compreender a importância de ambos os conceitos para o desenvolvimento das interações humanas. Lemos (2004) parte das idéias expostas pelo filósofo Martin Heidegger para apontar distinções entre técnica e tecnologia. Técnica está associada ao modo de existência do homem no mundo, à sua própria atividade. Para Heidegger, o homem é um ser técnico. Já a tecnologia surge a partir do desenvolvimento da ciência moderna no século XVII. É, portanto, “resultado do casamento entre a ciência e a técnica num processo de cientificação da técnica e de tecnização da ciência” (LEMOS, 2004, p.36). A técnica é anterior à ciência e se ampara nesta para se desenvolver como tecnologia. Assim, chega-se à conclusão de que a linguagem verbal, por exemplo, é uma técnica, enquanto a TV, o rádio ou o computador são tecnologias, mas todos são importantes mediadores sociais.

Um importante alerta está ligado à idéia de substituição que comumente permeia os textos sobre as novas tecnologias de comunicação. Não se pode analisar a interação mediada por computador como mera substituição ou uma evolução linear e previsível que suplanta os demais aparatos técnicos, principalmente aqueles ligados à comunicação de massa, como o rádio, a TV, o jornal, etc. As previsões sobre a extinção dos jornais impressos ou a migração total da programação televisiva para as telas dos computadores permeiam as discussões contemporâneas. Há uma tendência em comparar as lógicas que regulam cada instância mediadora para apontar diferenças e similaridades. Claro que tal estratégia pode ajudar a identificar as singularidades de cada elemento e os pontos comuns entre as formas analisadas,

---

<sup>14</sup> Regularmente denominada também por mediocêntrica, com o objetivo de salientar a equivocada supremacia dos meios de comunicação nos processos analíticos sobre a mediação.

como veremos adiante, mas reter-se à atitude meramente comparativa isola os termos ao invés de ajudar a compreender os mecanismos que unem os diversos meios em lógicas de convergência e complementariedade. O uso social dos aparatos mediadores deve sempre ser levado em conta. Apenas as ações sociais são capazes de alterar o destino de um meio de comunicação. Como explicam Braga e Calazans (2001, p.19), “competências e processos expressivos e de comunicação específicos não desaparecem em consequência de novas tecnologias – mas apenas se e quando a sociedade não lhes atribui mais interesse e não lhes dirige mais expectativas”. Partindo da mesma perspectiva, Orozco Gómez (2006, p.84) diz que meios “velhos” e “novos” continuamente se unem para formar “ecossistemas comunicativos cada vez mais complexos”.

Esclarecidos alguns pontos relevantes em relação à mediação e às novas tecnologias da comunicação, cabe agora iniciar o debate em profundidade sobre a interação mediada por computador, campo central da presente pesquisa. O quadro de referência apresentado por Thompson (2005), apesar de não tratar especificamente da tecnologia informática, auxilia a compreensão dos processos que caracterizam os atos comunicativos no ciberespaço. O autor defende que, paralelamente ao desenvolvimento da mídia, ocorreu um enriquecimento da organização reflexiva do *self*<sup>15</sup> (a natureza do eu). O *self* é cada vez mais alimentado por material simbólico mediado responsável por possibilitar o “conhecimento não-local”, que por sua vez é reorganizado no próprio local da experiência física e cotidiana dos indivíduos. As alterações na mediação instauradas por novas tecnologias provocam um deslocamento simbólico de tal forma que “hoje vivemos num mundo no qual a capacidade de experimentar se desligou da atividade de encontrar” (THOMPSON, 2005, p.182). Pensando em uma situação limite, pode-se argumentar que as tecnologias de mediação (aqui encarnadas como os meios de comunicação de massa) permitem intimidades não recíprocas, algo impensável nas interações face a face. É o caso dos laços formados entre fã e ídolo, sendo que a veneração do primeiro se alimenta, entre outros fatores, da distância mantida na relação, enquanto o segundo sequer sabe da existência individual daquele, que está integrado e homogeneizado num “público fã”.

Ao mesmo tempo em que salienta um visível enriquecimento do *self* com a ampliação do material simbólico disponível, Thompson também aborda aspectos negativos da mediação ampliada por aparatos tecnológicos. O autor lista quatro principais riscos: 1) potencialização da transmissão de mensagens ideológicas; 2) pouco ou nenhum acesso por parte dos

---

<sup>15</sup> Thompson admite que seu pensamento se alimenta em parte da tradição fundada pelo interacionismo simbólico.

indivíduos às instâncias de produção; 3) efeito desorientador devido à profusão de mensagens; 4) absorção do *self*, na medida em que os materiais simbólicos mediados passam a agir como fonte central na vida dos indivíduos. Para se compreender a evolução da mediação a partir do advento de técnicas e tecnologias, Thompson distingue três categorias de interação – face a face, mediada, quase-interação mediada – que se agrupam ou se distinguem a partir de quatro características – espaço-tempo, deixas simbólicas, orientação da interação, tipo de interação (dialogal ou monológica).

A interação face a face é integralmente realizada com a presença física dos agentes envolvidos. Os indivíduos engajados na relação dividem o mesmo lugar no instante da comunicação, de modo que o referencial espaço-tempo é comum a todos os participantes. As trocas síncronas e presenciais permitem uma multiplicidade de deixas simbólicas, sendo que possíveis falhas na comunicação podem ser corrigidas por uma expressão gestual ou mesmo uma simples piscadela. O corpo e suas diversas possibilidades comunicativas tornam-se instrumento central para garantir o sucesso da relação. A interação possui agentes determinados, de modo que os envolvidos dirigem suas mensagens a outros específicos. Todo o quadro da interação face a face é, portanto, definida pelo diálogo. Duas pessoas que se encontram neste tipo de interação dificilmente deixarão de se compreender mutuamente, seja para o bem ou para o mal, o conteúdo não está em questão. Uma expressão de cólera será rapidamente assimilada para quem os olhos cheios de ódio se dirigem.

Já a interação mediada, segundo Thompson, abre caminho para a comunicação por meio de artefatos técnicos e tecnológicos como carta e telefone. Há uma nítida ampliação das distâncias espaciais ou temporais (em certos casos amplia-se simultaneamente a dimensão espaço-temporal, como no caso do telefone). A interação mediada restringe bastante a possibilidade de deixas simbólicas. No caso de cartas, por exemplo, todas as informações devem estar num pedaço de papel que outra pessoa vai receber. A vasta gama de possibilidade gestual presente na interação face a face desaparece. Isso não quer dizer que as interações mediadas são mais “frias” que as presenciais. Uma carta pode emocionar um ente ou amigo que mora longe e há muito tempo não se vê pessoalmente. Os gestos da interação face a face dão lugar à habilidade de quem comunica em manipular a escrita. O tempo da troca de cartas sofre dilatação entre a produção da mensagem e sua decodificação. Os agentes estão cientes de que escrevem para pessoas que lerão em um tempo futuro e os que recebem sabem que o ato que originou a carta está inscrito no passado. A mesma limitação de deixas simbólicas se realiza em conversas por telefone que, mesmo ocorrendo de forma síncrona, não permitem a visualização do interlocutor. A mediação por telefone limita até mesmo o uso da linguagem.

Enunciados que obrigam a co-presença como “Olha o que eu tenho na minha mão” ou “Este livro é tão bom” não podem ser usados sem a complementação ou a prévia explicação do referencial. Do outro lado da linha viriam inevitavelmente as perguntas: “O que você tem na mão?” ou “Que livro?”. Os enunciados carecem, portanto, de maior detalhamento para se diminuir os riscos de falhas no processo comunicativo. Apesar das diferenças, as interações mediadas guardam semelhanças com a interação face a face, como o processo dialógico orientado para interlocutores específicos. Em resumo, pode-se dizer que interação mediada promove a separação dos contextos ao dilatar as dimensões espaciais e temporais, apresenta significativa limitação das possibilidades de deixas simbólicas, orienta-se para outros específicos e é regida pelo diálogo.

O terceiro tipo de interação descrita por Thompson aborda justamente os meios de comunicação de massa, como jornal, rádio, TV e livros. O termo quase-interação mediada é alvo de críticas, afinal, o que seria uma quase-interação? Uma hipotética relação pela metade pode levar assim mesmo o nome de interação? O termo realmente parece ser uma escolha infeliz, mas, para além das críticas, a quase-interação mediada apresenta duas importantes distinções em relação às interações face a face e mediadas. Em primeiro lugar, a comunicação não se dirige a outros específicos e a interação é quase sempre destinada a um “público” ou a uma “audiência”. Atrelado à ausência de orientação específica está outra importante faceta da quase-interação, seu caráter monológico. O fluxo da comunicação segue predominantemente em sentido único. Evidente que tal análise dos meios de comunicação de massa não é ponto passivo entre os teóricos da comunicação. Como exposto no início deste capítulo, Braga (2000) diz que a circulação de qualquer produto midiático instaura uma efetiva interação que está tanto na instância produtora quanto no pólo receptor, que deve estar apto a promover edições no produto para garantir um alto grau de interação. Não estamos negando o subsistema de resposta social (BRAGA, 2006) descrito na seção 1.1, contudo, ao descrever os meios de comunicação de massa como monológicos, Thompson delinea um importante ponto de análise, pois nem mesmo brechas como a possibilidade de se chegar aos produtores por meio de telefonemas ou de cartas reduz o caráter centralizado da emissão. A virtude desta análise repousa justamente em olhar para o caráter das relações. Um telejornal é realizado por uma equipe de especialistas, desde a reunião de pauta até a veiculação do noticiário, passando pela produção, reportagem, edição e demais etapas de um processo determinado de ponta a ponta por uma equipe de profissionais. Pesquisas de opinião junto à audiência ajudam a traçar as metas para manter o público atento e tentar ampliar a gama de telespectadores, mas tais pesquisas não dão conta de todos os detalhes acerca do público, que inevitavelmente se funde

em uma homogeneidade aos olhos dos produtores. Quanto às deixas simbólicas, elas são também limitadas, como ocorre nas interações mediadas. No rádio não há qualquer possibilidade de se recorrer a artimanhas visuais para explicar os significados. Na TV, a não-reciprocidade simultânea acaba por limitar o potencial que surge da união entre som e imagem. O telespectador, ao franzir a testa diante de uma informação incompreensível, não inicia uma troca interpessoal com o apresentador do programa. Além disso, elementos que podem servir como deixas simbólicas na interação face a face, como o odor, não podem ser explorados pela TV.

A quase-interação também potencializa a separação de contextos já encontrada na interação mediada. Os produtos se destinam a um público que não está no mesmo local da produção. O tempo da quase-interação pode ser síncrono, como numa transmissão ao vivo, ou assíncrono, tal qual um filme exibido em uma sala de cinema. A tabela a seguir resume os três tipos de interação:

<b>Características Interativas</b>	<b>Interação face a face</b>	<b>Interação mediada</b>	<b>Quase-interação mediada</b>
Espaço-tempo	Contexto de co-presença; sistema referencial espaço-temporal comum	Separação dos contextos; disponibilidade estendida no espaço e no tempo	Separação dos contextos; disponibilidade estendida no espaço e no tempo
Possibilidade de deixas simbólicas	Multiplicidade de deixas simbólicas	Limitação das possibilidades de deixas simbólicas	Limitação das possibilidades de deixas simbólicas
Orientação da atividade	Orientada para outros específicos	Orientada para outros específicos	Orientada para um número indefinido de receptores potenciais
Dialogal/Monológica	Dialogal	Dialogal	Monológica

Tabela 1 - Tipos de interação - Fonte: THOMPSON 2005, p.80

É óbvio que as interações não ocorrem de maneira estanque. Um casal de namorados diante do aparelho televisor que exhibe um *talk show* pode trocar olhares cúmplices enquanto um deles conversa ao telefone celular. Os namorados estão, portanto, envolvidos nos três tipos de interação apresentados. O próprio Thompson (2005, p.81) adverte que a separação dos tipos de interação funciona como um “dispositivo heurístico cujo valor deveria ser julgado por sua utilidade; pode-se deixar aberta a possibilidade de que uma estrutura analítica mais elaborada venha a ser requerida para finalidades específicas”.

Em vista do quadro apresentado, fica premente uma questão contemporânea: como ficariam as novas tecnologias da comunicação, mais especificamente a interconexão de

computadores, a partir das características “espaço-tempo”, “possibilidades de deixas simbólicas”, “orientação da atividade” e “tipo de interação”? As deixas simbólicas são ampliadas ou reduzidas? A comunicação é dialogal ou monológica? Veremos que a situação se torna bastante complexa e inviabiliza o enquadramento generalizado da interação mediada por computador no modelo de Thompson.

Antes de partimos para o enquadramento da comunicação mediada por computador, cabe ressaltar uma importante característica fundada pelo avanço da informática: a convergência. A digitalização permite que um livro, uma emissora de rádio, um canal de TV, sejam veiculados na tela do computador ou em caixas de som acopladas a este. É evidente que não se trata de uma simples transposição e que a passagem instaurada pela digitalização deve ser problematizada. As experiências de se assistir a um programa diretamente pela TV ou na tela do computador não podem ser igualadas. Entretanto, para os fins aqui propostos, a convergência ajuda a compreender a co-existência de modelos interativos no ambiente informático. Para se obter uma cópia digital de “Memórias póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis, basta entrar em um dos diversos sites de *e-book*, digitar o que se está procurando ou simplesmente explorar os títulos disponíveis e, então, fazer o download do livro desejado. Muitos sites disponibilizam os livros digitais gratuitamente, como no caso mencionado para obter “Memórias Póstumas de Brás Cubas”<sup>16</sup>. Da mesma forma, basta acessar o site da Jovem Pan<sup>17</sup> para acompanhar ao vivo a programação da rádio FM. Diversos canais de TV são transmitidos pela web, alguns como os concorrentes Band News e Globo News são exclusivos para assinantes dos portais Uol e Globo.com, respectivamente. Os sistemas de distribuição pagos atrelados aos portais revelam que os modelos de negócios também são reconfigurados pelas novas tecnologias. Assim, uma característica fundadora da interação mediada por computador é a convergência ou multimídia<sup>18</sup>, que permite a veiculação de materiais produzidos para diferentes suportes.

Os exemplos expostos até aqui revelam que os três tipos de interação abordados por Thompson estão presentes na internet. Mas outras tantas formas de comunicação que apresentam semelhanças ou diferenças em relação aos modelos apresentadas estão presentes no ciberespaço. Em um *chat*, por exemplo, várias pessoas podem conversar simultaneamente por meio da linguagem verbal. As conversas são travadas entre indivíduos que nunca se viram

---

<sup>16</sup> Esta obra pode ser baixada em: <http://www.ebookcult.com.br/acervo/livro.php?L=145&cat=FIC004000>. Acesso em 01/10/07

<sup>17</sup> <http://www.jovempanfm.com.br/>. Acesso em 01/10/07

<sup>18</sup> MIELNICZUK (2003) trata como sinônimo os termos convergência e multimídia. Assumimos aqui a mesma postura.

pessoalmente e iniciam as primeiras trocas no instante em que estão simultaneamente conectados ou entre amigos que freqüentam regularmente a mesma sala de bate-papo virtual. As interações podem, portanto, ser orientadas para um número indefinido de receptores, como no enunciado “Olá, alguém afim de te?”<sup>19</sup> ou para outros específicos no caso de pessoas que já se reconhecem em tais ambientes ou fora deles. As deixas simbólicas neste caso são limitadas pelo uso da linguagem verbal ou alguns poucos caracteres visuais que podem ser disponibilizados pelo serviço de *chat*. Há, como na interação mediada e na quase-interação, um alargamento da dimensão espacial, mas as trocas são síncronas e dialogais.

Outra forma de interação bastante difundida no ciberespaço é propiciada pelo *e-mail* ou correio eletrônico. É um tipo de mediação que se assemelha às cartas, mas pode apresentar características próprias em situações específicas. Se um *e-mail* é enviado a uma pessoa que está conectada à rede, esta pode responder prontamente à mensagem original. A partir daí, a troca de *e-mails* pode gerar uma relação síncrona e dialogal, havendo, é claro, o alargamento da temporalidade em relação à interação face a face. O intervalo entre as intervenções amplia-se para a ordem dos minutos e é, portanto, mais lento que aquele observado na situação de co-presença. Em outra situação comum nas trocas de mensagens eletrônicas, a orientação da atividade interativa pode ser drasticamente alterada. É o caso de *e-mails* vinculados a uma lista de discussão na qual uma mensagem pode ser enviada para todos os participantes. A interação pode tanto ser realizada com outros específicos - como em uma lista de discussão dos professores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG - ou para um número indefinido de receptores potenciais – como é caso de listas de discussão com temática genérica e que abrigam grande número de participantes que não se conhecem. Nem mesmo a separação de contextos físicos parece nortear a classificação do e-mail, visto que em ambientes empresariais é comum a troca de mensagens entre profissionais que por vezes ocupam a mesma sala ou escritório. Ainda mais comum é a conversa via comunicadores instantâneos (como o MSN) em conversas reservadas entre indivíduos co-presentes.

O grande leque das deixas simbólicas características da interação face a face pode ser, em alguma medida, quase totalmente viabilizado por meio do computador. Em conversas pelo VoIP (Voz sobre IP) é possível interagir com outra pessoa utilizando a internet como suporte de transmissão de dados sonoros, à semelhança do que ocorre por meio de linhas telefônicas. Tal serviço pode ser simultaneamente integrado a dispositivos que permitem visualizar a imagem da pessoa com quem se dialoga, via webcam, por exemplo, gerando um ambiente

---

<sup>19</sup> “TC” significa teclar na linguagem própria desse ambiente. Trata-se de um convite genérico para se iniciar uma conversa.

interacional rico que possibilita uma ampla gama de deixas simbólicas auditivas e visuais, apesar de ainda apresentar limitações em relação à interação presencial, como os estímulos olfativos ou táteis.

O três exemplos de comunicação descritos acima (*chat*, *e-mail* e VoIP+webcam) mesclam características da interação face a face e da interação mediada, além de co-habitarem o mesmo dispositivo capaz de reproduzir a quase-interação mediada. Não queremos pôr em dúvida o modelo de Thompson, mas demonstrar que, quando analisamos a interação mediada por computador, cada uma das quatro características propostas pelo autor (espaço-tempo, deixas simbólicas, orientação da atividade, dialogal/monológica) apresenta ampla possibilidade no ciberespaço. A identificação e classificação só são possíveis a partir da delimitação do que de fato se faz na rede. Se fôssemos inserir um quarto tipo de interação, a tabela de Thompson ficaria assim:

Característica interativa	Interação mediada por computador
Espaço-tempo	Contexto de co-presença/Separação de contextos; Sistema referencial espaço-temporal comum/Disponibilidade estendida no tempo e no espaço
Possibilidade de deixas simbólicas	Multiplicidade de deixas simbólicas/Limitação da possibilidades de deixas simbólicas
Orientação da atividade	Orientada para outros específicos/Orientada para um número indefinido de receptores potenciais
Dialogal/monológica	Dialogal/Monológica

Tabela 2 - A interação mediada por computador a partir das características propostas por Thompson

Diante da exposição, defendemos que as análises de características interativas no ciberespaço devem ser examinadas caso a caso. Lemos (2002a), salienta que a convergência possibilita a simultaneidade sensorial e reconfigura a forma como devemos encarar a internet:

Ela não é uma mídia, mas um (novo) ambiente midiático, uma incubadora espontânea de instrumentos de comunicação, um sistema auto-organizativo criativo. (...) Além de criar novos instrumentos, a Rede acolhe também as mídias de massa, como os jornais, as rádios, as TVs, agora em formato digital. (LEMOS, 2002a, p.123)

Não podemos tentar classificar em um esquema rígido um ambiente no qual a complexidade é capaz de abrigar os mais diversos formatos, sob o risco de dizer que “tudo pode na internet” e nada explicar a partir daí. Nossa posição parte justamente do fato de que se deve evitar uma perspectiva generalista para se adotar, então, um caráter mais cauteloso e

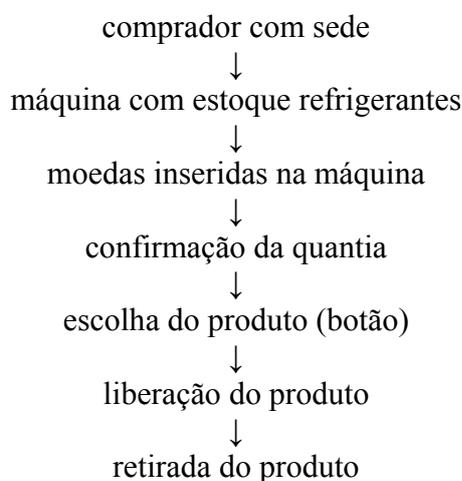
dirigido para os “produtos” que encontram abrigo na “incubadora espontânea de instrumentos de comunicação”. Ao invés de dizer que as interações mediadas por computador são dialogais, orientadas para interlocutores específicos, ricas em deixas simbólicas e promovem a separação do contexto espacial – o que seria um grave erro de generalização – acreditamos que a melhor (e talvez a única) forma de se olhar para o ciberespaço é focar nas práticas emergentes, mesmo que estas sejam apenas ações transpositivas de modelos preexistentes. Assim, devemos promover a classificação particular de *chats*, blogs, sites jornalísticos, *e-mails*, transmissões radiofônicas e televisivas, jogos on-line, projetos colaborativos como a Wikipédia e outros tantos formatos “gestados” na internet. A mudança de escala que passa do ciberespaço para seus produtos é essencial à análise. No caso específico da presente pesquisa interessa saber primordialmente as características interativas dos blogs e, particularmente, do Blog do Noblat, nosso objeto empírico. Tal caracterização será realizada no desenvolvimento da análise.

Outra dificuldade encontrada nas pesquisas sobre interação mediada por computador está relacionada à dimensão interativa empregada como foco de análise, ou seja, ora se trata da relação homem-computador, ora se aborda a relação homem-homem e ambas, por vezes, são apropriadas sem o necessário distanciamento crítico. Para afastar o risco de utilizar “interatividade” como um termo guarda-chuva, Primo (2007) distingue dois tipos de interação: reativa e mútua. São categorias que avaliam o nível relacional com foco nos participantes e permitem, por exemplo, problematizar e questionar um pretensão diálogo homem-máquina.

O autor argumenta que o avanço tecnológico quase sempre é amparado pelo discurso mercadológico focado em estratégias de sedução para estimular as vendas dos produtos ditos “interativos”. É assim com o sistema *pay-per-view*, no qual o telespectador gozaria de uma grande liberdade de escolha na hora de comprar a programação que deseja. Primo recorre às críticas de Jean Baudrillard e Lucien Sfez, que questionam a interatividade como projeto de dominação e de venda, para salientar o fato de que tanto o *pay-per-view* quanto o próprio controle remoto da televisão fornecem interações, mas apenas reativas, já que as escolhas são limitadas por determinações prévias de agentes externos. Já a interação mútua apresenta uma afetação recíproca entre indivíduos que se engajam num processo de negociação responsável por construir a relação justamente no momento do encontro, seja ele físico ou mediado. Claro que o momento da interação pode ser diferido no tempo, como já ressaltado no caso exemplar dos *e-mails*, mas a interação mútua sempre toma como fundamento as relações entre as pessoas.

Destacamos duas características da interação reativa debatida por Alex Primo para ajudar a clarear o conceito: condicionamento e predeterminação. Afirmar que uma interação é condicionada significa dizer que ela se dirige para um determinado fim e segue um plano definido para se alcançar a meta desejada. Sistemas informáticos sempre se dirigem a um fim, de modo que os computadores estão sempre condicionados a realizar tarefas com finalidades bem delimitadas. Outra característica, a predeterminação, revela o peso das ações exteriores no mecanismo da interação reativa. Todas as possibilidades inscritas em contextos reativos são determinadas de antemão. Por mais diversos que sejam os percursos, estes já estão dados e cabe ao indivíduo escolher os caminhos predeterminados. Pode-se dizer que tanto o condicionamento quanto a predeterminação impõem à interação uma cadeia linear de causalidade, de modo que as condições iniciais são essenciais para o sucesso da operação. O erro de um único dígito na imensa série binária que faz funcionar um *software* pode não apenas comprometer todo o desempenho, mas até mesmo interromper o uso do programa. Como exposto na seção 1.2, o software é um sistema fechado que, diferentemente dos sistemas abertos descritos pelos pragmáticos, atende a uma forma única de se atingir os resultados desejados.

Em graus diferentes, tanto uma máquina de vender refrigerante<sup>20</sup> quanto um site apresentam características reativas. Entre o indivíduo que compra refrigerante e a máquina desencadeia-se uma linha de sucessivos estímulos e respostas: 1) a máquina chama a atenção do comprador; 2) o comprador insere as moedas; 3) a máquina então mostra que a quantia fornecida está certa; 4) o comprador aperta um botão para escolher o refrigerante; 5) a máquina libera o produto escolhido; 6) o comprador retira a lata. A unidirecionalidade dos instantes interativos pode ser descrita pelo seguinte diagrama:



---

<sup>20</sup> O exemplo da máquina de vender é exposto por Primo (2007) a partir de conceitos extraídos de RAFAELI, Sheizaf. Interactivity: from new media to communication. In: *Sage annual review of communication research: advancing communication science*. Beverly Hills: Sage, 1988.

Um erro qualquer no funcionamento da máquina no momento da contagem do dinheiro inviabilizaria a venda. Não se pode pedir um desconto ou trocar uma lata amassada. Todas as opções e os dados que a máquina precisa para operar já estão condicionados e predeterminados. Um site comporta-se da mesma maneira ao disponibilizar links. Não negamos que a escrita hipertextual é interativa, mas trata-se de uma interação reativa. Por mais amplas que sejam as opções oferecidas e os caminhos traçados, o internauta anda por mapas previamente definidos por quem desenvolveu as interfaces. Um link sempre vai levar a um outro ponto no ciberespaço. Um site pode conter interação mútua, ou seja, pode propiciar ações recíprocas entre os internautas, mas antes de se aferir tal característica, pode-se apenas dizer que ele guarda características reativas.

Os exemplos revelam que não há negociação em interações reativas. Estímulos e respostas estão enquadrados em rígidos padrões. Nas interações mútuas ocorre o inverso. A negociação entre os indivíduos emerge da ação recíproca, cooperativa e criativa. Não se pode prever a evolução da interação. Ao contrário das máquinas, os seres humanos são capazes de operar em condições complexas e indeterminadas. Nenhum relacionamento interpessoal é previamente constituído, visto que somente a interação constrói os laços. Qualquer perspectiva de causalidade é afastada quando se nota a reordenação das ações a partir das referências geradas durante a relação. Enquanto na interação reativa as condições iniciais determinam as ações futuras e pode-se, inclusive, eliminar uma linha de comando indesejada,

... em interações mútuas, ao contrário, um comportamento não pode ser apagado ou retirado. (...) Uma ofensa através de um e-mail, por exemplo, é um evento no tempo que não pode ser retirado da evolução da interação. O conflito gerado por aquele texto será trabalhado no curso de novos eventos comunicativos. O redator da mensagem pode pedir desculpas, mas essa ação constituirá um novo evento na seqüência de eventos. (PRIMO, 2007, p.115)

Primo ainda afasta qualquer possibilidade de atribuir capacidade de aprender às máquinas ao analisar pesquisas que lidam com a Inteligência Artificial, pois, segundo ele, todos os projetos seguem a linha behaviorista de isolar estímulos (*inputs*) e respostas (*outputs*). Para o autor, os programas (e as máquinas por extensão) operam por sintaxe e não por semântica, característica que afasta qualquer possibilidade de gerar significados e, portanto, conhecimento.

Nossa análise sobre um blog jornalístico contempla interações mútuas discursivamente mediadas. O foco se direciona para as relações interpessoais que encontram no blog um ambiente propício para a exposição e confronto de idéias. Como veremos adiante, a passagem

das páginas pessoais ancoradas em textos e links para os blogs com caixas de comentário representa a passagem do reativo para o mútuo. As pessoas conversam entre si e não apenas respondem a estímulos previamente determinados. Nosso foco se direciona às relações interpessoais que encontram no blog um ambiente propício à exposição e confronto de idéias.

Observamos os discursos à procura de padrões nas interações, padrões que são conformados pelo blog jornalístico. O problema de pesquisa se orienta, portanto, para a apreensão e análise das regularidades que revelam um determinado modo de relacionar próprio do ambiente blog. O objetivo é compreender como o dispositivo age para fazer emergir padrões interativos. Elegemos como objeto empírico o Blog do Noblat, blog jornalístico brasileiro de grande audiência mantido pelo jornalista Ricardo Noblat e cuja observação prévia revelou ser um ambiente rico em interações.

Para alcançar os objetivos propostos devemos ter em mente uma pergunta: Como o blog jornalístico conforma padrões interativos entre os leitores? A partir da classificação dos *posts* e dos comentários (ambos reconhecidos como enunciados) poderemos agrupar as interações, caso o mesmo tipo de interação seja encontrado regularmente no conjunto de *posts* que compõe a presente pesquisa. Para nortear a pesquisa formulamos a hipótese de que os padrões emergem pela orientação básica dos conteúdos dos *posts*. Seriam os conteúdos responsáveis por enredar os sujeitos em conversações ou há outras formas interativas alheias à temática jornalística encontrada no Blog do Noblat?

#### **1.4 – A interação no blog: enunciado, dispositivo e gênero**

O estudo comunicacional de um blog jornalístico é o estudo dos atos de fala – são atos de fala limitados pelo aparato tecnológico responsável por instaurar regras de codificação digital. As regras impostas pelo código binário são, sobretudo, observáveis na interface gráfica que delinea o contexto espaço-temporal das ações dos sujeitos envolvidos na conversação. À exceção do “dono do blog” - em nosso objeto empírico o jornalista Ricardo Noblat -, todos os outros atores presentes na cena comunicativa só podem usar a escrita verbal para interagir. A pesquisa demanda, portanto, elementos teóricos e metodológicos para a análise da interação verbal. Recorre-se aqui a pensadores e tradições que associam as ações lingüísticas ao contexto social. Nossa base conceitual das interações verbais advém do filósofo e lingüista russo Mikhail Bakhtin e encontra um rico aparato na análise do discurso

pelo viés interativo – notadamente alinhado à pragmática – proposto pelos lingüistas franceses Dominique Maingueneau e Patrick Charaudeau, ambos importantes também por estudar a mídia e o jornalismo. Veremos a seguir que os conceitos de enunciado, dispositivo e gênero apropriados para a pesquisa das interações verbais estão diretamente imbricados, sendo que a compreensão de cada um deles depende dos demais.

A obra de Bakhtin parte de um ponto de vista essencialmente relacional e situacional, inscrevendo a linguagem justamente na interseção entre a língua e a sociedade. O par enunciado/enunciação é tratado por ele como a base de todas as relações verbais. Ao analisar a emergência do significado no domínio da ideologia, Bakhtin (1981) afirma que todo ato individual de fala é uma enunciação. Mas dizer que um ato de fala é individual não afasta seu caráter essencialmente social. Isso porque a enunciação como tal é de natureza social e, por isso mesmo, é determinada pela situação social imediata e pelo meio social mais amplo no qual se insere. Evidencia-se, a partir dessa orientação, a importância do contexto para o ato de fala. A enunciação tem um “aqui e agora” que revela a dimensão espaço-temporal sem a qual nenhum significado seria gerado. Nunca se poderia analisar uma enunciação do ponto de vista unitário, individual, pois ela é relacional e produz significado justamente na objetivação externa de um conteúdo que se exprime em terreno social. “Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala” (BAKHTIN, 1981, p.98).

Se a enunciação é o ato de fala, ou seja, o “como se diz”, o enunciado é o produto da enunciação, ou “o que se diz”. Bakhtin (1992) rechaça os estudos lingüísticos que dotam o ouvinte em uma situação face a face - ou o receptor em uma concepção alargada - de uma passividade absoluta. Segundo ele, o enunciado é a unidade da comunicação verbal e exige sempre uma atitude responsiva ativa. O locutor responsável pela enunciação não espera uma postura passiva diante do enunciado, mas uma resposta. É justamente a necessidade de conformar uma atitude responsiva ativa nos outros parceiros da comunicação que leva Bakhtin a afirmar que os enunciados, assim como os atos de fala propriamente ditos (enunciações), estão inseridos em uma cadeia complexa responsável por interligar diversos outros enunciados. Qualquer tentativa de lhes atribuir um sentido não-relacional inviabiliza o estudo da linguagem. “Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são auto-suficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter” (BAKHTIN, 1992, p.316).

Segundo Brait e Melo (2005), um dos principais méritos da teoria de Bakhtin é deixar claro que a compreensão do enunciado só pode se dar levando em consideração a existência

de uma situação extraverbal imbricada no verbal. Assim, as interações sociais ganham destaque no domínio da linguagem, pois o enunciado coloca os interlocutores diante de um horizonte espacial comum, exige deles o conhecimento e a compreensão da situação, além de solicitar uma avaliação comum da mesma situação. Em consequência disso, qualquer situação enunciativa sempre instaura um enunciador e um destinatário (ou co-enunciador<sup>21</sup>) (BRAIT & MELO, 2005). De novo, estamos no terreno das relações e não no campo de subjetividades pretensamente monológicas que fariam crer que os sujeitos podem operar individualmente a linguagem. Maingueneau destaca de forma sucinta, porém completa, a dinâmica interativa e reflexiva contida no par enunciado/enunciação:

Uma das contribuições fundamentais da reflexão sobre a enunciação lingüística foi pôr em evidência a dimensão reflexiva da atividade lingüística: o enunciado apenas se refere ao mundo refletindo o ato de enunciação que o encerra. (...) A enunciação constitui o pivô da relação entre a língua e o mundo: ela permite representar no enunciado os fatos, mas ela constitui em si um fato, um acontecimento único, definido no tempo e no espaço. (MAINGUENEAU, 1998, p.54)

No blog iremos trabalhar primordialmente com o conceito de enunciado, e não de enunciação, pois a pesquisa se baseia em *posts* e comentários capturados a partir do mecanismo de busca ao banco de dados. Temos acesso, a bem da verdade, aos enunciados produzidos no ato passado das enunciações e não às próprias enunciações, que ocorreram em outra dimensão temporal. Evidente que não desconsideramos a enunciação, visto que o problema se dirige justamente a ela. Perguntamos como emergem os padrões interativos no Blog do Noblat. Ora, queremos justamente entender como os sujeitos se inserem na cadeia complexa de atos de fala. Encarar o Blog do Noblat como uma conversação significa dizer que o blog é um ambiente de enunciações que, cristalizadas num corpus, podem ser analisadas como enunciados. Assim, o jornalista Ricardo Noblat é um enunciador, bem como os articulistas que periodicamente escrevem para o blog e os diversos internautas que publicam comentários. Se cada enunciado necessariamente instaura um co-enunciador, podemos nos apropriar do Blog do Noblat como uma rede complexa de enunciados gerados por inúmeros atores que se engajam em interações mútuas mediadas por computador.

Se o enunciado é o contato entre a língua e a realidade, deve-se ter em mente que nenhum ato de fala emerge em meio a um vazio ou num hipotético “ponto zero” a partir do qual seria iniciada a comunicação. A análise das interações verbais, sejam elas face a face ou mediadas, revelam que “todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e

---

<sup>21</sup> Maingueneau (2005) prefere o termo “co-enunciador” a “destinatário”. Segundo ele, destinatário permite entender equivocadamente que a comunicação caminha em sentido único.

relativamente estável de estruturação de um todo.” (BAKHTIN, 1992, p.301). Mas o que conforma os enunciados? O dispositivo parece indicar o caminho para responder a questão.

Os enunciados não estão soltos no mundo. As enunciações são atos vinculados ao espaço e ao tempo em que está inserida a comunicação. Não se pode ignorar o ambiente e a temporalidade das trocas, sob pena de tornar demasiado rudimentar a compreensão das ações comunicativas. Deve-se ter a certeza de que os palcos e os instantes são mais que meros coadjuvantes. Eles agem diretamente sobre ação.

Dois exemplos podem ajudar a compreender a diversidade espaço-temporal de cenas enunciativas. Imaginemos um jovem casal de ex-namorados que se encontra em um bar. Após um rápido cruzamento de olhares, o rapaz abre um sorriso e logo diz “Como você está?”. A garota, visivelmente constrangida, responde: “Vou bem, e você?”. A réplica é curta e convidativa, acompanhada de uma entonação ao mesmo tempo alegre e ansiosa: “Também estou bem, você quer se assentar comigo?”. A jovem olha para baixo a fim de evitar os olhares do ex-companheiro: “Não, obrigada. Vou ficar na mesa onde estão os amigos do meu namorado”. Mesmo irritado com a resposta e envergonhado com a recusa em público, ele se despede com um beijo no rosto da ex-namorada. Noutra situação, o mesmo casal se corresponde pela internet, via comunicador instantâneo. “Olá, como vc está? Q saudade”, escreve o rapaz. “Tô bem!”, responde a moça. “Vai sair hj? Tô indo numa festa q vai bombar!!!!”, convida o jovem. “Acho q vou sair, mas com meu namorado...”, replica a moça. O rapaz simplesmente se desconecta e encerra a conversa. A moça ainda tenta um último contato para evitar o mal-estar: “KD VC?????”, mas não obtém resposta.

Os dois diálogos revelam semelhanças e diferenças. Ambos têm dois interlocutores que se conhecem e travam um diálogo curto. No primeiro, a conversa é presenciada por outras pessoas, o que expõe o rapaz ao vexame de levar um “fora” da ex-namorada. A situação social obrigou o jovem, mesmo a contragosto, despedir-se educadamente da moça. No segundo exemplo, a distância física e a ausência de terceiros agem diretamente sobre as condutas. Ninguém mais viu o que ocorreu e bastou um simples toque no mouse para interromper a conversa, sem despedida, vergonha pública ou lamentação. No bar, cada um dos participantes do diálogo pôde ver as expressões faciais no rosto do outro e os demais elementos que compõem a interação face a face. O rosto ruborizado da jovem ou a voz trêmula da mesma poderiam servir como pistas para se evitar o desfecho traumático do encontro. Na internet, todas as pistas estavam circunscritas ao que era digitado na tela. Mas nem tudo é diferente. Uma das similaridades diz respeito à forma como os interlocutores conversam nos dois ambientes, sempre explorando a oralidade possível entre duas pessoas

que se conhecem intimamente. No entanto, as entonações sonoras do primeiro caso foram transformadas em marcas textuais de oralidade no segundo. Na internet, o excesso de exclamações e interrogações ao final das frases dão o tom do diálogo. A moça, ao escrever em caixa alta, “grita” textualmente para tentar manter o contato. Formas abreviadas (“você” se transforma em “vc”) e outras marcas que remetem à sonoridade das letras para economizar toques no teclado e agilizar a conversa (“cadê” vira “kd”) conformam as mensagens.

Portanto, um diálogo simples, banal, cotidiano, nos ajuda a demonstrar que as trocas não se dão no vácuo. É correto afirmar que o dispositivo age sobre a linguagem, mas não se restringe a esta. A ambiência do circuito comunicativo pode levar a relações completamente distintas, ainda que os atores sejam os mesmos e o estado de espírito de ambos não se altere. Dois dispositivos podem até levar ao mesmo lugar (objetivo), mas nunca da mesma forma. Não existe um ambiente asséptico onde as mensagens surgem e encontram, incólumes, destinatários que aguardam apenas o momento de enviar uma nova mensagem. A real compreensão dos processos comunicativos demanda a análise dos dispositivos que lhes servem de esteio. Maingueneau (2002) ressalta que é fundamental revelar o dispositivo comunicacional. Este não diz respeito somente aos aspetos materiais – aos suportes nos quais se dão as trocas –, mas engloba todo o circuito que organiza as falas dos sujeitos enredados na trama. “O mídiun não é um simples ‘meio’, um instrumento para transportar uma mensagem estável: uma mudança importante no mídiun modifica o conjunto de um gênero de discurso” (MAINGUENEAU, 2002, p.71). Fica evidente que dispositivo e gênero caminham juntos, portanto, a análise não pode negligenciar nenhum dos dois elementos e a compreensão de situações diretamente relacionadas ao jornalismo também deve seguir o mesmo rigor em relação aos dispositivos que ordenam a forma de apresentação e apreensão das notícias. O noticiário sobre a final de um campeonato de futebol é diferente nas páginas de jornais, nas ondas das rádios, na tela da televisão ou no monitor dos computadores. Sempre há um campeão, mas a cobertura do título nunca será a mesma.

Mas, afinal, como o dispositivo age sobre os atos comunicativos? Ainda mais especificamente, como o dispositivo blog incide sobre as enunciações? Mesmo levando em consideração a necessidade analítica de se ultrapassar as questões técnicas para compreensão integral da comunicação, sabemos que talvez seja a materialidade o caminho mais fácil para uma primeira exploração de limites e perspectivas. Mais que meros acessórios de transmissão, as diferenças de materialidade entre os suportes midiáticos incidem “sobre as representações do tempo, do espaço e das condições de recepção” (CHARAUDEAU, 2006, p.106). Para compreender as singularidades do blog jornalístico, trabalharemos com uma perspectiva

comparativa. Colocar a comunicação mediada por computador (e o blog jornalístico particularmente) em relação a outros dispositivos midiáticos amplamente estudados – jornal impresso, rádio e TV – ajuda a revelar o que há de novidade ou, por outro lado, aquilo que se repete ou exige somente adaptações em diferentes graus.

Uma primeira e fundamental diferença em relação aos demais dispositivos se dá na esfera da apresentação. O blog se apresenta como uma intrínseca carga de unicidade em relação ao sujeito falante. O dono do blog emerge como figura central e determinante para o funcionamento das engrenagens que dão forma e sentido ao conteúdo. Quando lê uma notícia no jornal ou assiste ao telejornal, o leitor/telespectador sabe que a produção não se concentrou em uma única pessoa. Uma equipe se mobilizou para formatar aquilo que é apresentado. As empresas ou os produtos se sobrepõem às pessoas. Ao contrário, o blog como dispositivo jornalístico está inexoravelmente vinculado à figura central do blogueiro. Mesmo que exista uma equipe de suporte (repórteres, infografistas etc), todo o crédito (ou eventual descrédito) repousa sobre o dono do blog.

Daí a percepção de um fato novo: o sujeito se reveste em instituição sem perder a personalidade. Ao contrário das instituições jornalísticas, o caráter pessoal é diretamente relevante aos processos que ali se desenvolvem. O debate sobre a cobertura diária do “Jornal Nacional”, por exemplo, é marcado pela representação social da instituição ou do produto. Claro que as figuras dos apresentadores William Bonner e Fátima Bernardes também são intrínsecas ao dispositivo, mas os debates sobre o noticiário se dão em relação ao produto ou à instituição. Durante ou após o telejornal, é possível ouvir frases como “Você viu, a Globo está do lado do Lula!”, “Puxa, o Jornal Nacional não falou nada sobre a CPI hoje”. Os apresentadores são figuras cotidianas, íntimas, indispensáveis ao dispositivo TV, mas não carregam o peso integral dos enunciados. No blog ocorre justamente uma mútua sobreposição entre os enunciados e o enunciador. Aos olhos do público, tudo que está ali vem de uma única fonte responsável por todas as etapas. Qualquer erro ou acerto será imediatamente creditado (ou debitado) ao blogueiro. Em post publicado no dia 1º de junho de 2006, Ricardo Noblat acaba por revelar uma das principais características do dispositivo:

É bem mais arriscado ser jornalista blogueiro do que simplesmente jornalista. Porque em um jornal, por exemplo, o erro tem vários pais - o repórter, o editor, o chefe da redação... Por ter muitos pais, ele não pesa nas costas de ninguém sozinho. Aqui, não. O erro só tem um pai. E quando ocorre, o mundo desaba na cabeça do responsável. Jornalista de jornal, rádio e televisão é protegido das críticas pelo pouco espaço que os veículos abrem para a opinião do distinto público. E pela distância segura que o jornalista mantém do distinto público. Aqui, não. As críticas são imediatas, duras e por vezes injustas. E nada ou pouca coisa separa o blogueiro dos leitores.

Mesmo que um post siga todo o receituário de uma notícia tal qual ocorre no jornal impresso, a centralidade do ato enunciativo, o impossível afastamento entre blogueiro e post, faz com que a notícia ganhe roupagem de opinião, afinal, o conteúdo é consumido junto com a chancela altamente personalizada do blog. O “Jornal Nacional” usado como exemplo serve para mostrar que, mesmo em situações nas quais a imagem pública dos jornalistas é fundamental para o sucesso do dispositivo, o peso da instituição é invariavelmente maior que o peso das personalidades. Até mesmo colunistas e articulistas são relativizados pelo espaço que ocupam na televisão, rádio ou jornal. O cineasta, crítico e escritor Arnaldo Jabor tem integral responsabilidade sobre aquilo que fala na televisão, mas sua figura social está agenciada por um dispositivo que trata de amenizar a centralidade de suas ações, no caso, o “Jornal da Globo”. Em jornais impressos e revistas o caráter institucional se acentua ainda mais, visto que a assinatura do repórter ou o crédito do fotógrafo não se sobressaem diante do nome do jornal ou da revista. É claro fato que o Blog do Noblat também possui colaboradores, mas todos os artigos assinados parecem ressaltar a força centrípeta que exerce o dono do blog. A maior parte dos comentários sobre os posts de colaboradores tenta articular o texto da colaboração com a linha editorial fortemente vinculada à imagem do jornalista. A relação leitor-blogueiro revela a brutal carga exercida sobre o nome do jornalista. Se Ricardo Noblat decidir se ausentar por um determinado período e delegar o blog a outra pessoa, o leitor vai continuar a assimilar todo o conteúdo como se a responsabilidade fosse única e integral do jornalista. Não adianta sequer anunciar a ausência e a troca temporária de comando, o nome e a interface do blog inevitavelmente chamam imediatamente para a figura de Noblat. Como dito anteriormente, todo discurso do blog, mesmo que repleto de interações, tem uma aparente origem enunciativa única.

O que parece surgir é um paradoxo entre a univocidade enunciativa e a intensa interatividade entre atores presentes na comunicação. Afinal, como o blog jornalístico pode ao mesmo tempo ter uma voz central e abrigar tantas outras vozes? Aqui está outra característica fundamental do dispositivo: a necessidade síncrona de convocação dos leitores. A interface chama a atenção do público para o espaço de comentários. O discurso não se encerra na fala do dono do blog. Cada post é, ao menos em tese, um convite para o debate e o blog “constrói a informação a partir da conversação, na qual a participação é fundamental para que se possa concluir o discurso e a informação” (VARELA, 2007, p.74). Pesquisadores que trabalham a partir da perspectiva conversacional tendem a desclassificar os blogs que não possuem a ferramenta de comentários. Um blog sem espaço de comentários não é blog. Concordamos com tal perspectiva. Defendemos a idéia de que um blog só pode ser assim denominado se a

interface possuir instrumentos que dotem o leitor de capacidade de participação. A caixa de comentários não é acessório nem pano de fundo, é elemento constitutivo do dispositivo. Portanto, os comentários contidos no dispositivo blog tanto agem sobre o “enunciador-chefe” – em nosso caso o jornalista Ricardo Noblat – quanto este age sobre o dispositivo na forma de lidar com os comentários. Novamente se verifica a impossível dissociação entre os elementos que constituem o espaço comunicativo.

Outra característica do jornalismo que sofre alterações com a chegada dos blogs é a hierarquização dos fatos narrados. A forma de apresentação dos posts, sempre privilegiando a informação mais recente, impõe uma lógica de hierarquização bastante diferente da encontrada nos jornais impressos. Nestes últimos, o alto da página é mais importante que a parte de baixo. Uma manchete em corpo maior é mais relevante que outra escrita em letras menores. O jornal é o melhor dispositivo para uma leitura hierarquizada da informação. O dispositivo blog compromete a hierarquização do noticiário em termos de importância. Um post sobre o impeachment do presidente da República pode ficar abaixo de outro sobre a renúncia de um vereador, notícia notadamente menos relevante que a primeira. Além disso, o blog não possui primeira página nem editorias, tudo está na faixa central da tela onde são inseridos os posts. Nossa comparação permite observar e analisar, não tendo por objetivo defender este ou aquele dispositivo como “melhor” ou “mais bem preparado”. Mesmo porque a balança pende cada hora para um lado, dependendo apenas do ponto de vista adotado pelo observador em relação às características dos dispositivos midiáticos. A materialidade do jornal representa perda em relação à agilidade, mas garante qualidade na hierarquização do noticiário. No blog ocorre o contrário, perdem-se as manchetes, ganha-se velocidade.

O blog também impõe novidades na audiência ao conformar um público permanentemente alerta. A atualização contínua impõe à recepção uma atitude *non stop*, uma necessidade de acessar mais e mais para sempre estar a par das novidades. Os posts se sucedem em intervalos muito pequenos de tempo. À medida que se achata o tempo de emissão de novos conteúdos, alarga-se o tempo de convocação até o limite onde se rompe a própria barreira temporal do consumo. Esta não é uma característica exclusiva do blog, mas, de maneira geral, da própria comunicação mediada por computador. Máxima desta característica do dispositivo é o portal de notícias Último Segundo, do provedor iG, que nasceu da vontade de atualização em escala temporal jamais vista e da promessa de publicação incessante de conteúdo. Nos blogs, assim como na maior parte da produção jornalística profissional na internet, não há um horário definido de consumo, um tempo de se tornar audiência, como ocorre com os programas de radiofônicos e televisivos.

Devemos, entretanto, tomar o cuidado de não anunciar o velho como novo. O rádio e a TV também guardam o potencial de emissão a qualquer momento, mas uma vez finda a entrada ao vivo do repórter, perde-se a conexão. As emissões radiofônica e televisiva são permanentes, mas a inscrição do que é veiculado não. A internet permite atualização contínua sem a necessidade de participação síncrona da audiência. Assim, nenhum internauta será convocado pela manhã para ler ou ver, às 16h, o que ocorreu durante uma briga entre políticos no Congresso. A publicação já foi efetuada após o desfecho do acontecimento. Ou se consome a informação assim que esta é publicada ou a qualquer outro momento. A convocação é permanente, assim como a produção e publicação de conteúdo. Não se interrompe a programação para um alerta ao vivo, porque o dispositivo é ao vivo, mas com a possibilidade de consulta permanente ao conteúdo já produzido, ao contrário do rádio e da televisão. A relação audiência-tempo é ainda mais marcante no caso do jornal impresso, pois este está fadado a ficar ultrapassado no decorrer do dia. Pode-se afirmar que a instantaneidade do dispositivo blog gera um público em tempo integral.

A multimídia é outra característica fundamental para compreender não somente os blogs, mas as potencialidades da comunicação mediada por computador. O jornal tem o texto escrito e as imagens, o rádio tem a oralidade e as entonações, a televisão tem a oralidade casada com imagens. A internet faz convergir os diversos formatos em um mesmo ambiente. O jornalista pode publicar um vídeo, um áudio, uma fotografia ou um infográfico interativo. As competências narrativas do produtor de informação e as capacidades de decodificação da audiência são ampliadas. Sabemos que assistir a um vídeo na internet é bem diferente de assistir ao mesmo vídeo na televisão. A internet como plataforma agregadora reordena os dispositivos, mas também explora as capacidades de todos eles. A narrativa de um crime pode contar com uma reportagem audiovisual com o relato daquilo que é mais importante. Ao mesmo tempo, arquivos de áudio com os envolvidos no acontecimento podem emocionar o público, enquanto infográficos revelam detalhes da cena do crime. Assim, o blog jornalístico opera na lógica da convergência a partir de uma plataforma-dispositivo agregadora e reordenadora de outros dispositivos. Vale ressaltar que somente o jornalista tem acesso à publicação de material multimídia. Os leitores estão restritos às interações verbais.

Os leitores que participam dos debates no Blog do Noblat devem atentar para outra característica do dispositivo: a troca síncrona à distância. Ao dialogar com outros leitores, é necessário dar resposta rápida para não se perder o momento da troca, uma vez que a possibilidade de desconexão é grande. O seguinte diálogo retirado da caixa de comentários do Blog do Noblat ajuda a compreender a urgência das respostas:

**Apelido: danamite - 09/03/2007 13:03**

Eduardo escreveu uma frase pronta da cultura machista. Agora... Algumas mulheres tiranas com suas oponentes mulheres...indignadas? Contradições?

**Nome: Eliana Salgado Marconi - Email - 09/03/2007 13:07**

danamite - 09/03/2007 13:03 Tiranas porque discordam das convicções políticas? E mesmo que fosse, o que uma coisa tem a ver com a outra?

**Apelido: danamite - 09/03/2007 13:10**

Nome: Eliana Salgado Marconi - Email - 09/03/2007 13:07 Porque este argumento... as mesmas já dirigiram para Dana. Portanto... Contradições? Queres que eu acredite que algumas mulheres não são machistas?

**Nome: Kika Albuquerque - 09/03/2007 13:11**

Eliana Salgado Marconi - Email - 09/03/2007 13:07

Eliana, nada precisa ter a ver com coisa alguma. Eles acham que basta pegar idiotices prontas, encher de aspas e de reticências, ou até mesmo com grosserias (caso do Eduardo). Vá a datas anteriores e procure UMA só postagem da comentarista em questão que DIGA ALGUMA COISA concreta e útil. Sempre os comentariozinhos medíocres e patrulheiros. Não passa disso, e jamais passará.

**Nome: Eliana Salgado Marconi - Email - 09/03/2007 13:13**

Kika Albuquerque - Exato! Mais uma vez você acertou em cheio.

**Apelido: danamite - 09/03/2007 13:14**

Táí... O "chapéu" serviu...

**Nome: Eliana Salgado Marconi - Email - 09/03/2007 13:15**

danamite - 09/03/2007 13:10 - ok, ok. Mas provavelmente as machistas não se mostraram indignadas.

Três pessoas trocam sete mensagens em um intervalo de doze minutos. A princípio, apenas “Eliana Salgado Marconi” e “danamite” conversam entre si, mas “Kika Albuquerque” entra no debate a partir de uma mensagem que não foi encaminhada a ela. “Eliana” prontamente identifica o novo participante e envia uma resposta dois minutos após a mensagem de “Kika”. Em seguida, “Eliana” retoma o debate com “danamite”. Pode-se aferir a dupla face da interface gráfica como dispositivo conformador das interações no blog jornalístico. Se por um lado a interface propicia a publicação instantânea de novas mensagens e permite agilidade no diálogo, por outro lado a mesma interface desfavorece as trocas caso os envolvidos não demonstrem agilidade em responder. Em caso de demora, os comentários são “empurrados” para baixo no espaço limitado da janela de comentários e fica comprometida a retomada da conversa. O dispositivo exige rapidez e influencia diretamente sobre a qualidade das mensagens. Estas são curtas, carregadas de marcas de oralidade na estrutura verbal - a resposta está rigidamente inscrita em códigos verbais, não há entonações orais possíveis - e pouco reflexivas. Na verdade, existe pouco espaço para a reflexão durante os debates travados

entre os leitores. O aprofundamento das argumentações exige tempo e a velocidade das trocas no blog não beneficia o embasamento.

Antunes e Vaz (2006) chamam atenção para as armadilhas que se escondem nas análises que concentram demasiada atenção à configuração técnica dos dispositivos. A materialidade sem dúvida formata e conforma, mas não é alheia aos sujeitos. Falar tão somente em técnica, ou em tecnologia, remete à irreal possibilidade de prever resultados, como se o cenário pudesse ser “montado e armado antes da entrada dos atores em cena” (ANTUNES e VAZ, 2006, p.59). Trata-se de um ponto de partida que ajuda a afastar determinismos. Com certeza, o blog como dispositivo revela múltiplas cenas comunicativas, contudo o Blog do Noblat é bem diferente do Blog do Juca, pois Ricardo Noblat e seus leitores não agenciam o dispositivo da mesma forma que o jornalista Juca Kfour<sup>22</sup> e seu público. Ater-se ao “canal” provoca uma zona de sombra no terreno das experiências, ou seja, no lugar onde ocorrem as vinculações entre os sujeitos enredados na comunicação. Mais uma vez o encantamento tecnológico deve dar lugar à análise cuidadosa do campo das práticas sociais, ao cruzamento de esferas que estão necessariamente interligadas e que produzem significados justamente nos pontos de tangência. Tomar de antemão os processos comunicativos como se estes fossem apenas mera consequência do dispositivo é um engano freqüente e perigoso. As apropriações sociais são tão importantes quanto os aspectos técnicos e os dispositivos estão inscritos no cruzamento de ambos:

O estudo da mídia requer a análise dos produtos midiáticos e de suas formas matéricas, de modo a se poder verificar as modalidades de apropriação por diferentes públicos; não se deveria projetar sobre essa relação uma visada tomada como a-histórica. Deve ser levado em conta que a relação mantida entre os agentes e o discurso midiático não pode ser considerada como dotada de mecanismos universais e considerada como uma constante. (ANTUNES e VAZ, 2006, p.57)

Se o blog é um dispositivo midiático conformado simultaneamente pelo aparato técnico, pelos jornalistas e pelo público, podemos avançar a pesquisa e propor sua caracterização dos blogs como gênero de informação midiática. Charaudeau (2006) defende a compreensão de gênero como resultado do cruzamento de quatro elementos distintos e imbricados: a enunciação, o discurso, a temática e o dispositivo. O isolamento de um dos elementos vicia a análise e leva a conclusões parciais ou até mesmo equivocadas. A enunciação dos posts, como vimos anteriormente, é centralizada no blogueiro. Em nosso objeto, as enunciações que compõem a narrativa estão umbilicalmente vinculadas a Ricardo

---

<sup>22</sup> <http://blogdojuca.blog.uol.com.br/>

Noblat. Mas a instância enunciativa ainda deve levar em consideração o grau de engajamento em relação às opiniões expressas. Pode-se dizer que o blog exige um grau máximo de engajamento do jornalista, pois não é possível se transferir a opinião a uma instituição ou sequer dividi-la com outros atores sociais.

Isso nos leva ao segundo elemento destacado por Charaudeau: o discurso. A classificação divide o modo discursivo midiático em três categorias de acontecimentos: relatado, comentado e provocado. A reportagem seria o acontecimento relatado por excelência, cabendo ao repórter apenas a função de coletar, organizar e narrar os fatos, mesmo sabendo que o ideal de isenção absoluta é apenas utópico. Mas existem diversos subgêneros, entre eles a reportagem investigativa, na qual é aceita alguma especulação sobre os acontecimentos. Portanto, a investigação jornalística está entre o acontecimento relatado e comentado. O editorial e as colunas estão claramente situados no grupo de acontecimentos comentados, nos quais a exposição da opinião do jornalista é pré-condição para elaboração do texto. Por fim, os acontecimentos provocados agrupam debates, *talk-shows*, fóruns e outros espaços criados pela mídia com o objetivo de fomentar a participação do público sobre determinado assunto. Portanto, teríamos a seguinte representação gráfica de acontecimentos e gêneros:

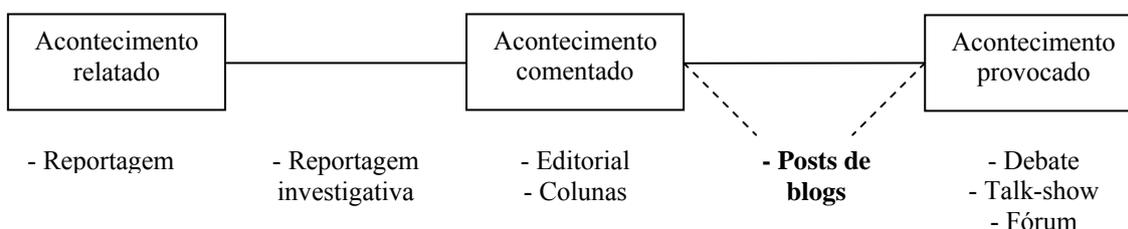


Figura 1 – Tipos de acontecimentos e gêneros jornalísticos

O caráter extremamente personalizado do blog impede a identificação dos posts como acontecimento relatado. A suposta isenção que rege a categoria “relato” está obviamente comprometida pela apresentação do blog como testemunho pessoal. Tudo aquilo que aparece como “notícia”, mesmo que apenas reproduzida de outros veículos, como Folha de S. Paulo, Rede Globo, Revista Veja etc, é reconfigurado no blog para outro estatuto de contrato. O acontecimento relatado não se sustenta como tal no blog. Ora, se Noblat republica uma notícia, ou se dá um furo jornalístico, rapidamente o acontecimento é posto em debate pelos leitores. É como se o acontecimento relatado estivesse ali para estimular o debate e não apenas para informar. Temos, portanto, o acontecimento provocado. Simultaneamente a isso,

o que vemos é a predominância nos posts de comentários e opiniões do jornalista, logo os posts também podem ser caracterizados como acontecimento comentado. Daí a preferência por inserir os “posts de blogs” no espaço que une o acontecimento comentado e o acontecimento provocado.

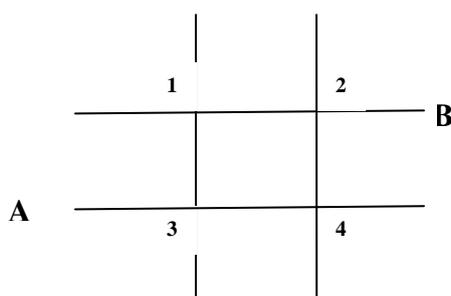
O terceiro elemento que constitui o gênero é o conteúdo temático. Na verdade, mais que gêneros, a temática diz de subgêneros ao subdividir o noticiário em macrodomínios. Existem diversos subgêneros entre os blogs jornalísticos: político, esportivo, econômico, policial etc. Para além destes grandes campos temáticos, Charaudeau (2006) ainda identifica as rubricas, ou seja, subseções particulares, como as rubricas “cinema” e “teatro” no interior do subgênero “Cultura”. O blog é aquilo que seu dono quiser que ele seja. Pode ser um blog sobre esporte, futebol, um campeonato, um clube ou um jogador. Os blogs permitem tanto a mobilização de grandes audiências a partir de um leque variado de assuntos quanto trabalhar no âmbito da micromídia, ou seja, “um conjunto de meios de baixa circulação, que visam pequenos públicos” (PRIMO, 2008, on-line). A blogosfera é o reino dos subgêneros jornalístico em escala jamais vista. Nosso, objeto, o Blog do Noblat, é claramente um blog de política, que também lida com os fatos mais relevantes do noticiário nacional, como crimes e tragédias naturais de grande repercussão.

Enfim, temos o dispositivo como elemento conformador do gênero. Como vimos anteriormente, o dispositivo blog abriga uma centralidade enunciativa, produz uma audiência em tempo integral, privilegia a velocidade em detrimento da hierarquização, exige extrema agilidade para as conversações entre os leitores enredados em trocas síncronas à distância e opera como uma plataforma-dispositivo agregadora e reordenadora de outros dispositivos.

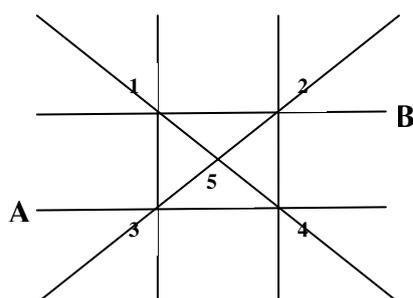
## CAPÍTULO II – BLOG, COMUNICAÇÃO E JORNALISMO: NOVAS PERSPECTIVAS

### 2.1 – O domínio das redes

É muito fácil e cômodo iniciar um estudo sobre a interação mediada por computador com uma concepção rasteira do conceito de rede. O senso comum usa o termo rede como sinônimo da internet, mas as pesquisas que fazem o mesmo sem a prévia discussão conceitual revelam grande fragilidade analítica. Afinal, o que é uma rede e por que tal noção é tão importante na contemporaneidade? Imaginemos um esquema bastante simples como a estrutura básica do tradicional jogo-da-velha: quatro linhas retas, sendo que um par paralelo vertical é entrecruzado por outro par também paralelo horizontal. A



As quatro linhas se encontram em quatro pontos. Cada um destes pontos (no esquema representados pelos algarismos de 1 a 4) é um nó de onde se pode seguir em quatro diferentes direções. Partindo-se de A deve-se necessariamente passar pelo ponto 3 para se chegar a B. Mas no ponto 3 existe a possibilidade de ir para 1 ou para 4. No entanto, a partir de 1 ou de 4, novamente só há chance de seguir em direção ao ponto 2. Vamos agora traçar duas linhas diagonais sobre o esquema anterior, de forma que as novas linhas se cruzem no centro do diagrama.



Vemos surgir mais um ponto (representado pelo número 5) justamente no cruzamento das linhas diagonais. Novamente partindo de A para B deve-se obrigatoriamente chegar até o ponto 3. Mas aqui a situação já começa a se tornar mais complexa, pois agora temos a possibilidade de seguir para os pontos 1, 4 ou 5. Se escolhermos ir para 1 podemos seguir até 5 ou até 2. Se decidirmos ir para 5 podemos mais uma vez escolher entre ir para 4 antes de chegar ao ponto 2 ou simplesmente seguir para 2.

Passar pelo caminho mais curto ou o mais longo é simplesmente uma questão de escolha ou de necessidade. Podemos circular pelos cinco pontos uma única vez antes de chegar em B, ou somente por três pontos se quisermos um trajeto mais curto. O importante é compreender que novas conexões ampliam e tornam mais complexos os esquemas anteriores. Não apenas porque surgem novos nós, mas também pelo fato de que novas conexões se tornam possíveis. É importante salientar que a estrutura do jogo-da-velha apresenta um limite fundamental, pois se articula em apenas duas dimensões. Se acrescentarmos uma terceira dimensão (profundidade), as conexões ficam ainda mais complexas.

Uma das mais representativas concepções de rede está inscrita no conceito de rizoma proposto por Deleuze e Gatarri (1995). O rizoma se opõe à lógica binária da árvore-raiz na qual um ponto central é capaz de se dividir em duas direções, sendo que os dois novos pontos ao se dividirem abrem quatro direções e assim por diante. Sempre é possível percorrer os caminhos regulares da árvore-raiz. O rizoma, ao contrário, é uma estrutura descentralizada na qual um ponto pode se conectar a qualquer outro a qualquer momento. A estabilidade da rede não depende de uma instância central de regulação, as conexões se encarregam de auto-organizar o emaranhado de ligações. O rizoma é rico em pontos de fuga, um mapa conectável constituído por múltiplas entradas e saídas. Segundo os autores, não são somente os pontos que são fixos, as próprias ligações também são, por definição, móveis, pois:

... a comunicação se faz de um vizinho a um vizinho qualquer, onde as hastes ou canais não preexistem, nos quais os indivíduos são todos intercambiáveis, definem-se somente por um estado a tal momento, de tal maneira que as operações locais se coordenam e o resultado final global se sincroniza independente de uma instância central. (DELEUZE e GATARRI, 1995, p.27)

Os estudos com base em redes, ainda mais aqueles que lidam com redes sociais, devem considerar como princípio fundador o fato de que não se pode parar as redes. As apropriações estáticas são apenas fruto de um trabalho metodológico que possibilita a análise, mas nunca poderá ser uma representação fiel da rede em sua fluidez perene. As conexões fazem a rede, e não o contrário. É possível trabalhar com um conceito de tamanha abstração?

Acreditamos que sim, mesmo que metaforicamente. O Blog do Noblat não pára, sempre há um novo comentário, mesmo quando o jornalista descansa. Cada novo comentário faz necessariamente uma conexão e instantaneamente se torna um conector em potencial. A rede se forma e deforma. Não queremos dizer que o blog se apresenta como uma rede caótica e anárquica, pois tal afirmação iria contra a própria proposta da presente pesquisa. Muito menos queremos transpor o conceito de rizoma para o blog como se este fosse um espelho daquele. O Blog do Noblat é uma estrutura hierarquizada na qual, em última instância, cabe ao jornalista a palavra final. Antes, queremos explorar similaridades em relação a um modelo que amplia as perspectivas de análise, talvez uma das imagens mais complexas que a filosofia já produziu sobre as redes. Queremos mostrar que existem padrões e regras, bem como pontos de fuga, mas também desejamos deixar claro que analisamos uma rede que “foi”, um fragmento cristalizado do passado, que pode nos revelar algo da complexa dinâmica da rede. “Um rizoma não começa nem se conclui, ele se encontra sempre no meio, entre duas coisas, inter-ser, *intermezzo* (...) o rizoma é aliança, unicamente aliança” (DELEUZE e GATARRI, 1995:37).

Não importa a escala espaço-temporal analisada, tudo se interconecta por meio de redes. Toda matéria é formada de átomos interligados, que por sua vez são formados por outras partículas conectadas, como prótons e elétrons. Toda sociedade é formada de indivíduos que se conectam pela linguagem. O ecossistema é uma rede de sistemas naturais e a atividade humana é, desde os primórdios, realizada em rede. As tribos atravessaram séculos como redes sociais, mesmo com pouco recurso técnico e nenhuma tecnologia. O que há de novidade nos dias atuais é o avanço das tecnologias digitais de comunicação que permitem a interconexão instantânea em escala mundial. O avanço tecnológico obriga a própria ciência a se adaptar para desafios instaurados pelas redes. A comunicação especificamente parece ganhar um novo paradigma. “Não se trata da rede, mas de entender o desenho das relações que constituem o processo comunicativo, dispostas na forma intrincada de redes.” (FRANÇA, 2002b, p.71). As redes se tornam mais complexas, surgem novos nós, mais escolhas são possíveis – e também mais barreiras. Um dos pensadores que se dedicam ao tema desde os primeiros sinais do avanço da globalização, o economista e sociólogo Manuel Castells, trata a sociedade contemporânea como a “Era da Informação” que espelha uma “sociedade em rede”. Segundo ele:

... um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos. As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela. (CASTELLS, 2005, p.40)

Os cabos de fibra ótica e as ondas eletromagnéticas comunicam dados codificados. É tentador pensar que as tecnologias da comunicação contribuam diretamente para um ambiente de conversações mais horizontais, com menos perigos e ampliação das liberdades. A rede mundial de computadores tem sua topografia, as hierarquias continuam de pé. As grandes empresas de comunicação concorrem com um exército de amadores, mas ainda fazem de tudo para manter o domínio da informação. Como afirma Silva (2000, p.140), “o idiota tecnológico não é idiota por falta de inteligência, mas por acreditar demais que as virtudes (reais) das novas tecnologias da comunicação poderão salvar a humanidade da miséria da mídia”.

A tão propalada “sociedade da informação” deve ser analisada com cautela, sob pena de tornar as coisas simples demais para que sejam questionadas. Wolton (2004) destaca que a comunicação é diretamente proporcional às regras que a rege. Assim, comunicação livre, sem regras, é uma utopia que deve ser suplantada pela regulamentação, pois “mesmo que possa haver igualdade de acesso, não há igualdade na capacidade de utilização” (WOLTON, 2004, 375). Segundo o autor, o que hoje vemos é um batalhão de seres multiconectados, prontos para se ligar uns aos outros, mas com reduzida capacidade lidar com a comunicação. O telefone celular acompanha o dono até nos momentos mais íntimos (chega a ir ao banheiro!), a internet fica conectada como se a qualquer momento fosse necessário fazer contato, tudo parece provocar um estado de alerta permanente, mesmo que nenhuma ação comunicativa de fato ocorra ou, se ocorrer, pode não passar de uma ação pontual, do tipo “onde você está?”, “quer ir ao jogo.”, “como é que estão as coisas?”. A sociedade estaria, portanto, se especializando em conexões sem trocas (Wolton, 2006). A parafernália tecnológica serviria, na maior parte das vezes, como forma de chamamento.

Não se quer convocar aqui um tom alarmista, como se todas as trocas por meio tecnológicos fossem efêmeras e descartáveis. Estas também devem ser levadas em consideração pelo campo de estudos em comunicação. O alerta serve para revelar que há diversas vozes dissonantes e a relação homem-tecnologia não deve ser analisada a partir de um otimismo extremado. O objetivo é mostrar um caráter antropológico da rede, ou seja, colocar os seres humanos como centro das ações para se analisar a qualidade da comunicação. Nunca devemos nos esquecer que os dados comunicados por redes altamente sofisticadas são produzidos por seres humanos, sejam linhas de desenvolvimento de um complicado *software* ou um simples *e-mail* com mensagens amorosas. O ciberespaço, como qualquer rede telemática, não é formado apenas por máquinas, cabos e ondas eletromagnéticas, mas também por seres humanos engajados em atividades comunicacionais.

A estrutura do jogo-da-velha que nos serviu de exemplo é uma rede, mas não leva em consideração a atividade humana. Os nós representados por números são conexões igualitárias, pode-se passar por qualquer um deles sem haver transformação das ligações ou dos próprios nós. Recuero (2005) mostra que os estudos matemáticos sobre redes são interessantes para se formular questões, mas não podem ser apropriados nas pesquisas de redes sociais, porque não levam em consideração o capital social ou a qualidade dos laços que se formam a todo instante. A autora questiona as relações em ambientes ditos “comunitários”, como o site de relacionamentos Orkut. Segundo Recuero, grande parte das conexões é fruto de relações meramente aditivas: convidar e aceitar (ou recusar). Na maioria dos casos analisados pela pesquisadora não há qualquer tipo de interação social no Orkut. Em outros cantos da internet o quadro se mostra diferente e, de fato, há interação social, como na comunidade Insanus, formada por jovens blogueiros de Porto Alegre (RS) e analisada por Primo e Smaniotto (2006). As redes sociais se diferem de outros tipos de rede porque “as pessoas levam em conta diversos fatores ao escolher conectar-se ou não a alguém. Os laços sociais, portanto, são estabelecidos sob prismas muito específicos de interesses comuns de cada nó” (RECUERO, 2005, p.20).

Em estudo semelhante sobre listas de discussão por *e-mail*, Lemos (2002b, on-line) afirma que “é necessário que haja interesses compartilhados, sentimento comunitário e perenidade nas relações. É isso que vai diferenciar uma comunidade mediada por computadores de uma simples agregação eletrônica”. Estamos em rede ao assistirmos a um jogo de futebol pela televisão, numa mesa de bar com os amigos, numa fila de banco, em frente ao computador conversando amenidades com um desconhecido. O telefone celular nos torna pontos ambulantes de uma rede sempre viva. Estamos simultaneamente conectados a redes sociais ativas, que exigem nossa atuação constante, e a outras mecânicas, que não solicitam qualquer doação, nenhum engajamento. A principal questão do atual estágio da evolução tecnológica e que demanda a atenção dos pesquisadores é: estamos todos em rede, mas realmente interagimos?

## 2.2 – Web 2.0: novos atores na rede

Toda tecnologia é social e tem um tempo de maturação. As invenções quase sempre são subutilizadas ou recebem usos que com o passar do tempo se mostram incorretos ou, na melhor das hipóteses, incompletos. Isso ocorre porque logo que são inseridas nas práticas cotidianas as invenções não conseguem despertar na sociedade todo seu alcance. Como dissemos anteriormente, tecnologia e sociedade andam juntas, mas os tempos da inovação tecnológica e do uso social destas mesmas inovações caminham em descompasso. Johnson (2001, p.107) afirma que “as novas tecnologias, quando nascem, são sempre mal compreendidas, muitas vezes pelos que estão mais próximos delas”. O autor cita o caso exemplar de um engenheiro da *Intel* que, ainda na década de 1970, tentava mostrar para o conselho de diretores da companhia que as pessoas em breve comprariam computadores para suas residências como naquela época já compravam televisores ou aspiradores de pó. O conselho quis saber o que exatamente as pessoas fariam com as máquinas digitais e o engenheiro prontamente responde que as donas-de-casa poderiam armazenar versões eletrônicas das receitas culinárias. A situação ganha contornos cômicos quando pensamos nos cruzamento de dados e nas planilhas rudimentares que já naquele tempo podiam ser de grande valia para tarefas muito mais complexas que o simples armazenamento de receitas. Lévy (1993, p.186) também salienta que “uma certa configuração de tecnologias intelectuais em um dado momento abre certos campos de possibilidades (e não outros) a uma cultura. Quais possibilidades? Na maior parte das vezes só descobrimos depois.” As previsões muitas vezes escapam à real dimensão das tecnologias. O mesmo ocorreu (e talvez ainda esteja ocorrendo) com a internet. A conexão em larga escala dos computadores desde o início se mostrou promissora, mas foi necessário um período de tempo para que as coisas chegassem ao atual estágio de desenvolvimento e percepção social. Como resume Wolton (2004), os discursos são sempre mais simples e reducionistas que a dinâmica complexa das práticas:

Uma inovação técnica, mesmo muito forte, não leva, mecanicamente, a uma transformação profunda do conteúdo das atividades. Não somente o tempo técnico não é o tempo social, mas sobretudo, a mudança técnica suscita problemas novos, inesperados, que não estavam presentes nos famosos discursos de prospectiva (WOLTON, 2004, p.368)

Desde que o Departamento de Defesa norte-americano deu início aos Projetos de Investigação Avançada (ARPA) nos anos 1960, com objetivos eminentemente militares, um grande número de especialistas majoritariamente ligados a universidades se envolveu no

desenvolvimento do que hoje conhecemos como a internet. A ARPANET foi a rede original que permitiu a troca de informações entre computadores dispersos geograficamente. De acordo com Rheingold (1996), a primeira grande lista de discussão por computador congregava desenvolvedores da ARPA e era conhecida como SF-LOVERS, nome que fazia referência à predileção dos membros, a maior parte ligados a universidades, pela ficção científica. A história revela que desde seus primórdios, a comunicação mediada por computador está intimamente ligada a uma cultura social que prima pela liberdade de expressão, ao contrário do que se poderia pensar levando-se em conta exclusivamente a fonte de financiamento militar. Evidentemente houve e ainda há tentativas de controle, mas as linhas gerais de desenvolvimento se baseiam num ideal libertário. Entre o final da década de 1970 e o início dos anos 1980 redes de MUDs (usadas para jogos de computador on-line), BBS (*bulletin board system*, tecnologia que permitia a ligação entre terminais eletrônicos por meio da linha telefônica) e a Usenet (contração de *user network*, que servia como agregador de grupos de discussão) já demonstravam um caráter social amplo, algo bastante desvinculado de ações governamentais.

Mas nem tudo era acessível. O custo relativamente alto do equipamento era um importante limitador. Mesmo aqueles que tinham poder econômico para adquirir computadores enfrentavam uma barreira difícil de ser superada: as linguagens excessivamente técnicas. Antes do surgimento e popularização das interfaces gráficas, a relação homem-máquina exigia um domínio considerável de programação. As instruções para o computador executar determinada tarefa eram realizadas por meio de longas linhas de comando. Mesmo após a chegada das interfaces gráficas na era da *World Wide Web* (WWW), o mundo informático ainda era um terreno para especialistas ou entusiastas tecnológicos. Os usuários eram profissionais que possuíam conhecimentos avançados ou pessoas que tinham paixão e determinação suficientes para enfrentar as dificuldades impostas pelos códigos digitais. As dificuldades são reveladas até mesmo por profissionais que não são ligados diretamente ao desenvolvimento informático, mas que manuseavam *softwares* com escassos recursos se comparados ao estágio atual, como o relato emocionado reproduzido a seguir, de uma jornalista que relembra o manuseio de um programa de edição de imagens nos primeiros anos da década de 1990:

Passava madrugadas digitalizando e reduzindo as imagens no software Photoshop, da Adobe – tudo na mão, pixel por pixel, brilho por brilho. Hoje, quando vejo que faz um Photoshop, que salva automaticamente em formato JPG e reduz drasticamente o tamanho da imagem, dá vontade de chorar. Foram muitas noites comendo pizza embrulhada em papel da impressora para construir uma página com pouco peso e agradável esteticamente. (FERRARI, 2003, p.12)

Os primeiros anos do século XXI marcam uma importante guinada rumo à democracia de acesso – se não econômico, ao menos tecnológico. Os softwares, é claro, ficaram mais fáceis de manusear. As interfaces tornaram-se intuitivas, de modo que as similaridades entre os diversos programas transparecem os padrões que devem ser seguidos para se executar uma tarefa. Se o usuário tem familiaridade com os menus de navegação dificilmente deixará de manusear algum programa básico. Mas a principal mudança está na forma de desenvolvimento da própria rede. A internet, antes vista como um ótimo veículo para um gigantesco fluxo de informação, passou a ser encarada como plataforma. Significa dizer que a própria rede deveria ser reconhecida como um ambiente aberto à interferência dos usuários.

Uma cultura *open source* (fonte aberta, em tradução livre) se dissemina rapidamente e permite a um extraordinário número de internautas acessar os códigos dos programas. Tal possibilidade permite que o usuário crie adaptações a partir de suas necessidades ou, simplesmente, de seu gosto pessoal. Um expoente do *open source* é o sistema operacional *Linux*, que pode ser modificado, usado e distribuído gratuitamente. Atualmente, o *Linux* já é instalado em computadores vendidos aos consumidores finais. A internet entrou na fase da Web 2.0, termo cuja origem é controversa, contudo, um dos maiores divulgadores de tal corrente é Tim O'Reilly, entusiasta e estimulador do movimento de *software* livre. Segundo O'Reilly, a Web 2.0 se desenvolve a partir do “beta perpétuo”<sup>23</sup> comprometido com outros usuários, que podem reutilizar os dados da forma que desejarem.

Até aqui tratamos de códigos de programação, mas a mudança também atingiu os conteúdos e a própria forma de produção dos conteúdos. Se antes os usuários domésticos viam a internet como uma grande biblioteca digital, com imensa quantidade de informação disponível, agora a encaram como um espaço de ação. Isso não quer dizer que as interações não ocorriam. A comunidade virtual WELL (*Whole Earth 'Lectronic Link*) descrita por Rheingold (1996) é um exemplo clássico de interação ainda nos anos 1980, por meio do arcaico BBS. Ocorre, agora, que as pessoas são convocadas a agir, a produzir e publicar conteúdos originais. O baluarte da Web 2.0 é a Wikipédia<sup>24</sup>, enciclopédia gratuita disponível em diversos idiomas. Qualquer internauta pode incluir, excluir ou modificar um verbete. A construção do conteúdo é coletiva e colaborativa. As controvérsias são, ao menos em tese, resolvidas pela troca argumentativa em espaços específicos da própria plataforma. Como afirma Lévy, vemos surgir:

---

<sup>23</sup> A versão beta se refere ao produto que ainda se encontra em fase de testes ou desenvolvimento.

<sup>24</sup> O endereço eletrônico da versão em língua portuguesa é <http://pt.wikipedia.org/>.

Linguagens cada vez mais acessíveis à compreensão humana imediata, geradores de programas, geradores de sistemas especialistas, todos eles tornam a tarefa do informata cada vez mais lógica, sintética e conceitual, em detrimento de um conhecimento das entranhas de determinada máquina ou das esquisitices de certo programa. (LÉVY, 1993, p.107)

Lemos (2006) propõe a emergência de uma “ciber-cultura-remix” calcada em três princípios: liberação do pólo da emissão, conexão em rede e reconfiguração de formatos midiáticos e práticas sociais. O autor vê no sistema de compartilhamento de arquivos conhecido como “peer to peer” (P2P) as três características que fundamentam o estágio atual da internet, pois todos podem disponibilizar conteúdos, a estrutura básica é a rede e a troca de dados reconfigura as indústrias fonográfica e cinematográfica. As alterações no cenário comunicativo revelam que “a nossa cultura não é uma cultura da simples apropriação ou empréstimo, da produção, do produto ou da audiência, mas uma cultura da participação, e essa participação se dá pelo uso e livre circulação de obras” (LEMOS, 2006, p.56). A relação produtor-obra também ecoa na análise de Anderson (2006) sobre a formação de redes que agregam profissionais e amadores em uma estrutura colaborativa. A causa de tal fenômeno seria a democratização das ferramentas de produção, que teriam o poder de transformar os consumidores passivos em produtores ativos. A partir de tal perspectiva pode-se aferir que o domínio leva à ação. “Quando as pessoas compreendem como se fazem as grandes obras, é mais provável que elas mesmas queiram fazê-las” (ANDERSON, 2006, p.62). A Web 2.0 alcança todas as atividades humanas ao ponto de os novos consumidores serem tratados pelo marketing empresarial como “*prosumers*”, ou seja, os clientes são vistos como co-inovadores nas relações comerciais (Tapscott e Williams, 2007). Primo (2006) salienta que, enquanto os meios de massa priorizam o centro, a Web 2.0 fortalece as bordas da rede ao tratar a questão da credibilidade a partir da relevância dos materiais publicados e da dinâmica da construção coletiva.

Dentre os vários exemplos possíveis para ilustrar o desenvolvimento da Web 2.0, o surgimento do Blogger<sup>25</sup> pode ser usado como modelo para se explicar as profundas alterações técnicas e mesmo cognitivas da contemporaneidade. Em 1999, o pequeno grupo *Pyra Labs*, de São Francisco, na Califórnia (EUA), criou o *blogger.com*, considerado uma das primeiras plataformas para criação simplificada de páginas pessoais. Mesmo enfrentando inúmeras dificuldades financeiras, os idealizadores da ferramenta conseguiram conquistar fãs em todo o mundo. A razão para tamanha demanda não é difícil de explicar: extrema simplificação para o usuário leigo e gratuidade do serviço.

---

<sup>25</sup> <http://www.blogger.com/>

A simplicidade das ferramentas disponíveis on-line é fator primordial para atrair o grande público. Após cumprir apenas três etapas – criar uma conta, inserir um nome para o blog e escolher um modelo pré-definido - qualquer usuário é capaz de virar um blogueiro. Mesmo quem não domina sequer uma linha de código HTML é capaz de ser dono, em poucos minutos, de um endereço virtual. O preenchimento dos campos é parecido com qualquer outro aplicativo amigável do computador e o editor para publicação das mensagens no blog segue a linha lógica de programas de edição de texto, como o *Microsoft Word*. Mas se o usuário possui maior domínio da linguagem, o Blogger permite que ele modifique a *template* (modelo de interface). Aqui estão os dois grandes saltos na recente, porém intensa história da internet. A evolução se dá na trilha da simplificação e da abertura. Mais pessoas publicam conteúdo e a experiência se baseia sobretudo na troca ou, mais especificamente, na colaboração.

Contudo, a simplificação que permite a inserção de novos usuários também é alvo de críticas e se apresenta como um ponto nevrálgico da Web 2.0. As interfaces gráficas ditas “amigáveis” ao mesmo tempo em que ajudam a superar barreiras, também moldam as ações. Vivemos um momento de ampliação das liberdades ou, pelo contrário, usamos cada vez mais uma camisa-de-força? Fragoso (2003) mostra bem a tensão entre a interface que simultaneamente agrega e limita:

A contrapartida do caráter intuitivo das interfaces gráficas reside justamente na falta de explicitação do que está sendo excluído ou negado ao usuário, pois, ao eliminarem a necessidade de compreender protocolos de comunicação ou redirecionamentos de dados para acessar a rede, as interfaces gráficas restringem o acesso ao pequeno subconjunto do fluxo caótico de informação que é por elas traduzido em imagens e sons auto-explicativos. (FRAGOSO, 2003, p.221-222)

A questão revela-se delicada. Quando alguém cria um blog, pode escrever o que quiser, mas as ações estão limitadas aos instrumentos disponíveis sob a roupagem da “usabilidade”. Quem domina os códigos, as linguagens específicas, ainda detém um poder muito maior do que aqueles que simplesmente lidam com ferramentas construídas por terceiros. A Web 2.0 pode, portanto, esconder sob a égide da inclusão um potencial negativo de empobrecimento da relação homem-tecnologia. Estamos, portanto, longe de um consenso sobre a qualidade do atual estágio de desenvolvimento tecnológico e social da rede mundial de computadores.

### 2.3 – Blog e jornalismo

Blogs tornaram-se, nos últimos anos, um dos maiores sucessos da internet. Como exposto anteriormente, dois fatores ajudam a compreender, pelo menos em parte, a razão de tantos usuários se renderem à novidade: a extrema facilidade de publicação (não é necessário dominar linguagens específicas de programação) e a gratuidade do serviço. Diversos dados revelam a importância do blog no cenário atual da internet. Estimativas divulgadas por fontes especializadas revelam que existem mais de 110 milhões de blogs<sup>26</sup> e o grupo de mídia alemão *Deutsche Welle* realiza anualmente um concurso internacional para premiar os melhores blogs em diversas categorias<sup>27</sup>. Em suma os blogs são:

... páginas pessoais da web que, à semelhança de diários on-line, tornaram possível a todos publicar na rede. Por ser a publicação on-line centralizada no usuário e nos conteúdos, e não na programação e no design gráfico, os blogs multiplicaram o leque de opções dos internautas de levar para a rede conteúdos próprios sem intermediários, atualizados e de grande visibilidade. (ORIHUELA, 2007, p.2)

Se muitos são os usuários, diversos também são os usos: diário de adolescente, publicação acadêmica, confissões de garotas de programa, dicas sobre culinária, jornalismo, roteiros de viagens, pregação religiosa, sistema de atendimento ao consumidor mantido por empresas, entre outros. A proliferação levou ao que se denomina blogosfera, termo cunhado para abarcar a totalidade dos usos sociais. A explosão dos blogs também fez com que a comunidade científica fosse rapidamente atraída por questões impostas pelas novas conformações no ciberespaço.

Blog é a contração de weblog, termo formado pelas palavras inglesas web (que, por extensão, serve para designar a própria rede mundial de computadores) e log (diário de bordo e, por extensão, diário pessoal). A expressão teria sido usada pela primeira vez pelo norte-americano Jorn Barger, ainda nos últimos anos do século XX. A origem etimológica revela, portanto, que o blog é uma produção pessoal para ser publicada na internet. Schittine (2004, p.31) vê na essência do blog um paradoxo: “o escrito que deveria, a princípio, permanecer fechado para o mundo e para as relações exteriores se abre para ambos, de uma nova maneira”. Ao analisar o surgimento das páginas pessoais, que podem ser encaradas como as antecessoras dos blogs, Carvalho (2001) também argumenta que a transposição dos diários pessoais de papel para as telas dos computadores representa uma profunda alteração na

---

<sup>26</sup> Pesquisa realizada pelo site Technorati - <http://www.technorati.com>. Acesso em: 05/11/2007.

<sup>27</sup> <http://www.thebobs.com/>

concepção de audiência. Os diaristas on-line escrevem para um público, seja este formado por amigos próximos ou meros desconhecidos. Ao contrário dos diários, o blog não é guiado pelo segredo. A escrita pessoal e íntima é posta em circulação para um público.

As primeiras páginas pessoais de sucesso, mantidas por entusiastas da rede, começaram a surgir ainda no início da popularização da internet, na primeira metade da década de 1990. Somente pessoas familiarizadas com as linguagens de construção de sites podiam publicar suas idéias na rede. Apesar da afinidade quanto aos conteúdos, o salto das páginas pessoais para os blogs não foi pequeno. Além da simplificação apresentada pelos sistemas de publicação, os blogs têm uma estrutura própria que ajuda a dinâmica de publicação, expõe idéias em ordem cronológica e apresenta ferramentas que os tornam ambientes de conversação. As antigas páginas pessoais não eram ágeis na publicação de conteúdo, ao contrário da dinâmica encontrada nos blogs. O *post* mais recente fica em destaque na parte superior da tela, acima dos textos<sup>28</sup> publicados anteriormente. Além disso, é possível inserir caixa de comentários que aparece abaixo de cada *post* publicado. Geralmente, quando o internauta clica sobre o link “comentários”, abre-se uma janela estilo *pop-up* onde serão publicadas as intervenções. A passagem das páginas pessoais para os blogs modifica radicalmente as relações:

É interessante notar que os *blogs*, outrora cenário de interações reativas, hoje se abrem para intenso confronto de idéias (configurando, pois, interações mútuas). Os blogs surgiram como uma ferramenta para os internautas disponibilizarem seus diários pessoais e suas impressões sobre os mais diversos assuntos. Hoje, porém, diversos recursos são agregados a eles para que os visitantes possam deixar seus comentários sobre o que leram. Sem essa interface, os blogs permitiriam aos internautas apenas uma interação reativa. Com a incorporação do recurso de comentários, os blogs se tornaram verdadeiros fóruns para discussão dos mais diferentes tópicos. Nessas janelas que se abrem para a discussão, não se responde apenas ao responsável pela página. Um verdadeiro debate de fato passa a ocorrer entre os visitantes diários. (PRIMO, 2007, p.132)

Os jornalistas rapidamente se apropriaram da nova ferramenta de publicação. Muitas pesquisas analisam as transformações da atividade jornalística no ciberespaço. Mielniczuk (2003) denomina o atual estágio de “webjornalismo de terceira geração”, enquanto Varela (2007) recorre ao termo “jornalismo 3.0”, mas ambos revelam afinidade quanto ao tratamento da questão. A primeira geração ou jornalismo 1.0 se caracteriza pela mera transposição de conteúdos produzidos por outros meios para o ciberespaço. A segunda geração ou jornalismo 2.0 assegura uma produção voltada para a internet. A fase atual – seja ela denominada terceira

---

<sup>28</sup> Chamamos de texto todo tipo de conteúdo verbal, visual ou sonoro, pois os blogs estão, evidentemente, inseridos na lógica da convergência.

geração ou jornalismo 3.0 – “socializa esse conteúdo e os próprios meios”. Somente aqui o público foi, de fato, inserido no contexto comunicacional interativo: “quase não há ninguém que queira se manter informado e ficar calado” (VARELA, 2007, p.53). Primo e Träsel (2006, on-line) argumentam que “alguns sites noticiosos, inclusive, podem depender totalmente da intervenção dos internautas. Sem a participação ativa de um grupo em interação mútua, esses webjornais não têm qualquer função”. A atividade jornalística sempre se instituiu como conversação:

O jornalismo nasce da pulsão de falar o mundo, falar o outro, falar ao outro; da atração pela diferença, pela novidade, pelo distante; do enraizamento no mesmo, no próximo e em si que marcam a palavra humana desde sempre. Em síntese, o jornalismo faz parte do “dizer” social. (FRANÇA, 1998, p.26)

Contudo, a conversação era extra-dispositivo. O que os blogs e novos dispositivos tecnológicos permitem é uma interação que de fato se inscreve interior do ambiente onde ocorrem as rotinas produtivas. A conversação aparecia como marca, sejam aspas, o tradicional “povo-fala” ou outros modos de apreender discursos vindos “de fora” da rotina produtiva. Agora os diálogos estão dentro do dispositivo. É possível entrar e participar diretamente, não é necessário esperar o contato do jornalista.

Os blogs estariam, portanto, no emergente rol de “meios sociais de comunicação”. Enquanto os veículos tradicionais se caracterizam pelo monopólio da voz pública a partir de uma difusão centralizada, alguns espaços advindos da comunicação mediada por computador “são meios participativos nos quais a informação, e por associação o jornalismo, define-se como uma conversação” (VARELA, 2007, p.54). Os leitores continuam consumindo informação, mas também produzindo significados ao agir diretamente no local de publicação do material jornalístico.

Os blogs alteram o panorama midiático-informacional não apenas porque permitem a conversação interna entre leitores ou entre leitores e blogueiro, mas também porque podem se unir, formar uma rede com objetivos comuns. Hewitt (2007) analisou alguns casos ligados à cobertura política recente nos Estados Unidos para defender a idéia de que os blogs mantidos por jornalistas e amadores podem agir taticamente em rede, como um enxame, para atacar adversários. “A energia destrutiva da blogosfera é terrível quando concentrada” (HEWITT, 2007, p.30). Por isso mesmo os blogs também levantam dúvidas constantes em relação ao estatuto profissional do jornalista. Se é tão fácil criar um blog e se este pode servir para tudo, inclusive para a prática jornalística, a atividade do jornalista está fadada à extinção? A

resposta é não. O blog – e a própria comunicação mediada por computador como um todo – tencionam a atividade profissional, mas não dotam qualquer um de um domínio do saber que é próprio da atividade jornalística. Wolton (2004, p.375) defende que “quanto mais há informações, mais os filtros dos saberes e dos instrumentos culturais necessários a sua utilização são importantes”.

O blog pode ser visto, então, como um debate permanente. Não se quer aqui afirmar que a interatividade é um recurso exclusivo das novas tecnologias da comunicação, o que seria desconsiderar vários dispositivos usados há muito tempo pela mídia para dialogar com o público. Existem semelhanças entre a participação do leitor no jornal e no blog. Em ambos, a audiência tem que ultrapassar a barreira imposta pelo grande volume de participações para ter seu nome estampado em espaço nobre. O *gatekeeper*<sup>29</sup> está presente tanto no jornal quanto no blog. Mas a forma como os comentários se inserem no blog e a caixa de comentários permanentemente aberta para novos discursos, possibilita uma troca síncrona (ou quase síncrona) entre os que ali se encontram. O jornalista já não está isolado em sua tarefa diária. Primo e Träsel (2006, on-line) argumentam que a própria concepção do jornalista como *gatekeeper* deve ser revista, já que não se trata mais de controlar o fluxo, mas de selecionar o que está em fluxo, função bem mais próxima do *gatewatcher*:

Devido à quantidade de informação circulando nas redes telemáticas, cria-se a necessidade de avaliá-la, mais do que descartá-la. Não é mais preciso rejeitar notícias devido à falta de espaço, porque se pode publicá-las todas. Nota-se um deslocamento da coleta de informação para a seleção da mesma. (...) É claro que alguém ainda precisa entrevistar as fontes e analisar dados, e a maioria dos profissionais que lidam com o webjornalismo acabam por assumir ambos os papéis. O *gatewatcher* combinaria funções de bibliotecário e repórter. Do porteiro, passa-se ao vigia. (PRIMO E TRÄSEL, 2006, on-line).

Confrontada com os meios de comunicação de massa, a internet parece estabelecer a democracia da comunicação. Instrumentos que permitem a publicação de maneira simples e dinâmica como os *blogs* serviriam para corroborar essa posição. Contudo, a rede mundial de computadores, conforme argumenta Vaz (2004), conduz à crise do mediador de interesse geral e instaura um novo tipo de mediador, que funciona como um filtro. O autor defende que há uma mudança significativa no estatuto da escassez no ciberespaço. Na mediação de interesse geral, um indivíduo ou um grupo é responsável por recolher informações e prover a seleção dos assuntos que serão distribuídos de acordo com critérios próprios de noticiabilidade. Já o mediador da internet tem a função prioritária de selecionar informações

---

<sup>29</sup> Segundo Wolf (2003), o conceito de *gatekeeper* foi elaborado para explicar a tarefa do jornalista de liberar ou bloquear as informações segundo critérios impostos pelos dispositivos.

não produzidas por ele próprio, de forma a atrair o público de um conteúdo personalizado e de fácil acesso. “O recurso escasso não é mais a informação, mas as faculdades individuais de atenção e memória” (VAZ, 2004. p. 226). Portanto, o internauta passaria a prescindir do mediador para não vagar pela profusão de dados disponíveis na rede e diminuir o tempo necessário para encontrar a informação desejada. Mais uma vez pode-se buscar argumentos para provar que a Internet não prescinde de mediação e muito menos dos especialistas em comunicação:

“O que esse consenso nos revela é a aparição de uma nova função para os jornalistas. Suas fontes, no caso, são um recurso, por princípio, partilhado por todos. Perdendo esse privilégio, o jornalista reconquista valor ao se tornar uma espécie de guarda de trânsito, indicando, através de *links* no texto, por onde prosseguir numa viagem e encontrar alguma das inúmeras preciosidades da rede.” (VAZ, 2004, p. 230)

Assim como a rede, os blogs estão em constante evolução. Afinal, o que define o que é blog? O Blog do Noblat, por exemplo, começou com a estrutura integral de um blog, mas hoje apresenta *links* e seções como um site tradicional. Podemos continuar a chamá-lo de blog? Defendemos que sim, pois a estrutura fundamental dos blogs norteia a produção: a interface abriga posts inseridos na área central e a ferramenta de comentários abaixo de cada post.

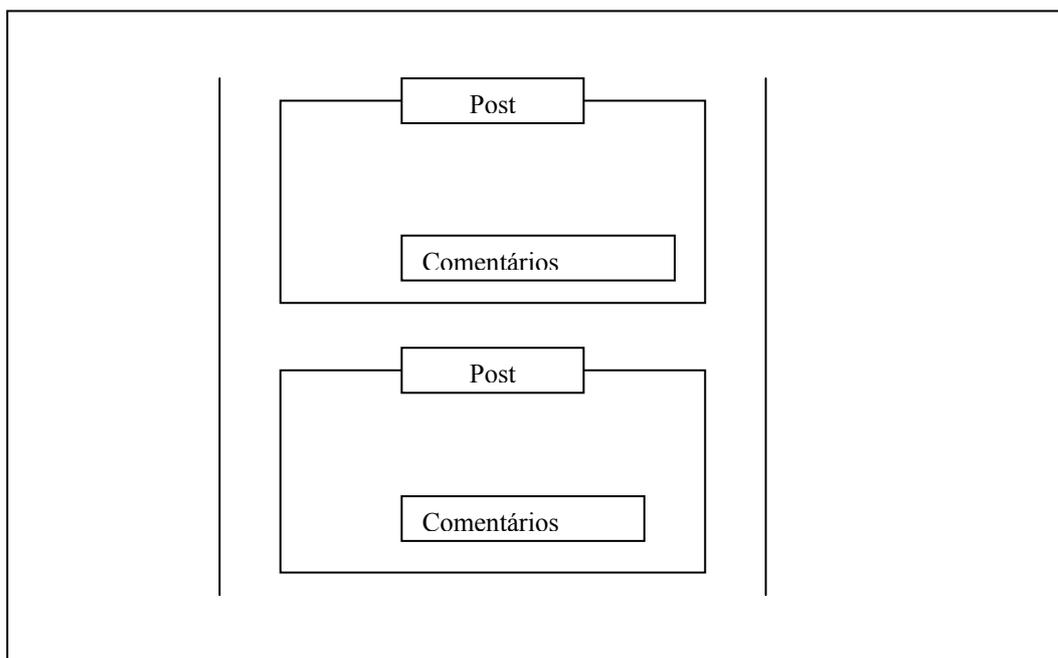


Figura 2 – Estrutura básica de um blog

Nem todo site pessoal de jornalista é um blog. Paulo Henrique Amorim é responsável pelo “Conversa Afiada”, um site de notícias e opiniões, mas não há a estrutura básica de interface de um blog. Não é a imagem do jornalista ou o nome dele no topo da página, muito menos a temática, que tornam o site um blog. Se a interface não for estruturada para receber posts publicados em ordem cronológica (os mais recentes acima dos mais antigos) e, sobretudo, uma caixa para publicação de comentários relativa a cada um dos posts, não se trata de um blog. Não descartamos, no entanto, um hibridismo que tende a se acentuar com novas experiências e, quem sabe, gerar novos formatos.



Figura 3 – Site conversa afiada

## CAPÍTULO III – AS DINÂMICAS INTERATIVAS NO BLOG DO NOBLAT

### 3.1 – Percurso metodológico e corpus

Recorremos a uma metodologia que se divide em três etapas para guiar as análises dos sujeitos, dos comentários e das dinâmicas interativas. A proposta foi formulada para dividir a análise em partes que têm o objetivo de percorrer níveis ao mesmo tempo distintos e complementares à compreensão global do processo de interação.

A primeira etapa concentra a atenção nos sujeitos da comunicação. Recorre-se a uma perspectiva descritiva dos atores que fazem o Blog do Noblat: jornalista, colaboradores e internautas. Parte-se de breve biografia do jornalista, sua relação com a blogosfera e a formas de apropriação da nova ferramenta de comunicação. Em seguida, os colaboradores entram no foco da análise. Explica-se a relação jornalista/colaborador e a forma como este último é agenciado pelo primeiro a partir de diferentes perspectivas, como o status social e a qualidade das enunciações. Depois, nosso olhar é deslocado para Maria Helena Rubinato, figura singular entre os colaboradores e personagem central da pesquisa. Finalmente, chegamos aos internautas/comentaristas, que são brevemente apresentados, pois a segunda etapa explora justamente particularidades deste último grupo.

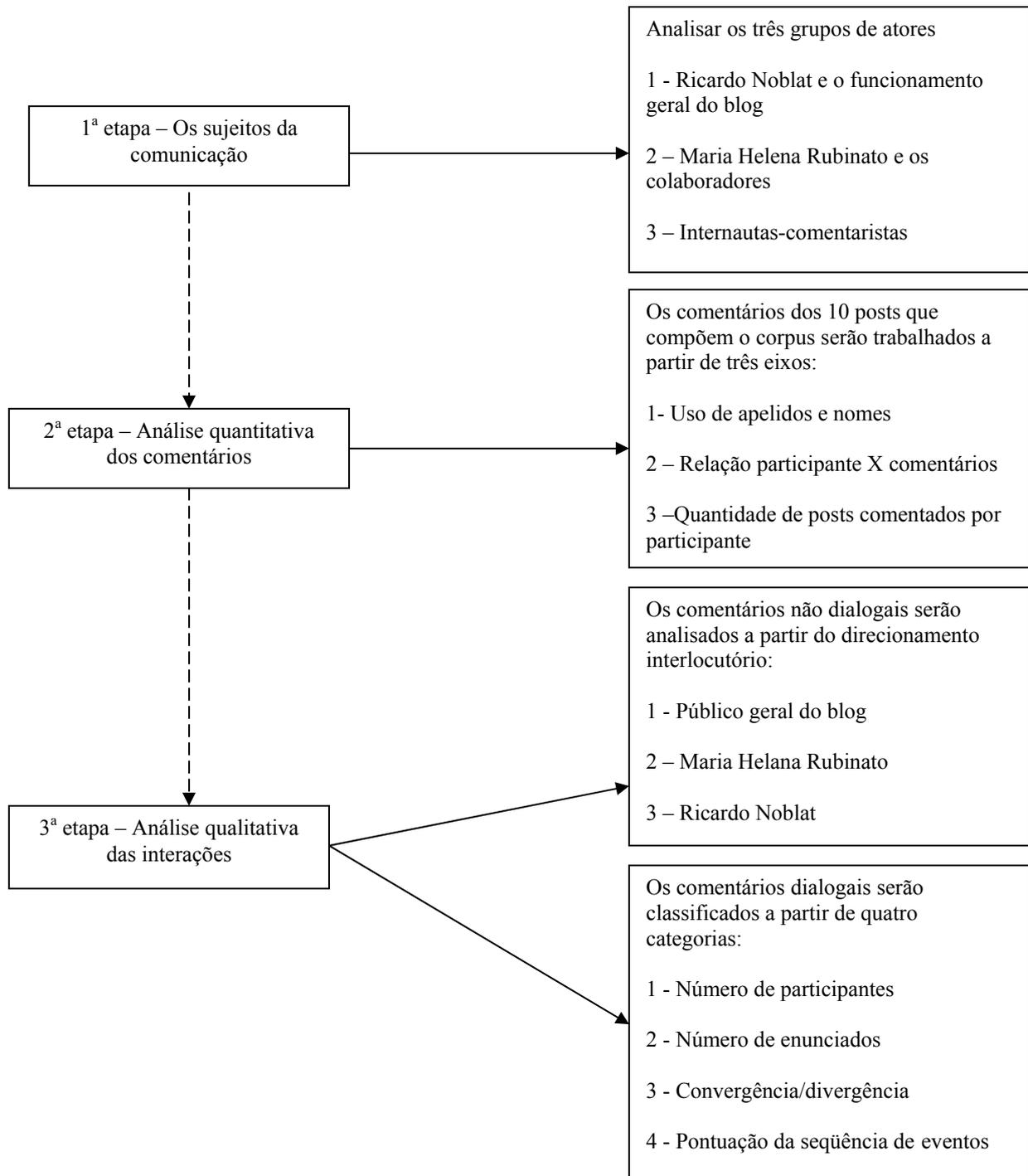
É justamente na segunda etapa metodológica – claramente quantitativa, pois o volume de informações ainda é altíssimo – que aspectos diretamente relacionados aos comentaristas fazem aparecer os primeiros traços de padrões reconhecíveis. Um dado muito importante explorado nessa etapa é a forma de apresentação dos internautas: apelido, nome completo ou apenas o primeiro nome. Também é aferida a relação internauta X número de posts comentados e internauta X número de comentários por post. O objetivo aqui é compreender, de forma ampla, a maneira geral de agir dos internautas.

Finalmente, chega-se à etapa qualitativa, na qual os comentários são analisados detalhadamente. Estes são divididos em duas grandes categorias: não-dialogais e dialogais. Os não-dialogais são aqueles que não apresentam vinculação explícita a outro comentário. No entanto, eles fazem parte da comunicação e serão analisados a partir do direcionamento interlocutório: público geral do blog, Maria Helena Rubinato e Ricardo Noblat. Os comentários dialogais instauram cadeias interativas e serão analisados de acordo com quatro pontos: 1) número de participantes; 2) Número de enunciados; 3) Convergência/divergência;

4) Pontuação da seqüência de eventos. A terceira etapa desce ao nível das dinâmicas interativas, das trocas, da comunicação direta entre os internautas.

Assim, parte-se dos sujeitos, segue-se até os números e gráficos gerados a partir do grande conjunto de comentários, para finalmente desaguar no campo das microinterações. O diagrama metodológico a seguir ajuda a compreender as três etapas e a vinculação entre elas.

### Diagrama metodológico



## Corpus

As pesquisas sobre ambientes telemáticos, especialmente aquelas que se debruçam sobre objetos que habitam especificamente a internet, quase sempre têm que lidar com uma relação paradoxal. Se por um lado é fácil recorrer ao banco de dados, por outro é árdua a tarefa de lidar com a grande quantidade de material empírico disponível. A presente investigação esbarra nessa questão e se vê obrigada a propor recortes para dar conta do adequado encaminhamento da análise. Todo recorte é arbitrário, mas a arbitrariedade do pesquisador está sempre amparada no problema. A inevitável seleção tem como parâmetro as questões pertinentes ao objeto de estudo. Em nosso caso, o problema está na emergência de padrões interativos no Blog do Noblat. Que padrões são estes e como eles se formam são as perguntas que tentaremos responder.

Uma primeira clivagem se dá no nível dos *posts*. Se queremos verificar padrões, devemos analisar *posts* que já configuram um certo tipo de padrão, em relação à forma e ao conteúdo, simultaneamente. Um segundo recorte deve considerar as possibilidades interativas dos *posts* selecionados. Como veremos adiante, o Blog do Noblat engloba três tipos de atores: Ricardo Noblat, colaboradores e internautas. Assim, os *posts* que integram o corpus devem abrigar todas as possibilidades interativas. Trabalharemos, portanto, com *posts* publicados por Maria Helena Rubinato – colaboradora do Blog do Noblat – e com os comentários dos internautas gerados a partir destes *posts*.

A escolha dos *posts* não é aleatória. Maria Helena Rubinato não é uma colaboradora “comum”. Ela foi convidada por Noblat para integrar o time de colaboradores a partir da qualidade de seus comentários como leitora. Elegemos os *posts* dela porque estes não trazem consigo o peso de um determinado status social como se percebe entre os demais colaboradores. Estes não jornalistas, políticos, pesquisadores e outros atores sociais reconhecidos e convidados a colaborar no blog pelo que fazem. Maria Helena Rubinato não. Ela é uma figura singular, que está no grupo de colaboradores pela qualidade de seus enunciados. Por isso, acreditamos que os comentários gerados a partir de seus artigos sejam voltados para o que ela escreve e não pelo que ela faz. Essa idéia será retomada e aprofundada quando explicarmos o papel dos colaboradores e a figura idiossincrática de Maria Helena Rubinato.

Para um primeiro recorte do corpus recorreremos ao mecanismo de busca do blog, onde digitamos o nome da colaboradora “Maria Helena Rubinato” e encontramos 99 *posts* com as

características que procuramos. Ao todo, estes posts abrigam 4.594 comentários. Todo o material foi publicado entre 28/07/2005, dia da primeira colaboração de Maria Helena Rubinato, e 16/03/2007, data de nossa consulta ao banco de dados do blog. Claro que todo esse material tornaria a pesquisa inexequível. Seleccionamos, então, 10 posts com o maior número de comentários, conforme a seguinte tabela:

<b>Título do post</b>	<b>Data de publicação</b>	<b>Número de comentários</b>
A eterna vigilância	18/08/05	122
Em resposta à professora Marilena Chauí	15/09/05	142
No pasarán!	29/09/05	125
Trouxas até certo ponto	06/10/05	202
Lula e lulices	03/11/06	202
Trevas	09/02/07	204
Injustiça	23/02/07	139
Sob forte emoção	02/03/07	180
O nosso guia é o artilheiro do PAN	09/03/07	224
A última flor do Lácio	16/03/07	186

Tabela 3 - Posts e comentários que integram o corpus de pesquisa

Este primeiro recorte permite a análise quantitativa de quase 10% dos posts inicialmente capturados e 37,5% (1.726) dos comentários publicados. Com este conjunto de posts serão analisados aspectos gerais dos comentários, como o uso de apelidos pelos participantes e o número de mensagens enviadas.

Mas um segundo recorte se faz necessário para a análise qualitativa, que será restrita ao post “O Nosso guia é artilheiro do PAN”, publicado no dia 9 de março de 2007. A escolha é simples e também balizada pelo volume de informação. É o post com maior número de comentários (224) e permite o estudo de diversas situações interativas.

## 1ª ETAPA – Os sujeitos da comunicação

### Ricardo Noblat: da tradição à blogosfera

Quando decidiu enfrentar os desafios da internet e criar um blog, em março de 2004, o jornalista Ricardo Noblat não poderia prever o impacto que tal ato causaria à sua já consolidada carreira profissional. Segundo ele mesmo conta, a idéia era criar um canal que permitisse a veiculação de informações apuradas durante a semana e que perderiam a validade até o domingo, dia que escrevia uma coluna no jornal carioca *O Dia* (Info Exame, out. 2005). Ele foi levado para a blogosfera pelo mesmo motivo que a maior parte dos novos produtores de conteúdo: a vontade de escrever e de ser lido. Vontade esta que, associada à facilidade e velocidade para publicação, torna-se propulsora do crescimento extraordinário do número de novos blogs.

Com pouco mais de um ano de existência, em agosto de 2005, no auge da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Mensalão<sup>30</sup>, o blog do jornalista atingiu a incrível marca de 1.907.372 *page views*, segundo dados divulgados pelo próprio jornalista. Mas como o Blog do Noblat conseguiu amearhar tantos acessos em tão pouco tempo? A resposta não pode ser dada olhando somente para o presente. Os dados que levam a entender o sucesso da iniciativa remontam aos tradicionais meios de comunicação. Ricardo Noblat não era um neófito nos meandros jornalísticos e muito menos acabara de obter reconhecimento na web. Muito pelo contrário, o experiente jornalista já era dono de uma notável carreira quando se aventurou no mundo digital.

Em 1967, aos 18 anos, Noblat foi admitido como repórter assistente da sucursal do *Jornal do Brasil* em Recife. Em quase quatro décadas de profissão trabalhou no *Jornal do Comércio*, *Manchete*, *Veja*, *Jornal do Brasil*, *Correio Braziliense*, *A Tarde* e *O Dia*. Ocupou importantes cargos de comando. Dirigiu as sucursais da revista *Veja* em Recife e do *Jornal do Brasil* em Brasília. Foi chefe de redação do *Correio Braziliense* por oito anos. No início da década de 1990, experimentou trabalhar com marketing político em Angola, na África (NOBLAT, 2004).

Mas por que um jornalista consagrado decide largar as tradicionais redações para escrever um blog? A passagem do profissional da celulose para os bits (ou do papel para o

---

<sup>30</sup> Escândalo político que envolveu ministros, parlamentares e dirigentes do PT. De acordo com as denúncias, os congressistas recebiam pagamentos irregulares para votar projetos de interesse do governo federal.

digital) pode ser explicada pela intensa transformação pela qual passa o jornalismo neste início de século. O próprio Noblat demonstra uma profunda decepção em relação ao modo como os profissionais lidam com as mudanças: “É feia a crise. Estou convencido de que donos de jornais e jornalistas compartilham o firme propósito de acabar com os jornais. Ou então, são burros.” (NOBLAT, 2002, p.13).

Ele sustenta a tese de que os responsáveis pelas redações dos jornais impressos de grande circulação ainda não se deram conta da necessidade de alterar profundamente a forma de encarar a gestão de conteúdo. Tal atitude influencia diretamente o declínio acentuado das vendas em bancas e a redução dos ganhos com a comercialização de espaços publicitários. O jornalista argumenta que o avanço tecnológico deixa os “defeitos” dos jornais ainda mais explícitos: “Queixam-se os leitores de constantes erros de ortografia, da tinta usada pelos jornais que lhes mancham as mãos e a roupa, das páginas que se soltam quando manipuladas, do excesso de páginas e do formato dos jornais” (NOBLAT, 2002, p.14).

Dentre as hipóteses que podem ser levantadas para o sucesso de Ricardo Noblat no universo dos blogs está, certamente, uma real e imediata entrega do experiente jornalista à experimentação. A forma de encarar as potencialidades da emergente ferramenta de comunicação, associada à credibilidade adquirida em vários anos de trabalho em instituições de prestígio regional e nacional, garantiram ao recém-criado Blog Noblat uma crescente audiência qualificada e fiel.

Mas engana-se quem pensa que a relação com o leitor na web é mais fácil em relação às mídias tradicionais. Como vimos em nossa discussão sobre dispositivo, o blog concentra tudo na figura do jornalista. O blog do Noblat possui dois repórteres que enviam as informações mais recentes direto do Congresso ou de qualquer outro lugar onde se desenrolam os fatos políticos. Sempre que a informação é enviada por eles, Noblat dá crédito aos repórteres (a equipe já foi diferente, mas durante a fase de escrita da pesquisa os repórteres eram Diego Amorim e Carol Pires). Mas todas as enunciações têm um único “dono” e as conseqüências de tudo que é dito recaem brutalmente sobre os ombros do jornalista, conforme relato feito por Noblat no dia 5 de junho de 2006:

Este é um dos mistérios da fé - ou uma das características do atual modelo dos blogs: ele é a cara, a impressão digital, o jeito, o estilo (ou a falta dele) do seu titular. Para o bem ou para o mal. Não pode ser terceirizado.



Figura 4 - Blog do Noblat

O “Blog do Noblat” funciona de acordo com a “forma padrão” desse tipo de ferramenta de publicação: os *posts* ocupam a coluna central, sendo que os mais recentes aparecem acima dos antigos; abaixo de cada *post* está o *link* comentário, que dá acesso a uma nova janela (chamada de *pop-up*) onde os internautas podem publicar textos. Como se pode observar na figura 4, o jornalista usou claramente dois recursos para obter imediato reconhecimento e simpatia da audiência: personalização e instantaneidade. São elementos fundamentais para o webjornalismo de terceira geração, ao lado da hipertextualidade, multimídia, interatividade e memória (Mielniczuk, 2003). A primeira característica fica evidente na forma como são explorados o nome e a imagem do jornalista. Não é um “blog de notícias”, ou um “blog de política”. É, acima de tudo, o blog do Ricardo Noblat. Ponto a favor do jornalista, sem dúvida, pois os blogs são sucessores das rudimentares páginas pessoais do início da década de 1990 e surgiram a partir da idéia de máxima personalização da forma e do conteúdo. O nome de um profissional destacado é uma marca que inspira credibilidade. A segunda característica, a instantaneidade (ou atualização contínua), diz respeito à velocidade de produção e publicação de conteúdo. A internet permite a imediata veiculação de informação em diversos formatos e os blogs jornalísticos usam a extrema facilidade de publicação como arma para cativar e seduzir os leitores ávidos por notícias. Ao contrário de uma página de conteúdo estático, a instantaneidade leva a audiência a acessar o blog com uma

frequência muito maior que outros sites. Em um intervalo de três horas, por exemplo, o leitor pode ter muita informação nova e exclusiva. Aqui há uma ruptura significativa em relação ao consumo da informação. Os jornais impressos são reféns do horário de fechamento. O leitor tem acesso às notícias apuradas e redigidas na véspera. Uma tragédia ao meio-dia será publicada apenas no dia seguinte. A web, ao contrário, permite o abastecimento ininterrupto, o que corrobora a discussão anterior onde defendemos a tese de que o dispositivo blog gera uma audiência em tempo integral. Vale mais uma vez lembrar que outras mídias também possibilitam a publicação instantânea e contínua de informação, como o rádio e a televisão, mas estes necessitam que o ouvinte respeite a grade de horários para que tenha acesso ao material veiculado. As transmissões radiofônicas e televisivas ao vivo exigem uma sincronia entre a veiculação e a audiência. Na internet, o leitor pode acessar a informação a qualquer hora, como também o jornalista pode publicar novidades a todo instante.

Ao longo da breve, porém intensa história do blog, podemos notar as fases “amadora” e “profissional”. Como decidiu criar uma página pessoal sem a pretensão de ganhar dinheiro, o jornalista se inscreveu, no início de 2004, no Blig, serviço gratuito de blogs do portal iG.

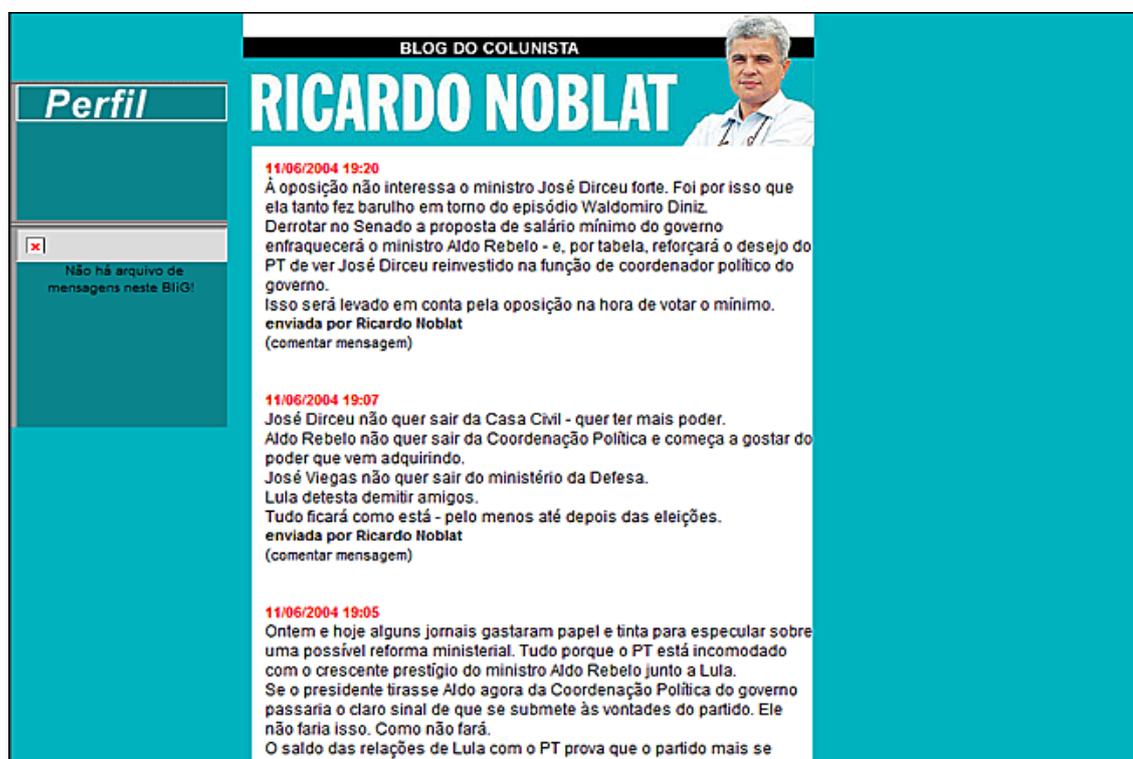


Figura 5 - Blog do Noblat em junho de 2004

O layout do primeiro blog criado por Noblat revela que, excluído o cabeçalho com a foto do jornalista, o blog foi criado a partir de uma template (página padrão) disponível

naquela época a qualquer internauta que se cadastrasse no serviço Blig. A template estava à disposição tanto de uma criança pronta para escrever sobre sua nova bicicleta quanto de um renomado cientista que quisesse divulgar suas descobertas. Portanto, como já foi dito, Noblat mantinha o blog com a mesma determinação e convicção que estimula milhões de blogueiros, ou seja, a possibilidade de comunicação permanente a partir de uma plataforma simplificada de publicação. Mas a passagem do amadorismo para a profissionalização do Blog do Noblat foi rápida e surpreendente, conforme reportagem publicada em 2005:

Assim, o que era quase um hobby acabou virando o emprego do jornalista, que chegou a ser cotado para ocupar a Secretaria de Comunicação da Presidência da República em 2002. Em março deste ano (2005), Noblat fechou um contrato com o iG que paga o jornalista para que o blog fique hospedado no provedor. “Não vou dizer quanto ganho, mas é um salário bom para o mercado”, revela. (PRETA, 2005, p.6)

Alguns meses depois de assinar o contrato com o portal, o blog passou por uma reformulação do layout, que possibilitou trabalhar com a linguagem de programação Java e a publicação de arquivos MP3 na estação batizada por Noblat como “Jazz & Tal”. Mas a confirmação de que o blog representa um grande filão ainda em fase embrionária no jornalismo brasileiro veio em novembro de 2005, quando Ricardo Noblat foi contratado pelo Portal Estadão, do grupo de mídia que controla, entre outros produtos jornalísticos, o jornal Estado de S. Paulo.



Figura 6 - Blog do Noblat em novembro de 2005

A partir da migração para o Estadão, o Blog do Noblat dá ênfase ainda maior à um ponto essencial do webjornalismo: a interatividade. Na margem direita da figura 6 podemos observar uma enquete fixa sobre um dos assuntos abordados no blog. O jornalista passa a explorar ainda mais a possibilidade de comunicação direta com os leitores e institui a “Calçada da Fama”, post em que publica integral ou parcialmente comentários deixados pelos internautas. Assim, o blog passa a ser um espaço de conversa, um ambiente de diálogo não apenas entre os leitores, mas também com a participação direta do jornalista, como no exemplo a seguir, quando o jornalista publica um comentário de um internauta e o responde em um mesmo post:



Figura 7 – Post “Calçada da Fama”

O jornalista publica informação, os leitores comentam, o jornalista seleciona e publica em forma de post alguns comentários, que são novamente comentados pelos leitores. Comprovamos aqui algo que já discutimos: a passagem do *gatekeeper* para *gatewatcher*. Na caixa de comentários do post que nos serve como exemplo, encontramos três participações que se ligam e mostram como o diálogo é elemento constituinte do blog. Localizamos uma participação do próprio leitor Marcos Flávio, que estimulou o post “Calçada da Fama”, um outro comentário deixado pelo internauta “Sarcástico”, que mostra opinião divergente à de Marcos Flávio, e de um terceiro internauta, Luís Manuel Domingues do Nascimento, que revela-se solidário a Marcos Flávio. Todas as participações têm como foco a linha editorial do Blog do Noblat:

**Apelido: Sarcástico - 15/1/2007 - 21:46**

Marcos Flávio Fonntenelle Barros --- Pois é poderia ter ido dormir sem está, não é? É o caso de pessoas que tem preguiça de verificar primeiro antes de falar.

**Este comentário é ofensivo ou inapropriado?**  
[Denuncie aqui](#)

**Nome: Marcos Flávio Fonntenelle Barros - 16/1/2007 - 1:41**

Noblat, eu só queria que os comentarios sobre o BURACO tivessem o mesmo destaque e contundencia de outras noticias, onde nem vitimas humanas registraram. O padrão deve ser um só para todas as notícias.

**Este comentário é ofensivo ou inapropriado?**  
[Denuncie aqui](#)

**Nome: Luís Manuel Domingues do Nascimento - Email - 16/1/2007 - 0:05**

Os Vários do Noblat Desde que aconteceu o acidente que resultou na abertura de uma cratera na Linha 4, do Metrô, de São Paulo, com quase oito vítimas e danos para a população vizinha ao canteiro da obra, o Blog de Noblat só informou algo sobre o assunto quatro vezes, sendo duas fotos com breves comentários e duas notícias transcritas de dois jornais (Jornal do Brasil e Diários de São Paulo), nas quais o leitor foi orientado acessar a reportagem através de um link. Neste sentido, procede a reclamação do leitor Marcos Flávio Fonntenelle Barros ao ironizar a minguada cobertura que o Blog do Noblat tem dado ao fato e as suas repercussões e implicações. O que não procede é a defesa proferida pelo dono do blog: "Aqui foram publicadas várias notícias e fotos a respeito. É só consultar o Arquivo do blog." Consultado o arquivo, verificou-se que as VÁRIAS do Noblat pertencem a uma noção de matemática muito comedida e que potencializa as dezenas algumas unidades que não dão conta da quantidade de dedos de uma mão.

**Este comentário é ofensivo ou inapropriado?**  
[Denuncie aqui](#)

Além de estimular as trocas ordinárias entre os leitores, o blog também age diretamente sobre o estatuto da mediação jornalística ao permitir uma relação direta e em grande medida íntima com a audiência. É um tipo de mediação que simultaneamente convoca o leitor e confere credibilidade ao jornalista. Dentro os vários casos observados, citamos um post publicado no dia 30 de junho de 2005:

### **Quem quer fazer perguntas a Jefferson?**

O interrogatório de Jefferson irá longe. Quem quiser fazer perguntas a ele, que faça no espaço de comentários a esta nota. Perguntas objetivas. Que tenham a ver com o que se discute na CPI dos Correios. Tenho como encaminhar as melhores a deputados ou senadores que estão inscritos para interrogar Jefferson. Quem sabe não conseguiremos dessa forma melhorar o nível da discussão na CPI.

Mais do que uma simples jogada promocional, os posts que convocam o público podem, de fato, fazer com que o internauta integre a relação jornalista-fonte-acontecimento, como ocorreu no dia 7 de julho de 2005, quando o senador Heráclito Fortes leu a pergunta de um leitor do *blog* durante o depoimento de Fernanda Karina Somaggio à CPI dos Correios<sup>31</sup>:

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (PFL – PI) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Delcídio Amaral. PT – MS) – Senador Heráclito Fortes.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (PFL – PI) – Sem querer abusar da paciência de V. Ex<sup>a</sup>, peço um minuto para falar em respeito a quem nos ouve. Recebi um pedido de um ouvinte do *blog* do Noblat que está assistindo à reunião, de maneira atenta, de Fortaleza e quer que eu pergunte à Sr<sup>a</sup> Karina se ela conhece o Sr. Ivan Guimarães, que foi Presidente do Banco Popular no Governo Lula. (grifo nosso)

O Blog do Noblat consegue até mesmo vencer concorrentes de peso, como grandes portais. Pesquisa da agência FSB Comunicações<sup>32</sup> revelou que sites e blogs são consultados todos os dias por 47,2% dos deputados federais, com a maior audiência para o Blog do Noblat (24,4%), seguido do UOL (22,4%), Portal Terra (9,8%) e blog do Josias de Souza (9,3%). É uma audiência extremamente qualificada que busca no blog aquilo que ele traz de melhor: a união entre os fatos mais relevantes cobertos pela mídia e os bastidores da vida política.

A iniciativa amadora de Noblat ao criar o blog, em 2004, já havia ficado para trás quando assinou contrato com iG e Estadão, demonstrando que os blogs, antes encarados por muitos como “coisa de adolescente” ou até mesmo como ameaça ao “bom jornalismo”, pode ser um importante aliado para a comunicação profissional. Em janeiro de 2007, o blog mostrou mais uma vez que é um grande atrativo para os tradicionais grupos de mídia. Desta vez foi o site do jornal O Globo, que está hospedado no megaportal Globo.com, que contratou o jornalista. A nova migração reforçou características que fizeram do Blog do Noblat um dos principais canais de jornalismo político na internet. A credibilidade, aliada à disposição de se integrar ao ambiente de interatividade direta do blog, só contribui para o crescimento da

<sup>31</sup> Nota taquigráfica do depoimento de Fernanda Karina Somaggio à Comissão Parlamentar de Inquéritos (CPI) dos Correios, no dia 07/07/2005. Disponível em:

<<http://www.senado.gov.br/sf/atividade/Comissoes/consComCPI.asp?com=1328>>. Acesso em 15/11/2007

<sup>32</sup> Disponível em: <<http://www.comunique-se.com.br/Conteudo/NewsShow.asp?idnot=43040&Editoria=8&Op2=1&Op3=0&pid=264990&fnt=fntnl>>. Acesso em 21/03/08.

audiência. O Blog do Noblat rapidamente percebeu a necessidade de acompanhar os avanços que a tecnologia impõe ao consumo de informações jornalísticas e atualmente utiliza material multimídia, principalmente vídeos do YouTube e arquivos de áudio.

Além disso, o jornalista também impôs, ao longo do tempo, seções fixas que dão ao blog uma forma característica, que pode ser facilmente reconhecida pelos frequentadores. A “Frase do dia”, que fica logo abaixo o cabeçalho da página e acima do post mais recente, destaca uma frase geralmente proferida por um personagem de relevância do noticiário, convidando o leitor a pensar, questionar, argumentar. A “Música do dia” abre para o internauta-ouvinte um player com um arquivo de áudio, acompanhado de informações sobre o porquê da escolha da música. A “Foto do dia” e a “Obra-prima do dia” mostram imagens importantes da cobertura jornalística e/ou históricas. Também diariamente o leitor é convocado a enviar endereços de sites ou blogs que são publicados como dica. Assim, o “dia” do blog é cheio de marcas que fornecem aos que participam da conversação um ambiente rotineiro, conhecido, familiar, para que se sintam seguros e estimulados a publicar novos comentários. Como analisado anteriormente, a “Calçada da fama” também constitui uma marca característica do blog, sempre visando à participação e ao diálogo.

Enviado por Ricardo Noblat - 22.3.2008 | 11h00m

VALE A PENA ACESSAR

**Dica de site**



**O site World Clock traz em tempo real as taxas de natalidade e mortalidade mundial. É atualizado a cada segundo. É possível acompanhar também o número de divórcios, de carros produzidos, além de estatísticas específicas dos Estados Unidos, como a população prisional e o número de imigrantes ilegais naquele país. Dica do leitor Júlio Falcão.**

Sugiro diariamente sites, blogs e fotologs que valham a pena ser acessados. Mandem sugestões para [noblat@uol.com.br](mailto:noblat@uol.com.br) Agradeço desde já.

Figura 8 - Post “Dica de site” com indicação enviada pelo leitor Júlio Falcão

Ao fixar marcas, o jornalista convida o internauta a se identificar com o ambiente e assimilar as vias de participação. Tal como conceituou Certau (1994), “o espaço é um lugar praticado”. O lugar é a ordem distributiva dos elementos que coexistem, enquanto o espaço é o “cruzamento de móveis”: “Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres” (CERTEAU, 1994, p.202). Podemos transpor tal concepção para o blog. Ao organizar os elementos no espaço delimitado da tela do

computador, ao seu modo, o jornalista cria uma espécie de cumplicidade cotidiana com os leitores, que se sentem “em um lugar conhecido” e criam um efervescente espaço comunicativo. A interface e seus elementos só conformam o blog na medida em que há a ocupação do lugar pelo público leitor.

Justamente por ser um ambiente aberto, o Blog do Noblat não está livre de pessoas que enviam comentários desrespeitosos, insultos ou até mesmo xingamentos. Para minimizar os problemas e evitar imbróglis jurídicos, o jornalista conta com moderadores que se revezam na leitura dos comentários e excluem aqueles que são contra as regras do blog. Segundo próprio jornalista, os moderadores são fundamentais para o bom andamento das conversas e, portanto, do próprio blog. Segundo Noblat, os moderadores trabalham voluntariamente e mantêm uma relação de extrema confiança, como exposto no post publicado no dia 25 de maio de 2006:

Se a vida de blogueiro é dura, pior é a de moderador de blog. Tenho dois. Um discretíssimo. Elimina os comentários ou os comentaristas que desrespeitam as regras do blog e não polemiza com eles. O outro gosta de mandar recados e de polemizar.

Talvez por que seja, dos dois, o que passa mais horas lendo comentários. Ele começa no meio da tarde e vai até o meio da madrugada seguinte. Dá expediente de 12 horas em média. Trabalho escravo. Por opção dele. É assíduo colaborador do blog desde sua inauguração em março de 2004. De vez em quando ameaça largar o serviço. É quando está furioso com o nível dos comentários. Ou quando está cansado de responder a comentaristas eliminados que se queixam dele e que se julgam injustiçados. O moderador então responde às queixas explicando as razões do corte. Faz isso mais de uma dezena de vezes por dia. Eu não gostaria de estar na pele dele. Haja paciência. E haja dedicação.

Aproveito para revelar o que pode lhes parecer espantoso: não conheço pessoalmente o Moderador 1. Trocamos e-mails e falamos por telefone centenas de vezes nos últimos dois anos – mas nunca nos encontramos. Sei que ele mora no Rio, escreve com muita graça e estilo e ama corridas de cavalo. É um cidadão culto.

Para que eu entregue a uma pessoa que nunca vi a responsabilidade de eliminar comentários e comentaristas é por que aprendi a confiar nela. É por que confio muito nela.

Mas esse é um dos encantos da internet. Você descobre gente ótima, com talento de sobra e acaba se tornando amigo sem nunca ter sido apresentado.

### **Maria Helena Rubinato: a colaboradora e o enunciado**

Um grupo muito importante e sempre presente desde os primeiros passos do Blog do Noblat é formado por personalidades díspares. O termo personalidade aqui não deve ser compreendido como sinônimo de “fama” ou “celebridade”, mesmo porque fazem parte desse

grupo tanto nomes reconhecidos publicamente quanto desconhecidos que conquistaram a confiança do jornalista. Consciente de que o blog ganharia visibilidade e se tornaria um local de debate ainda mais intenso, Noblat sempre contou com a participação de colaboradores. A maior parte deles escreve com periodicidade regular no blog, geralmente semanal ou quinzenal. Alguns são convidados a opinar a partir da temática de cobertura em destaque. A atividade não é remunerada e a principal compensação para os participantes é o prestígio de se escrever num dos principais espaços de debate político do País. Os textos dos colaboradores são publicados na íntegra na seção “Artigos”. Sempre que uma nova colaboração é publicada, Ricardo Noblat redige um post com o primeiro parágrafo ou alguma parte significativa do texto e chama a atenção dos leitores para a íntegra do texto na referida seção. Nos posts usados para atrair o público é possível inserir comentários, como em qualquer outro post.

Enviado por Ricardo Noblat - 9.3.2007 | 10h04m

**O Nosso Guia é o Artilheiro do PAN**

*"Lula veio ao Rio de Janeiro para lançar, na Cidade do Samba, na Gamboa, o plano para conter a disseminação da AIDS entre as mulheres. Aproveitou para tomar emprestado o mote do seu mais recente amigo, o 'goleiro' Cabral, e falar da hipocrisia, na sociedade brasileira, que impede que se trate esse tema.*

*Será possível? Mais uma vez, somos os culpados. Só que distribuir preservativos, implementar uma política de planejamento familiar, colocar a Educação Sexual como matéria obrigatória nas escolas, abrir clínicas especializadas na saúde da família, é obrigação dos governos. Se as diversas Igrejas concordam ou não, é problema de seus fiéis. Não é, e não pode ser, problema do Governo Federal. Hipocrisia é apelar para isso como desculpa para não fazer nada. "*

O trecho acima faz parte do artigo semanal de **Maria Helena Rubinato Rodrigues de Sousa**. Está postado na seção chamada Artigos. [Leia aqui](#)

Figura 9 - Post que apresenta artigo publicado por Maria Helena Rubinato

Entre os colaboradores há profissionais de diversos setores sociais, quase todos reconhecidos em sua área de atuação, como senadores, deputados, cientistas políticos, historiadores, consultores e jornalistas com visões de mundo bem distintas. A intenção é fomentar o debate com visões antagônicas. Entre os políticos que já fizeram ou fazem parte do grupo de colaboradores estão, por exemplo, os senadores Eduardo Suplicy, do PT, e Demóstenes Torres, do Democratas (ex-PFL), adversários políticos que constantemente ganham destaque na cobertura jornalística por demonstrarem poder de influência e capacidade de análise.

Mas, até aqui, pode-se argumentar que Noblat não faz nada de diferente em relação aos jornais, rádios ou televisões. Convida gente que tem notório saber intelectual ou representatividade em determinada área de atuação para fazer análises sobre temas variados. Contudo, dentre os colaboradores encontramos uma figura singular: Maria Helena Rubinato. Ela publicou o primeiro artigo no blog no dia 5 de agosto de 2005 e permanece entre os mais fiéis colaboradores. Na época do primeiro artigo, Noblat apresentou assim a nova colaboradora:

“O trecho acima é do artigo de estréia como colaboradora deste blog de Maria Helena Rubinato Rodrigues de Sousa, que acabei de postar sob o título "O piquenique" na seção aí ao lado chamada Artigos. A autora nasceu na cidade de São Paulo, mais precisamente no bairro do Tatuapé, em 1937. Aos dois anos foi para o Rio de Janeiro e, por isso, plagiando um amigo na mesma situação, declara-se portadora de dupla nacionalidade. Já morou em Genebra, em Londres e no Recife, onde nasceu seu único filho. Orgulha-se de ser mãe e dona de casa, carreira que considera a mais importante de todas. Durante muito tempo foi professora particular de inglês e francês; hoje se dedica a traduzir, de preferência ficção, ofício que considera apaixonante.

Maria Helena escreverá aqui sempre às quintas-feiras. Esse artigo não foi publicado ontem por falha minha.”

O jornalista apresentava uma pessoa comum, culta, que morou em grandes cidades brasileiras e no exterior, mas que não exerce qualquer profissão que a credencie a escrever no blog. Passar de leitor-comentárista a colaborador é, sem dúvida, um passo adiante na hierarquia do Blog do Noblat. Mas o que uma dona-de-casa faz em um ambiente de debate político e divide o espaço com figuras credenciadas? Antes de se destacar, ela era somente uma leitora que enviava comentários, como qualquer outro internauta. Noblat revelou em post publicado no dia 29 de setembro de 2006, porque decidiu chamar Maria Helena Rubinato a integrar o time de colaboradores. Segundo ele, a forma como ela escreve o “encantou”:

Tenho vários colaboradores que escrevem artigos semanais no blog sem que eu nunca tenha tido o prazer de conhecê-los. É o caso de Maria Helena Rubinato Rodrigues de Souza, que escreve às quintas-feiras. Somente outro dia descobri que ela é filha de Adoniran Barbosa. Uma vez, li comentário dela a uma nota postada no blog. Texto impecável. Convidei-a para escrever com regularidade. Ela topou.

A informação sobre o parente ilustre da colaboradora chegou ao jornalista de maneira banal. Noblat conta que, certo dia, assistia a um programa de TV sobre a vida de Adoniran Barbosa, nome artístico de João Rubinato, quando viu Maria Helena dar uma entrevista sobre o pai. Ficou espantado e admirado. Afinal, porque ela omitira aquele dado quando o jornalista fez contato pela primeira vez? De acordo com ele, a leitora nunca usou o nome do parente

para se apresentar ou conseguir qualquer privilégio. Aqui, o blog (e a comunicação mediada por computador) revela uma de suas principais facetas: o foco conversacional. Quando um grande jornal decide contar com um novo articulista, procura alguém que carrega um nome ou uma chancela que lhe credencie a escrever naquele espaço. “Quem é você?”: esta seria a primeira pergunta feita a um potencial candidato a colaborador nos veículos tradicionais. No blog a situação pode se transformar. Antes do “quem” vem o “como”. A qualidade do enunciado por si só pode ser a essência da relação. No caso abordado, a conversa se sobrepôs ao status social.

A ligação sanguínea com Adoniran Barbosa é um fato pitoresco que evidencia o potencial da internet em ligar pessoas. Mesmo porque o fato de ser filha de um importante compositor brasileiro não bastaria para que Maria Helena Rubinato fosse incluída no rol de colaboradores de um blog político. O que valeu foi a troca comunicativa, ou mais especificamente, a reação que os enunciados deixados por ela causaram no experiente jornalista dono do blog. O exemplo mostra que a atração entre jornalista e leitor pode ultrapassar barreiras antes intransponíveis. A comunicação mediada por computador permite relações regidas pelo prazer de trocar palavras e parece que o jornalismo nos blogs trilha caminho semelhante rumo a uma comunicação mais aberta a novas experiências. O que aconteceu com Maria Helena parece a confirmação de algo constitutivo da rede mundial de computadores e que podia ser observado ainda nas primeiras trocas entre pessoas interconectadas:

Como é que fazemos amigos? Na comunidade tradicional procuramos conhecidos, de modo a encontrarmos quem partilhe dos mesmos valores e interesses. Depois trocamos informação sobre cada um, discutimos os interesse comuns e por vezes tornamo-nos amigos. Numa comunidade virtual podemos ir diretamente ao lugar onde os assuntos preferidos são discutidos e ficar a conhecer alguém que partilhe dos mesmos gostos ou use as palavras de maneira atraente. (RHEINGOLD, 1996, p.44)

A maior parte dos textos de Maria Helena é constituída de análises opinativas sobre temas atuais da política brasileira. Vez por outra, aborda temas gerais, mas quase sempre ligados a um assunto que tenha ganhado repercussão na imprensa. Todos os posts recebem comentários, sendo que alguns deles chegam a somar mais de 200 participações. Atualmente, ela é imediatamente reconhecida e aceita pelos leitores habituais do blog. Apesar de receber muitas críticas (como de praxe entre os colaboradores), ela já faz parte do cotidiano do Blog do Noblat. Vale destacar que ela é a única colaboradora que não é identificada ao final do artigo. Os outros colaboradores sempre são apresentados: “Everardo Maciel é ex-secretário da

Receita Federal”, “Cristovam Buarque é senador pelo PDT-DF”. Afinal, não faria sentido apresentá-la como “Maria Helena Rubinato é dona-de-casa” ou “Maria Helena Rubinato é filha de Adoniran Barbosa”.

Por se tratar de um episódio idiossincrático e que ajuda a demonstrar como a rede mundial de computadores pode gerar laços inimagináveis, além da relevância das múltiplas conversações no interior de nosso objeto, elegemos como corpus empírico os posts cujo tema é a colaboração de Maria Helena Rubinato. Pretendemos, assim, destacar algo que é fundamental para a presente pesquisa, já que o objetivo é observar as interações para verificar padrões. Acreditamos que analisar os posts de uma colaboradora aceita não pelo status social, mas pela ação enunciativa, nos ajuda a explorar ainda mais a qualidade das conexões que ocorrem no interior do blog. Se o corpus fosse integrado por posts de colaboração de um determinado político poderia nos revelar, na maior parte das vezes, visões predeterminadas por parte de quem comenta. Queremos ressaltar que existe, por exemplo, uma predisposição (explícita ou implícita) nos comentários aos posts de artigos de um político do PT. Não que os comentários aos posts de Maria Helena Rubinato sejam alheios aos preconceitos, mas estes são fruto do que ela escreve no blog, e não de quem ela é.

Observar o conjunto de colaboradores ajuda a compreender ao menos uma parte da complexa interação mediada por computador. O exemplo de Maria Helena Rubinato pode levar a crer que no blog “tudo pode”, mas não é bem assim. Uma das maiores polêmicas do Blog do Noblat ocorreu com uma leitora que assina Nariz Gelado. Ela nunca revelou o verdadeiro nome, tem seu próprio blog sobre política e Noblat também a convidou a participar regularmente como colaboradora. O motivo era o mesmo que atraiu o jornalista em relação a Maria Helena Rubinato: Nariz Gelado escrevia bem e sempre participava das discussões com bons comentários. Mas a participação dela não durou mais que dois artigos. Não foi o dono do blog quem decidiu “rebaixa-la” novamente à condição de leitora. A derrocada teve início quando outro colaborador, um jornalista, decidiu questionar a assinatura de Nariz Gelado em um post publicado no dia 28 de novembro de 2005:

**Noblat, sai dessa fria!**

O meu, o seu, o nosso Blog do Noblat embarcou numa fria, ao admitir na sua seção de Artigos um texto assinado por “Nariz Gelado”. Não pelo conteúdo, nem pelo estilo, muito menos pelo português? Todos sempre primando pela excelência, pelo bom-gosto e pela relevância. O que incomoda é um texto encoberto pelo manto do anonimato. Por que pseudônimo num artigo que encerra opinião, argumento, posição, idéias?

(...)

Infelizmente, o anonimato não nos permite nem mesmo a elegância de cumprimentá-la pelo primor do texto. É uma maldade com todos nós. O anonimato, para o bem ou para o mal, é um ato covarde que não condiz, nem com o momento que vivemos, nem com a transparência e o livre

debate que são marcas registradas, hoje, do blog mais comentado e lido do país. Existe um perigo adicional: ao aceitar um artigo com codinome, Ricardo Noblat abre um precedente gravíssimo, que marcará um retrocesso nesta marcha ascensional do blog, hoje num portal da dimensão e da seriedade do Estadão.

(...)

Dona “Nariz Gelado”, por favor, identifique-se, para desfrutar de nossos aplausos. Noblat, saia desta fria: artigo, aqui, só assinado.

Assinado, Luiz Cláudio Cunha ([lccunha@istoe.com.br](mailto:lccunha@istoe.com.br)), jornalista, Brasília.

No mesmo dia, Noblat publicou o post “Contra e a favor do anonimato”. Reproduziu trechos dos argumentos de Luiz Cláudio Cunha e de Nariz Gelado. Ricardo Noblat deu razão aos que eram contra um colaborador usar pseudônimo.

Compreendo as razões de Nariz Gelado para assinar seus artigos com pseudônimo. Tanto é que fui eu que lhe dei a opção de não assinar com seu próprio nome. Partiu de mim o convite para que ela escrevesse regularmente aqui. Mas acho que Luiz Cláudio está certo em sua reclamação. (...) O fato é que abri uma exceção ao concordar que Nariz Gelado assinasse artigos sem revelar sua verdadeira identidade. Outras pessoas poderão me pedir igual privilégio. E com que autoridade eu poderei negar? Estou certo de que Nariz Gelado continuará participando deste blog como comentarista - e desejo que o faça com assiduidade e o brilhantismo de sempre.

A participação de Nariz Gelado como colaboradora se resumiu a apenas dois posts. O episódio permite tirar algumas conclusões. Noblat tem a autonomia de escolher os colaboradores, mas os leitores têm espaço para questionar a escolha. O jornalista de fato dá importância para os debates travados no interior do blog. As conversas entre os participantes e as opiniões dos colaboradores são realmente levadas em conta nas decisões que influenciam os rumos do blog. Para se chegar ao veredicto de que Nariz Gelado não poderia mais escrever artigos, foi necessário que todos os três tipos de atores presentes no blog participassem do debate: o jornalista Ricardo Noblat, um colaborador (o jornalista Luiz Cláudio Cunha) e os leitores-comentaristas. Dar a palavra à audiência em espaço nobre para discutir um assunto que reflete no andamento do produto é uma clara demonstração de que não basta transpor modelos consagrados para promover a comunicação na web. Se o espaço é fruto da conversação, que esta seja de fato estimulada e levada em conta em todos os momentos. Um jornal impresso nunca poderia resolver um impasse similar em apenas um dia com a participação simultânea de tantas pessoas. O caso foi levado à tona e “julgado” em poucas horas, sendo que o dono do blog abriu o caso para debate e ponderou os argumentos antes de anunciar a decisão final que foi dirigida a todo o público leitor.

Por fim, pode-se deduzir que, ao contrário do que se poderia crer, as trocas comunicativas em um blog jornalístico são repletas de regras e coações que margeiam e regulam toda a esfera midiática. Os leitores do Blog do Noblat estão dispostos a ler e debater

argumentos vindos de diferentes autores, mas a maior parte deles não quer a participação como colaborador daqueles que não revelam sua verdadeira identidade. O pseudônimo é válido para os que querem somente comentar os posts, mas não para aqueles que assinam artigos. Existem, no blog, regras tácitas que podem vir à tona sempre que forem ultrapassados os limites considerados razoáveis pelos que participam da conversação. O mito de que a internet é uma “terra sem dono” não resiste às práticas sociais. É um mito cultuado tanto por aqueles que demonstram preconceito em relação à comunicação mediada por computador quanto pelos que usam a pretensa liberdade sem barreiras como estratégia de marketing para incentivar, na maior parte das vezes, práticas consumistas. Nenhuma esfera social é livre de regras, conflitos e decisões. O Blog do Noblat não é diferente.

### **Internautas: a alma do blog**

Quem entra no Blog do Noblat pela primeira vez provavelmente desconhece o turbilhão de diálogos que atravessa cada um dos posts. Está ali, aparentemente, apenas mais um site de notícias dedicado à cobertura da política nacional. Mas, se após ler um dos textos do jornalista, o internauta tiver a iniciativa de clicar na caixa de comentários, irá se abrir imediatamente um ambiente repleto de enunciados. Um olhar disperso e superficial poderá concluir, precipitadamente, que se trata apenas de mais um espaço cheio de ações, mas vazio de interações. De fato, parece haver dezenas - às vezes centenas - de frases soltas, sem qualquer ligação entre si. São textos curtos, grande parte escrito às pressas, com erros de digitação e tropeços gramaticais. Exclamações, interrogações, reticências, vale tudo para se expressar. Os comentários parecem fugazes e banais. Realmente dá a entender que se trata do reino da individualidade: cada um por si, o importante é deixar sua marca.

Mas aqueles que freqüentam regularmente o blog ou dispensam mais atenção ao que ali está, são capazes de observar o cruzamento de vozes. Aquela pequena janela *pop-up* que se abre em um espaço reduzido da tela do monitor guarda uma “ensurdecadora” conversação. Pode-se notar que muitas destas vozes se dirigem diretamente a Ricardo Noblat, como se este fosse o interlocutor ideal para se expor argumentos diversos. Outros se atêm ao conteúdo do post, tenha sido este de autoria do jornalista ou uma republicação de material de um colaborador. Existem aqueles que estão ali para reclamar, elogiar, falar mal. À primeira vista,

estes sujeitos que não conversam com outros comentaristas parecem não participar do diálogo, mas são, de certo modo, responsáveis por enunciados que tocam os demais internautas.

Estão presentes também os que querem conversar com outros leitores. Estes podem passar longos intervalos de minutos ou mesmo horas (algo realmente significativo no tempo extremamente comprimido das conexões no ciberespaço) para dialogar com pessoas que elas não conhecem nem sabem onde estão. Alguns interlocutores parecem até se reconhecer, mas a “intimidade” não passa de uma breve saudação a alguém cujo apelido foi identificado pela participação regular. O próprio Noblat faz menção a leitores habituais, como mostra o trecho inicial de um post publicado no dia 1º de junho de 2006:

O “Coronel”, leitor assíduo deste blog, escreveu ontem assim ao comentar uma nota

A alma do blog, sua constituição básica, está aqui. O que parece ser um site de um homem só é, na verdade, um site de muitos. As interações evidenciam o caráter conversacional do ambiente, sua essência comunicativa amparada nos encontros e nas trocas.

Para comentar um post, o leitor deve ser cadastrado no Globo Online, site de notícias do jornal “O Globo” onde o blog está hospedado. O cadastro é gratuito, exige nome completo, e-mail e um apelido, que poderá ser usado no Blog do Noblat e nos demais blogs do portal. A escolha entre nome verdadeiro ou apelido nas participações fica a cargo do internauta. A divulgação do e-mail do comentarista para o restante do público também é opcional.

Os internautas formam um grupo essencial para a manutenção do blog como um ambiente conversacional e eles demandam especial atenção. Em post publicado no dia 22 de maio de 2006, Noblat demonstra preocupação com a grande quantidade de comentaristas inscritos e certa frustração em relação à qualidade das participações, o que leva a muitas eliminações de conteúdo publicado pelos leitores:

Ah, se o blog pudesse passar sem cortes de comentários e sem o bloqueio de comentaristas. Estaríamos no melhor dos mundos. Teríamos atingido um grau invejável de civilização... Neste momento, há 12.265 pessoas registradas no blog com direito a comentar. Desconfio do número. Muitas pessoas se registram mais de uma vez para comentar com nomes diferentes. Outras registram vários nomes, mas não confirmam o registro de todos eles. Se um nome é bloqueado, confirmam o registro do nome seguinte. E assim sucessivamente.

Se baixa o nível dos comentários e eles não são eliminados, vocês reclamam. Se comentários de baixo nível são cortados, seus autores reclamam e ganham a solidariedade de outros. É dura a vida de blogueiro. Na última quinta-feira, por exemplo, foram postados aqui exatos 2.440 comentários. Ou melhor: restaram 2.440 comentários por que muitos foram cortados. No dia em que só forem postados comentários de bom nível, ninguém mais furará filas no país, desrespeitará regras de trânsito e cobiçará a mulher do próximo. Ou o homem.

Para tentar manter um bom nível de participações e evitar problemas jurídicos, existem regras para a publicação de comentários:

**Regras do blog**

- 1 - Para comentar no Blog do Noblat é preciso estar cadastrado no Globo Online.
- 2 - Ao cadastrar-se, você poderá informar, além do seu nome completo, um apelido que poderá usar para escrever comentários no Blog do Noblat e nos demais blogs do Globo Online.
- 3 - Sempre que comentar no Blog do Noblat - assim como nos demais blogs do Globo Online - você poderá optar por assinar seu comentário com seu nome completo ou com o apelido que escolheu.
- 4 - A publicação do seu email junto com o seu comentário também é opcional.

**Serão eliminados do Blog do Noblat os comentários que:**

- 1 - Forem escritos em caixa alta (letras maiúsculas);
- 2 - Configurem qualquer tipo de crime de acordo com as leis do país;
- 3 - Conttenham insultos, agressões, ofensas e baixarias;
- 4 - Estejam repetidos na mesma ou em notas diferentes;
- 5 - Reproduzam na íntegra notícias divulgadas em outros meios de comunicação;
- 6 - Reúnam informações (e-mail, endereço, telefone e outras) de natureza nitidamente pessoais do próprio ou de terceiros;
- 7 - Conttenham links de qualquer espécie;
- 8 - Conttenham qualquer tipo de material publicitário ou de merchandising, pessoal ou em benefício de terceiros

**A publicação de comentários será permanentemente bloqueada aos usuários que:**

- 1 - Insistirem no envio de comentários com insultos, agressões, ofensas e baixarias;
- 2 - Insistirem no envio de comentários em caixa alta (letras maiúsculas);
- 3 - Prestarem informações falsas ou inconsistentes em seus cadastros no Globo Online;
- 4 - Cadastrarem-se no Globo Online informando nomes falsos ou apelidos no campo "nome completo";
- 5 - Criarem múltiplos cadastros no Globo Online

Os comentários que não seguem as orientações podem ser excluídos pelos moderadores, que gozam de autonomia para avaliar e cortar as mensagens que não respeitam as regras estabelecidas.

Como se pode ver, não são pacíficas as relações no interior do blog, mas é justamente a incessante participação do público no âmago do processo de circulação e produção da notícia que parece apontar um rumo diferente no jornalismo. Está aqui o ponto fundamental que diferencia, segundo Varela (2007) os tradicionais meios de comunicação de massa dos meios sociais de comunicação. No entanto, antes que se pense que a maior parte dos internautas participa ativamente das conversações, é necessário esclarecer que a relação é inversa. É uma parcela reduzida da audiência que publica comentários. O trânsito no Blog do Noblat é muito maior que aquele aferido somente a partir dos comentários. A página de venda de publicidade do O Globo Online<sup>33</sup> apresenta assim o canal de informação:

---

<sup>33</sup> <http://oglobo.globo.com/anuncie/>

“Ricardo Noblat, um dos mais influentes jornalistas políticos do Brasil, agora está no Globo Online. O Blog do Noblat, é o mais importante e mais popular blog político do país, com uma audiência superior a 10 mil leitores por dia, chegando a superar os 20 mil leitores em dias de pico”

Em levantamento realizado no dia 2 de outubro de 2006, foram feitos 2.831 comentários ao longo de 39 posts publicados pelo jornalista. Sabemos que muitos dos internautas participam diversas vezes, alguns deixam dezenas de comentários ao longo de um dia. Dos quase 3.000 comentários, muitos podem ter vindo de uma mesma fonte. Portanto, fica evidente que a maioria dos leitores não publica comentários. É verdadeiro afirmar que a audiência numericamente mais significativa do Blog do Noblat é formada por *lurkers*<sup>34</sup>, pessoas que freqüentam o site para ler os posts e/ou os comentários, mas nunca se manifestam.

---

<sup>34</sup> *Lurker* é um termo consagrado para descrever o comportamento de pessoas que acessam conteúdos mas não se manifestam. A palavra inglesa *lurk* significa “espreitar”.

## 2ª ETAPA - Análise quantitativa dos comentários

Mas quem são os internautas do blog do Noblat? Apesar do risco de redundância, cabe ressaltar que as participações são difusas no tempo e no espaço. Os leitores se encontram no momento de troca, mas não podem compartilhar nada além de palavras digitadas na tela do computador. Retomando a discussão a partir do referencial apresentado por Thompson (2005), vale lembrar que a interação no blog limita significativamente o escopo de deixas simbólicas justamente pela condição de separação física entre os interlocutores. O dispositivo conforma a participação. Estas estão restritas à capacidade de expressão verbal de cada participante do ato comunicativo. A princípio, o pesquisador pouco pode saber da identidade de quem está por trás de uma frase ou de um apelido, mas o cruzamento e a investigação de alguns dados podem revelar pistas sobre os internautas e o modo como eles se inserem no blog.

Nos dez posts que compõem nosso corpus, encontramos 392 participantes diferentes. Destes, 286 se apresentam com apelidos. Aqui está um dado primordial: 72,9% preferem não usar os próprios nomes para participar dos debates. Parece ser uma característica fundamental do blog o uso do anonimato como arma, ou melhor, como escudo para expor idéias. Afinal, num contexto de interação face a face, ou em algumas interações mediadas tecnologicamente, como no caso do telefone, a conversa ganha uma pessoalidade que guia todas as ações. Nestes, em caso de divergência de pensamentos, o conflito está estabelecido entre pessoas que se conhecem. Portanto, ao optar por esconder o nome verdadeiro, a maior parte dos internautas abre mão da identidade social para encarnar uma identidade construída no blog.

Qual seria o impacto gerado pela abundância de apelidos? Ora, a desconexão fica muito mais fácil. Quando se entra numa discussão no terreno social das verdadeiras identidades, as ações desenvolvidas durante a interação passam a fazer parte das interações futuras. Antes de xingar alguém, geralmente se pensa nas conseqüências de tal ato. Há um nível de “transparência” que determina a relação.

Identificar-se com o próprio nome ou com um apelido faz toda a diferença na constituição dos relacionamentos virtuais. Numa lista de discussão onde as pessoas se apresentam com os nomes verdadeiros existe uma espécie de coação tácita que determina o que pode ou não ser dito. Ao contrário, quando se elege apelido, a situação se transforma, pois o compromisso não se dá na mesma escala. Em alguns casos, pode-se dizer que não existe qualquer compromisso. Se um determinado apelido fica “marcado” entre os participantes,

basta modificá-lo e zerar as relações, algo impossível de ser feito quando as reais identidades fazem parte do jogo.

Como era de se esperar, os apelidos são extremamente heterogêneos. Alguns agregam elementos que aludem à linha ideológica da participação, como o apelido “PTNUNCA”. Deste leitor espera-se, obviamente, uma atitude contrária ao Partido dos Trabalhadores. Outros tantos usam pseudônimos que deixam transparecer um certo “caráter” ou algo relativo à personalidade de quem fala, como no caso do apelido “Ranzinza”. Parte dos comentaristas prefere o humor na hora criar os apelidos. É o que demonstram os internautas “PisandoemOvos” e “Os 100QI”. Alguns chegam a surpreender pelo refinamento da escolha, como o comentarista Félix Dzerzhinsky, que homenageia um revolucionário bolchevique que criou o serviço secreto soviético, figura de segundo escalão nos livros de história, mas participante ativo do Blog do Noblat.

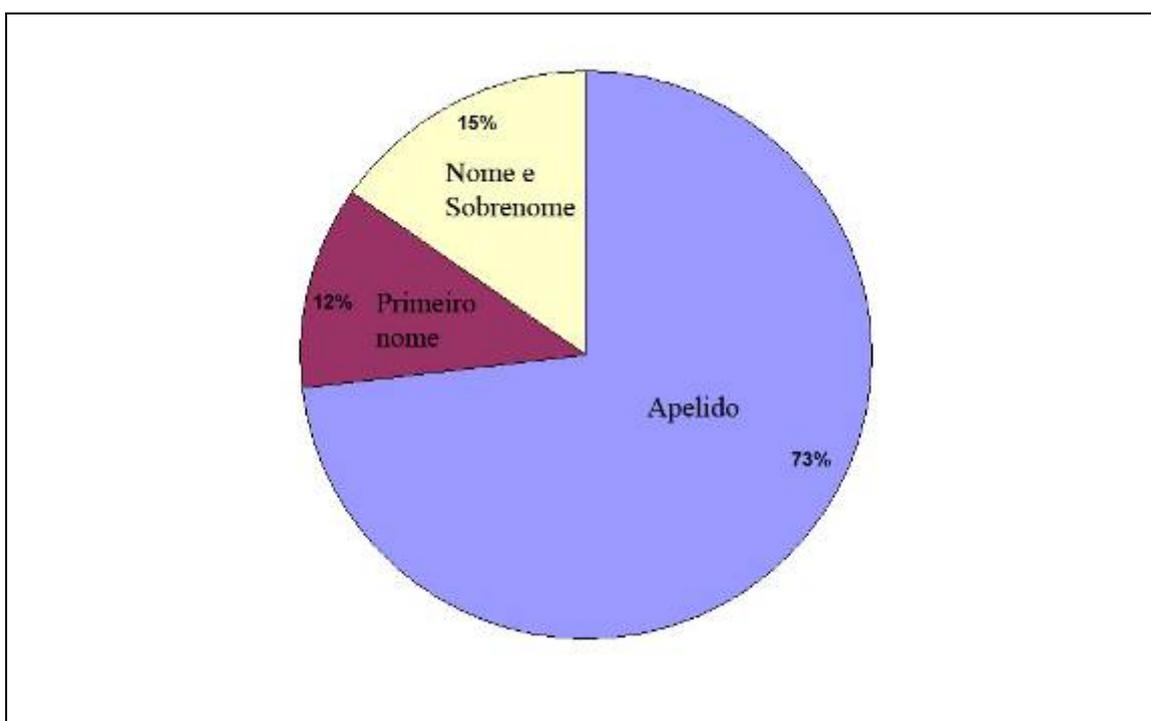


Figura 10 - Índice de participantes que usam apelidos, nomes completos ou apenas o primeiro nome nos dez posts analisados

Dos 392 participantes catalogados, 60 (15,3%) usam nome completo ou o primeiro com um sobrenome. Destes, pelo menos a princípio, espera-se mais seriedade e comprometimento nas enunciações. Apenas 46 (11,7%) usam somente o primeiro nome. Cabe ressaltar que mesmo aqueles que usam nome completo podem, na verdade, estar escondidos

também por detrás de um nome falso. O cadastro não exige qualquer certificação de validade legal como CPF ou RG, portanto, até os nomes pretensamente “verdadeiros” guardam uma carga de mistério gerada pelo caráter não-presencial e aberto das participações no blog.

Outra constatação importante é que os participantes do Blog do Noblat não recorrem a traços de status social para agregar valor a suas falas. Não encontramos nos dez posts analisados comentários que fizessem menção a profissões ou informações pessoais que indicassem relevância social. Ninguém diz “Eu sou advogado, portanto posso falar com mais propriedade”; “Sou doutor em ciência política e sei do que se trata”; ou “Você sabe quem eu sou? Pois eu trabalho no Congresso e tenho informações privilegiadas”. Muito pelo contrário, os enunciados carregam conteúdos diversos, muitos deixam explícita a vertente ideológica, mas não inserem informações sobre a verdadeira identidade de quem fala. O “Cabeça de Banana” e o “José Afrânio Nascimento” podem travar um duelo de comentários com elevado grau e engajamento e respeito mútuo. Novamente, vemos o peso do enunciado para a construção das relações no blog. As pessoas afetam e são afetadas pelo que dizem e não pelo que são, algo essencial para explicar as dinâmicas interativas no Blog do Noblat.

Outra característica fundamental dos comentários está no âmbito da participação. Nos dez posts analisados verifica-se que poucos internautas concentram grande número de participações, enquanto a maior parte dos leitores publica poucos comentários.

<b>Frequência de participação</b>										
	post 1	post 2	post 3	post 4	post 5	post 6	post 7	post 8	post 9	post 10
Internauta 1	16	23	10	26	15	15	21	23	29	22
Internauta 2	13	14	9	23	15	15	10	17	20	19
Internauta 3	12	9	8	22	13	12	9	17	14	13
Internauta 4	9	8	7	20	13	11	8	16	11	12
Internauta 5	9	5	7	20	11	11	7	13	8	11
Internauta 6	7	5	6	15	8	11	7	10	8	8
Internauta 7	7	4	6	7	8	9	6	9	7	8
Internauta 8	6	4	6	6	7	8	5	6	7	7
Internauta 9	4	3	5	5	7	7	3	6	7	7
Internauta 10	4	3	4	5	6	6	3	5	7	5
Internauta 11	4	3	4	4	6	6	2	3	7	5
Internauta 12	3	3	4	4	6	5	2	3	6	4
Internauta 13	3	3	4	3	4	5	2	3	6	4
Internauta 14	2	2	3	3	4	5	2	3	5	4
Internauta 15	2	2	3	3	4	5	2	3	5	3

Tabela 4 – Frequência de participação dos internautas nos dez posts pesquisados

No post 4, que tem o título “Trouxas até certo ponto”, publicado no dia 6 de outubro de 2005, a concentração de posts fica muito evidente. Apenas dez internautas foram

responsáveis por 149 dos 202 comentários publicados por um total de 47 leitores. Significa que 73,7% das participações estão concentradas em 21,2% dos participantes. Os 37 leitores que ficaram fora do grupo dos dez maiores comentaristas publicaram somente 53 participações, uma média baixíssima de 1,4 comentário por leitor.

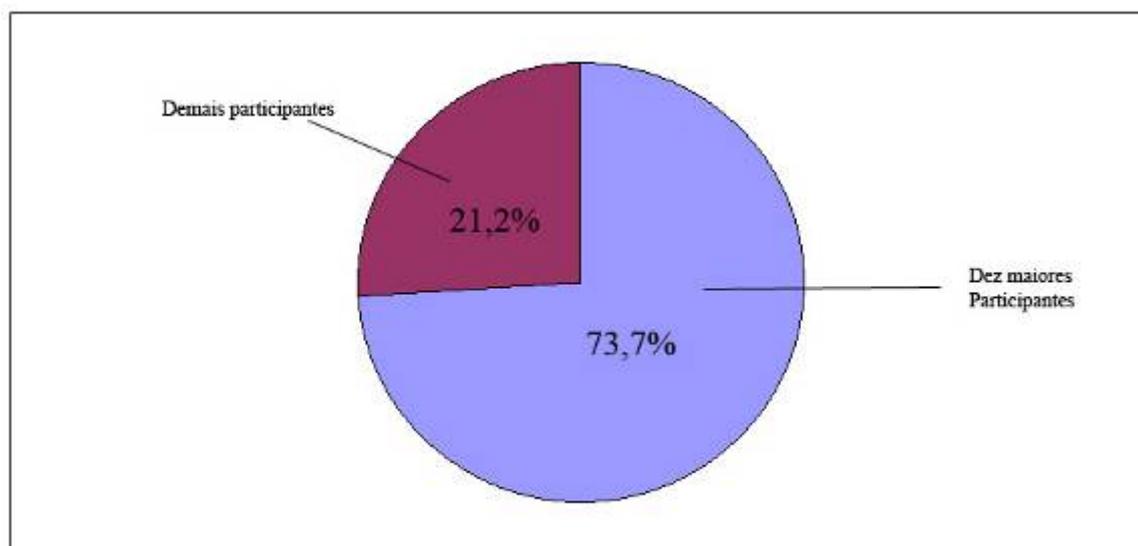


Figura 11 – Representação gráfica do índice de participação no “post 4”

O mesmo ocorre em todos os dez posts pesquisados, conforme revela o gráfico 11. Cada linha corresponde a um post e é fácil se verificar que todas descrevem uma trajetória semelhante. As linhas começam próximas ao ponto inicial do eixo X (número de participantes) e do ponto mais elevado do eixo Y (número de participações). Os pontos elevados das linhas representam os poucos leitores que publicam muitos comentários. Contudo, rapidamente a linha apresenta um acentuado declínio e se estabiliza num ponto bastante baixo do eixo Y, demonstrando que, de fato, poucos internautas são responsáveis por um número grande de participações. O resultado nos leva a crer na possibilidade da existência de *hubs* (ou conectores centrais), nós que ocupam posição de destaque na rede por serem responsáveis por agregar grande número de conexões (Recuero, 2005). Seriam líderes que guiarão as discussões. Se os participantes mais ativos são de fato *hubs* somente a análise qualitativa das interações será capaz de dizer, pois é necessário olhar detalhadamente as ligações entre os envolvidos no diálogo.

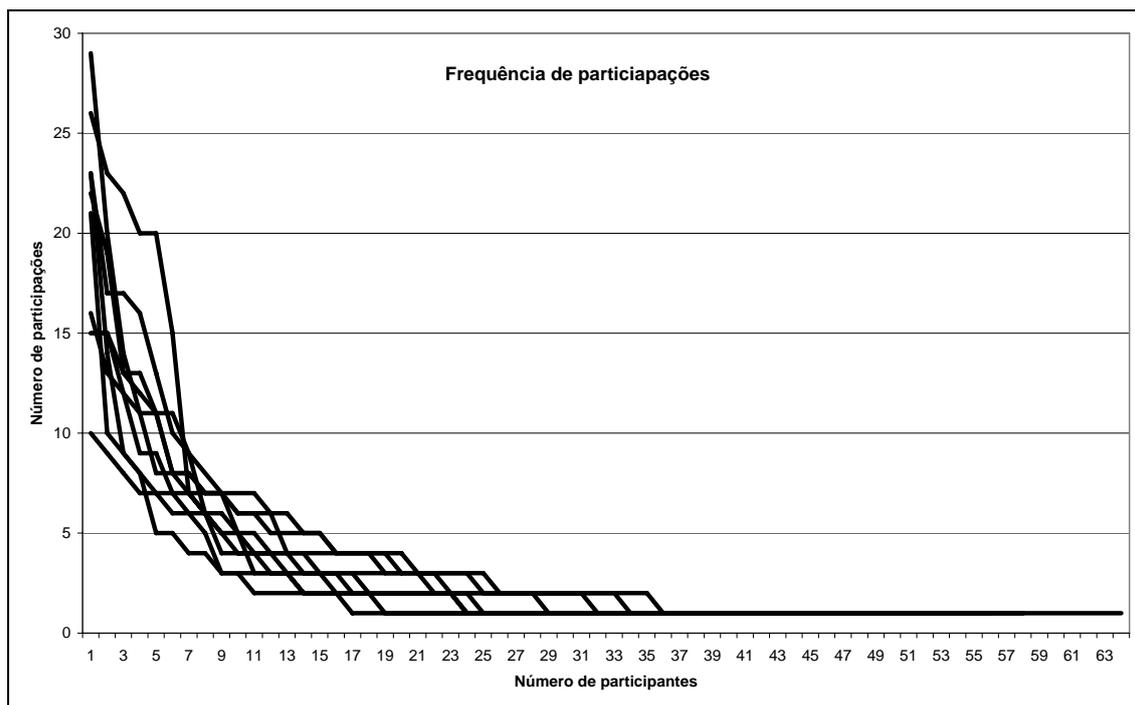


Figura 12 – Representação gráfica do número de participações nos 10 posts analisados

Sabemos até a agora que a maior parte dos internautas prefere usar apelidos para participar dos debates e que um número reduzido deles é responsável por enviar muitos comentários. Uma terceira característica das dinâmicas interativas no Blog do Noblat está na quantidade de posts comentados pelos leitores. Dos 392 internautas inseridos no corpus, 315 (80%) publicaram comentários em somente um dos dez posts analisados. Quarenta e oito leitores comentaram dois posts. A proporção cai ainda mais quanto maior o número de posts. Dez internautas participaram de quatro posts e somente cinco deixaram comentários em cinco posts. Ninguém participou de mais de seis posts.

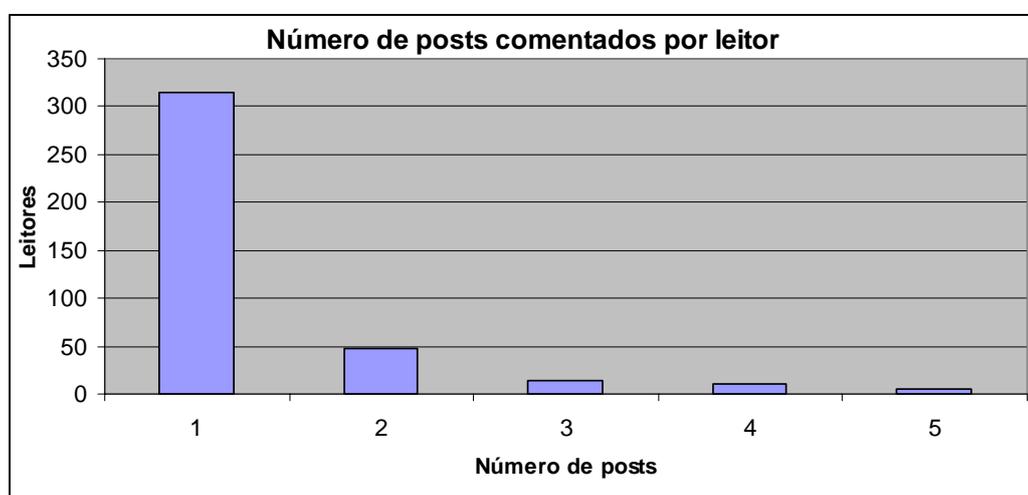


Figura 13 – Representação gráfica do número de posts comentados por leitor

Podemos levantar três hipóteses para tentar explicar a baixa participação em mais de um post. A primeira delas é que não há um “público comentarista” de Maria Helena Rubinato. É uma hipótese simples, quase uma constatação, pois basta verificar que poucos leitores comentam mais de um post da colaboradora. Mas por que não haveria um público comentarista de Maria Helena Rubinato? Parece que a resposta está muito mais no dispositivo que no conteúdo. Aí surge a segunda hipótese: os internautas tender a comentar o post mais recente, ou somente aqueles que estão na parte de cima do blog. A observação constante nos leva a crer na viabilidade destas duas hipóteses que estão, em certa medida, interligadas. Quando Noblat publica um novo post, começam a aparecer as participações. Se o tema é polêmico ou por algum outro motivo mobiliza o público, rapidamente a caixa de comentários fica repleta de participações. Na medida em que o post “cai”, ou seja, novos posts são publicados, os comentários aparecem em menor intensidade até que a participação cesse completamente.

Se o objetivo é debater, é necessário haver debatedores. Ninguém conversa em um post antigo, pois os internautas já foram deslocados para posts mais recentes. É algo inerente ao dispositivo que, como dissemos, prima pela velocidade em detrimento da hierarquia. Se o post com o artigo de Maria Helena Rubinato foi publicado pela manhã e o internauta interessado nele só acessou o blog à noite, este pode até deixar um comentário, mas sabe que provavelmente não será interpelado por outros internautas. É como se o lugar da conversação ficasse “parado” na tela, restrito aos posts que primeiro aparecem na tela. O comando *page down* leva a outros assuntos, mas não a outras conversas. O blog como dispositivo midiático restringe as conversações entre leitores ao assunto mais recente e não ao mais importante.

Uma terceira hipótese está noutra característica já debatida: os apelidos e nomes. O cadastro do Globo Online permite que o internauta mude quando quiser o nick. O mesmo leitor pode ter comentado todos os dez posts analisados com apelidos diferentes, o que impossibilita ao pesquisador identificá-lo como a mesma pessoa. Há, ainda, a possibilidade de se comentar um post com o nome verdadeiro e outro com o apelido, ao sabor da preferência (ou da necessidade).

### 3ª ETAPA - Análise qualitativa das interações

Finalmente, chegou o momento de olhar para o âmago das conversações que ocorrem diuturnamente no Blog do Noblat. A análise parte dos comentários não-dialogais para, em seguida, concentrar-se nas cadeias dialogais. São estas cadeias que ajudam a revelar as dinâmicas e os padrões interativos.

No dia 9 de março de 2007, foi publicado por Ricardo Noblat o post “O nosso guia é artilheiro do Pan”. O conteúdo foi ao ar às 10h04 e reproduzia o quarto e o quinto parágrafos de um novo artigo da colaboradora Maria Helena Rubinato. Ao final do texto, o internauta era convidado a ler a íntegra do texto na seção “Artigos”:

O Nosso Guia é o Artilheiro do PAN

Dominando as primeiras páginas de dois dos maiores jornais do país, O Globo e Folha de São Paulo, no dia 8 de março de 2007, entre manchetes e chamadas com as mais importantes notícias do dia, tais como: “Divergências precedem visita de Bush; Mulher é baleada em tentativa de roubo em Moema; Anatel autoriza Telefônica a ter canal pago de TV; Preso por crime hediondo ficará mais tempo na cadeia; Menina morta no colo do padrasto; Milícias têm cem investigados; Seqüestrado libanês na tríplice fronteira; BC reduz taxa de juros só 0,25 ponto, para 12.75%”, estavam duas fotos que revelam, por inteiro, o Brasil e seu Presidente.

Em O Globo, sob o título ‘Lula In Rio’, e com uma reportagem chamada ‘Sexo, Samba e Futebol’, vemos a foto do Presidente da República de calças arregaçadas, descalço e sem meias, correndo para bater um pênalti a ser defendido pelo Governador do Estado do Rio de Janeiro. Na FSP, o título da foto é ‘Correndo Para o Abraço’, e lá está ele, o Presidente, de costas, braços abertos e corpo voltado para trás, em êxtase total, se dirigindo aos abraços que receberá pelos pênaltis que acaba de converter.

No gramado, todos endossando um belo e radiante sorriso, os áulicos. Devem ser uns 50 assessores e aspones, ali, sob o sol escaldante do verão carioca, de rachar até sorriso alvar. Mas eles estão firmes, assistindo a esse instante máximo da nossa República: o Chefe do Executivo Federal e o Chefe do Executivo Estadual, dando uma de peladeiros, em nosso mais famoso estádio. Lula veio ao Rio de Janeiro para lançar, na Cidade do Samba, na Gamboa, o plano para conter a disseminação da AIDS entre as mulheres. Aproveitou para tomar emprestado o mote do seu mais recente amigo, o ‘goleiro’ Cabral, e falar da hipocrisia, na sociedade brasileira, que impede que se trate esse tema.

Será possível? Mais uma vez, somos os culpados. Só que distribuir preservativos, implementar uma política de planejamento familiar, colocar a Educação Sexual como matéria obrigatória nas escolas, abrir clínicas especializadas na saúde da família, é obrigação dos governos. Se as diversas Igrejas concordam ou não, é problema de seus fiéis. Não é, e não pode ser, problema do Governo Federal. Hipocrisia é apelar para isso como desculpa para não fazer nada.

Na Cidade do Samba, Lula fez declarações antológicas: “é preciso haver evolução da massa encefálica do cérebro” para entender a convivência paritária entre homem e mulher. “Sexo é uma coisa que todo mundo gosta e é uma necessidade orgânica, da espécie humana e da espécie animal. Como não temos controle disso, o que precisamos é educar”. Tem mais: “Preservativo tem que ser doado e ensinado como usar. Sexo tem que ser feito e ensinado como fazer”.

Depois dessas palavras magníficas, só mesmo encerrando o dia com a apoteótica tarde no Maracanã. Converter dois pênaltis no gramado onde Pelé comemorou mil gols, onde o Brasil perdeu a Copa de 50, onde Didi, Garrincha e Nilton Santos jogaram com a camisa canarinho, onde o Flamengo é rei, não é para qualquer um. O presidente está de parabéns. Implicância? É, pode ser. Não acho que estejamos, no momento, com o coração leve e solto para essas presepadas, em pleno dia de semana, aliás. E parem para pensar: se a moda pega? No Mineirão, Lula de novo com as calças arregaçadas, meias enfiadas nos bolsos, e o Aecinho no gol? Ia ser bonito...

Mas bonito mesmo, da gente cantar “Que bonito é...”, a plenos pulmões, seria ver o palmeirense José Serra defendendo, no Pacaembu, os pênaltis do corinthiano Lula. Se me avisarem com antecedência, sou capaz de tomar um ônibus e ir a São Paulo assistir. Ah! em tempo: o presidente, artilheiro do PAN segundo o governador do Rio, aproveitou para assinar medida provisória liberando mais 100 milhões de reais para a conclusão das obras para os Jogos Pan-Americanos... Quanto será que custaram à Alemanha as Olimpíadas de Berlim, em 1936?

O artigo faz um apanhado das principais manchetes dos jornais *O Globo* e *Folha de S. Paulo* no dia 8 de março de 2007 para em seguida se concentrar em uma fotografia publicada na primeira página de ambos. A imagem mostra a visita de Luiz Inácio Lula da Silva ao Rio de Janeiro, quando o presidente foi até o Maracanã e cobrou um pênalti no “goleiro” Sérgio Cabral, governador do Estado. O texto critica algumas declarações de Lula durante sua passagem pelo Rio, realizada a poucos meses dos jogos pan-americanos, que teriam a cidade como sede. O post recebeu 224 comentários de 58 internautas.

O primeiro comentário foi publicado às 10h13, portanto nove minutos após o post ser publicado. O período entre a veiculação do post e a primeira participação pode ter uma causa dupla. Em primeiro lugar, a conversa estava em posts anteriores e os internautas demorariam alguns segundos para “transferir” o lugar do debate. Uma segunda causa da demora seria o tempo de leitura do post, já que Noblat dava o link para o artigo na íntegra. Será que os internautas de fato lêem os textos completos dos colaboradores? Bem, a observação dos comentários revela uma clara vinculação entre o conteúdo do artigo e as intervenções dos leitores, mas é uma constatação insuficiente para afirmar que os internautas recorrem primeiro à íntegra do artigo para depois comentá-los.

Na primeira hora após a publicação do post foram inseridos 42 comentários. A segunda hora registrou o maior volume de participações: 76. A terceira hora contou com 55 comentários, mas já demonstra uma tendência de queda nas participações, confirmada pelos 36 internautas que participaram na quarta hora de publicação do post. A partir da quinta hora foram registrados somente 15 novos comentários. Noblat publicou novos posts às 12h13, 12h50 e 13h24. À medida que o post com o artigo de Maria Helena Rubinato “caía” no blog, decrescia também o número de comentários.

É interessante notar a existência de alguns poucos comentários retardatários. Dois internautas emitiram suas opiniões na noite do dia 9 de março, muitas horas após a publicação

do post. Outros três comentários foram feitos somente no dia 10 de março, revelando que há leitura de posts antigos. Contudo, como já foi discutido, o dispositivo carrega o debate para os posts mais recentes, portanto, os comentários retardatários não encontram interlocutores para dialogar. As figuras 14 e 15 demonstram graficamente como as participações estão concentradas nas primeiras horas após a publicação dos posts.

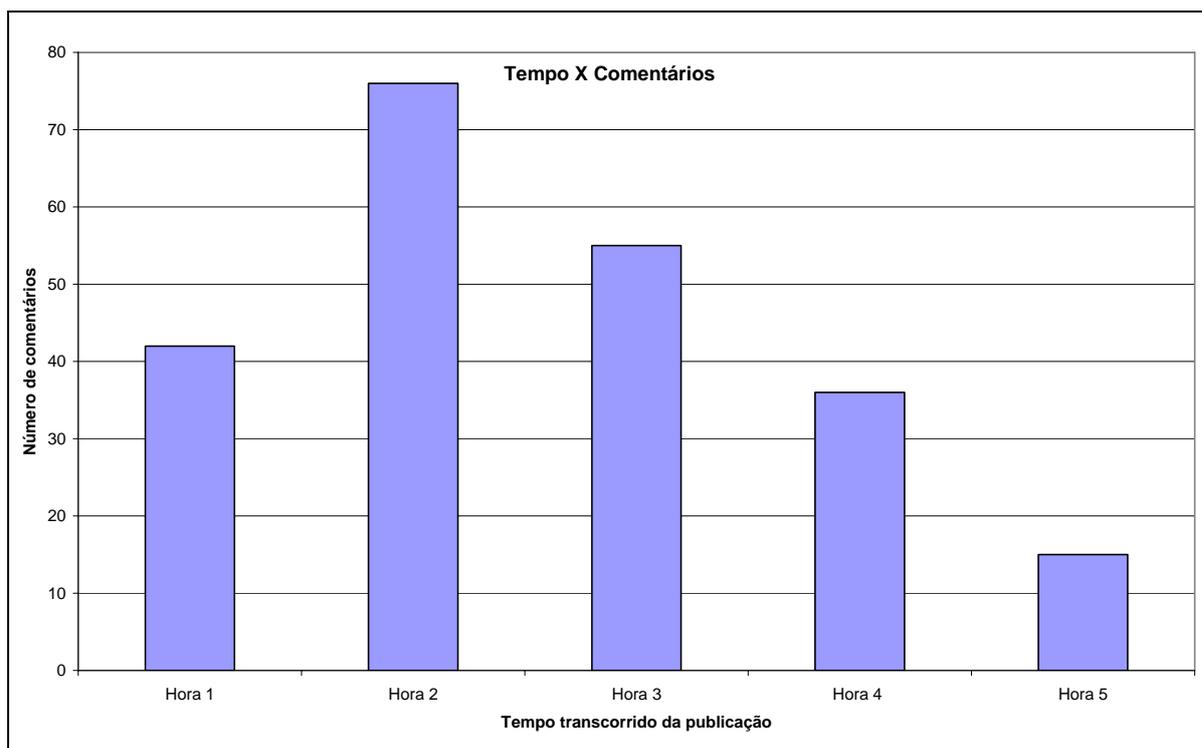


Figura 14 – Representação gráfica dos comentários por tempo de publicação

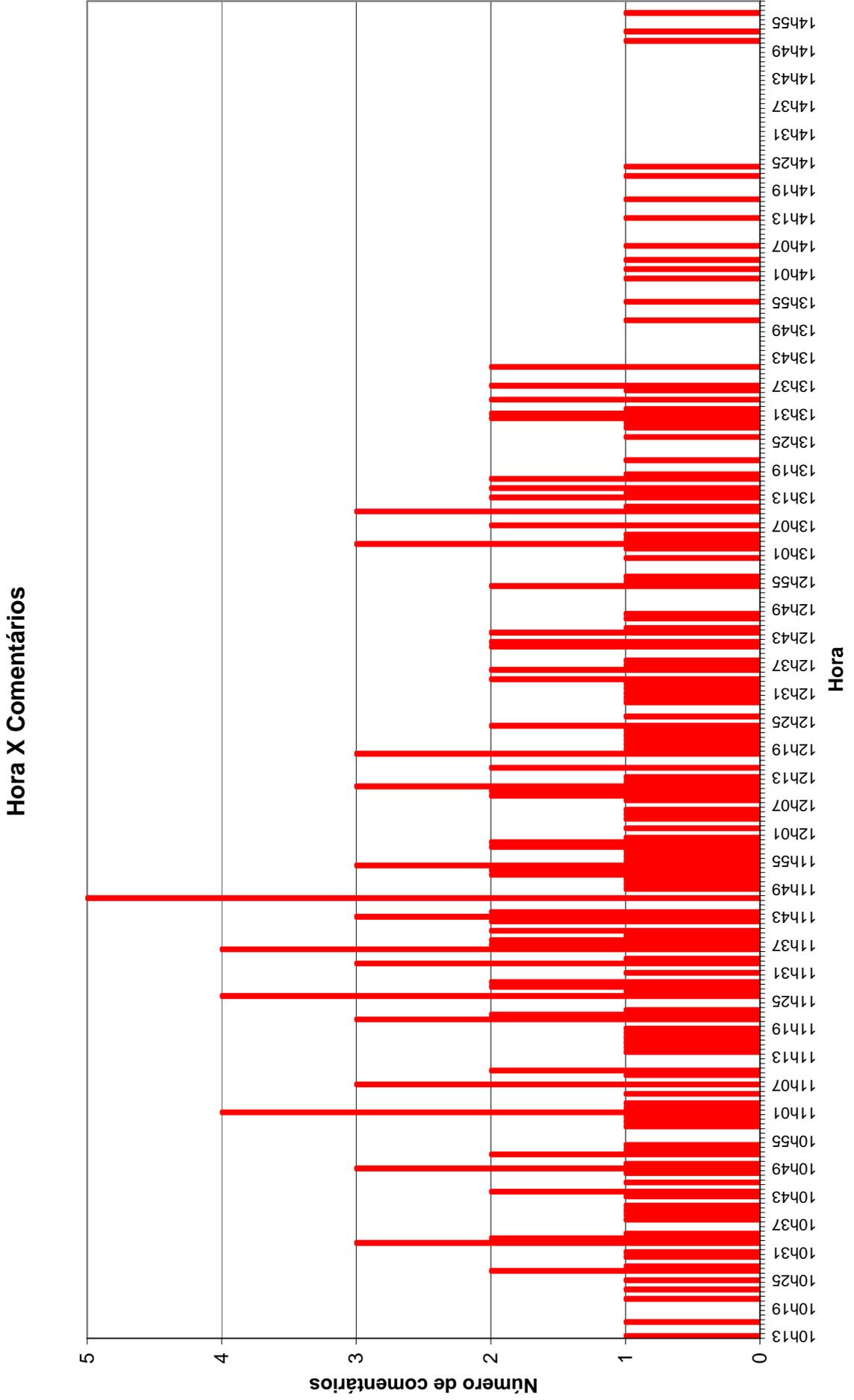


Figura 15 – Representação gráfica do número de comentários postados por horário, ao longo de 4 horas e 47 minutos após a publicação

Ao todo, 58 internautas publicaram 224 comentários. Os 20 comentaristas mais ativos enviaram 167 participações: 74,77% do total. Identificamos 17 cadeias dialogais e é fundamental notar que todos os 20 comentaristas mais ativos participam de ao menos uma destas cadeias.

	<b>Autor</b>	<b>Participação</b>
1	marf1968	29
2	Eliana Salgado Marconi	20
3	Marcos10	14
4	SÉRGIO PORTO	11
5	MMDCA	8
6	MiniMim	8
7	Lucassone	7
8	Bluesamambaia	7
9	DR_Evil	7
10	GURAPARAY	7
11	HUGOAGOGO	7
12	Hienal.XXXV	6
13	gerson santiago	6
14	Manoloeco	5
15	YESorNO	5
16	Fabio Costa	4
17	Liliane	4
18	Danamite	4
19	Ninon	4
20	Maquinavel	4

Tabela 5 - 20 comentaristas mais ativos nas cadeias interativas

Dos 224 comentários, 137 foram inseridos por 37 leitores que desenvolvem cadeias dialogais. Chamamos estes comentários de dialogais. Significa que 61,16% das participações estão engajadas em diálogos diretos com outras participações. As demais têm alvos diversos. Parte delas elogia ou critica o artigo de Maria Helena Rubinato. Outros se dirigem ao jornalista Ricardo Noblat. Há, ainda, um grupo de comentários não-dialogais, ou seja, não estão envolvidas em cadeias de diálogos. Não que estes sejam alheios às dinâmicas interativas, eles estão ali cumprindo um papel, que pode ser o de conformar visões sobre o tema debatido, mas não se dirigem especificamente a outro comentário.

## Comentários não-dialogais

Os comentários não-dialogais podem ser divididos e analisados a partir do destinatário da mensagem. Para melhorar a compreensão e evitar equívocos em relação ao grupo aqui analisado, as mensagens não-dialogais não estão vinculadas explicitamente a nenhuma participação anterior, mas são enunciados, portanto, estão inseridos em cadeias de atos de fala (Bakhtin, 1981). São três os interlocutores destes enunciados: o público geral do blog, Ricardo Noblat e Maria Helena Rubinato.

No post analisado, 87 participações estão fora das cadeias dialogais, o que representa 38,8% das mensagens. A maior parte dos comentários não-dialogais é direcionada, sem dúvida, ao público geral do blog. Vejamos alguns exemplos:

**Apelido: Sarcástico - 09/03/2007 10:23**

Para os Petistas O Ministério da Saúde adverte, dor de cotovelo provocado por inveja, deverá ser tratado por Psicólogo ou Psiquiatra e não por Ortopedista.

**Apelido: YESorNO - 09/03/2007 11:22**

O LuLLa é versátil , cheio de predicados,, um deles é ser um exímio jogador de futebol, mostrou outro , elle é um sexólogo, aprendeu com a Mattaxa é agora quer desbanca-la nesta área também Estava na Casa do Samba, poderia ensaiar um passos de mestre sala, quem sabe elle tem aptidão na arte de sambar Parece que completou o círculo. Samba, Sexo e Futebol A seu lado o rei da hipocrisia, o doidão Sergio Cabral, apologista da liberação das drogas e do aborto Sexo ...drogas e samba (rock and roll) Liberou geral?

**Nome: Cesar Guimarães - Email - 09/03/2007 13:31**

A realidade é uma só, Lula pode não ser o melhor para o país, não foi meu candidato em 2002 e nem em 2006, mas entre os homens que teriam condição de vitória, nenhum deles inspirava qualquer confiança. O PSDB/PFL teve sua chance, e foi mal, muito mal, Lula não faz o governo dos meus sonhos, mas a situação no país é melhor do que eu vi a 8 anos atrás. Agora com o afastamento de PSDB do PFL, talvez haja a produção de um candidato melhor que FHC e seus asseclas pefelistas. As viúvas do PFL chorem e vão amargar o esquecimento, porque o próximo presidente do Brasil será ou Serra, o suposto traidor, Aécio o amigo de Lula, ou Ciro Gomes, ninguém do PFL e dos que sugaram o sangue brasileiro tem cacife para vencer a eleição em 2010, finalmente estamos livres dessa praga coronelista que assolou o país por tanto tempo.

O internauta “Sarcástico” está no grupo de participantes que usa um apelido diretamente ligado ao ato enunciativo. O tom sarcástico, irônico, debochado do comentário está intimamente ligado ao *nickname* do participante, que parafraseia o tradicional alerta “O Ministério da Saúde adverte”, para provocar os leitores do blog que elogiam o governo do PT. Já o internauta YESorNO sugere certa ambigüidade no apelido, mas logo trata de mostrar o lugar de fala com um enunciado explicitamente contrário ao presidente da república. A ironia percorre todo o comentário: “Lulla” com dois L duplo, para fazer alusão ao ex-presidente Fernando Collor de Mello, e “Martaxa”, para qualificar de maneira jocosa a ministra e ex-prefeita de São Paulo, Marta Suplicy. O governador Sérgio Cabral é chamado

de “rei da hipocrisia” e “doidão”. Verifica-se aqui a ineficácia, ao menos parcial, das regras do blog, segundo as quais devem ser excluídos os comentários que “contenham insultos, agressões, ofensas e baixarias”. O terceiro comentário foi enviado pelo leitor “César Guimarães”, que usa um nome e sobrenome para participar. Entre os exemplos de posts não-dialogais dirigidos ao público geral do blog, é aquele que demonstra maior grau de seriedade e capacidade argumentativa. Os três comentários revelam respectivamente ironia, ataque e argumentação. São participações heterogêneas, que não se vinculam diretamente a comentários anteriores, mas que estão claramente ligadas à temática do artigo e ao debate gerado.

Outro conjunto de participações não-dialogais se dirige à colaboradora Maria Helena Rubinato. É um conjunto bastante numeroso, revelando que o artigo e a figura de quem escreve capitalizam as atenções. A observação mostra que não há comentários neutros. São enunciados que se dividem em dois subgrupos: a favor e contra a colaboradora. Parece não haver um predominância de nenhum dos dois lados. A característica comum mais marcante é a veemência das críticas e elogios:

**Nome: Carlos Chagas Silva - 09/03/2007 11:16**

Não consigo entender Maria Helena. Maria, no tempo em que seus ídolos estavam no poder, o Brasil estava no buraco...literalmente. Você vivia no Brasil em 2001, 2002? Se vivia, Maria Helena, ou você é uma pessoa muito limitada intelectualmente ou muito preconceituosa, muito! O Brasil está melhor, Maria Helena e eu acho que a sua ojeriza a Lula é justamente ter que aceitar intimamente que o responsável por isso é um ex-líder operário.

**Apelido: lucassone - Email - 09/03/2007 11:10**

Mais uma vez Maria Helena expressa o sentimento e o pensamento de muitos brasileiros com relação ao presidente Lula, e este, por sua vez, adora pronunciar a palavra "hipocrisia", como se ele não tivesse nada a ver com os nossos problemas reais, ele deve ser a encarnação de Poncius Pilatos, esta sempre lavando as suas mãos para os nossos problemas mais urgentes....

O terceiro conjunto se dirige ao jornalista Ricardo Noblat. Trata-se o grupo menos numeroso dentre os comentários do post analisado e parece não haver predominância temática. É, ainda, um dos poucos grupos que registram participações *off topic* (enunciados quem não tem nenhuma vinculação com o conteúdo do post ou da discussão em sentido mais amplo). O único exemplo que encontramos é de um internauta que faz observações técnicas sobre o blog:

**Apelido: marcos10 - 09/03/2007 10:27**

NOBLAT: Seu sistema está com falha novamente. Quando se abre o texto completo e faz-se o comentário, gera-se uma pasta. Já na página principal do blog, ao fazer-se o comentário, gera-se outra pasta.

O baixíssimo índice de comentários *off topic* está, a nosso ver, nitidamente ligado ao caráter jornalístico do blog e ao contrato de leitura entre leitor e blogueiro. Não é um lugar para conversar qualquer assunto, o caráter jornalístico gera um debate fortemente vinculado aos temas debatidos. Muitos internautas evocam Noblat como interlocutor para se referir a algum aspecto do texto da colaboradora, havendo, assim, uma vinculação com o debate:

**Nome: SÉRGIO PORTO - 09/03/2007 11:02**

Noblat, onde posso ler outros artigos sobre esta jornalista, a não ser neste blog. Será que ela é exclusiva aqui ??

Mas, afinal, qual seria o papel exercido pelos comentários não-dialogais no Blog do Noblat. Eles servem como termômetro das discussões e estão presentes durante todo o debate. Imaginemos um debate em um auditório lotado onde são travados diálogos, mas onde também estão pessoas que se expressam com aplausos, vaias e gritos de ordem. Para os que estão diretamente envolvidos no diálogo é impossível não ser tocados pelas manifestações que ecoam no auditório. Assim também ocorre na caixa de comentários do Blog do Noblat. É impossível passar incólume pelos enunciados não-dialogais que permeiam e participam efetivamente do debate.

### **Comentários dialogais**

Denominamos comentários dialogais as participações inseridas em cadeias de interlocução contínua com vinculação explícita entre as mensagens. Como dissemos, a maior parte dos comentários está nesse grupo (61,16%). Encontramos 17 cadeias dialogais nas quais participam 37 internautas.

Para melhorar a compreensão global dos comentários dialogais, construímos uma tabela a partir de quatro coordenadas. A primeira e segunda mostram, respectivamente, a quantidade de internautas que participa do diálogo e o número total de mensagens. A terceira descreve a orientação do diálogo, que pode ser convergente, divergente ou conter ambas. Finalmente, a quarta e última coordenada determina a pontuação da seqüência de eventos, que pode ser vinculada ao artigo ou exterior a este. As cadeias são numeradas tomando como base o horário de publicação do primeiro comentário.

	Número de Comentários	Número de internautas	Orientação (convergente/divergente)	Pontuação da seqüência de eventos
Cadeia 1	2	2	divergente	artigo
Cadeia 2	4	3	convergente	artigo
Cadeia 3	2	2	convergente	exterior
Cadeia 4	4	3	convergente	exterior
Cadeia 5	2	2	Divergente	artigo
Cadeia 6	3	3	convergente/divergente	artigo
Cadeia 7	2	2	Convergente	artigo
Cadeia 8	48	21	convergente/divergente	artigo
Cadeia 9	17	8	convergente/divergente	artigo
Cadeia 10	4	2	Convergente	exterior
Cadeia 11	3	3	convergente/divergente	exterior
Cadeia 12	20	11	convergente/divergente	artigo
Cadeia 13	2	2	Convergente	exterior
Cadeia 14	15	5	convergente/divergente	exterior
Cadeia 15	2	2	divergente	exterior
Cadeia 16	2	2	convergente	exterior
Cadeia 17	6	2	convergente	exterior

Tabela 6 – Cadeias dialogais

A tabela indica alguns padrões facilmente reconhecíveis. Das 17 cadeias, apenas quatro possuem mais de dez participações. Conclui-se que a maior parte dos diálogos restringe-se ao par estímulo-resposta com participação de, no máximo, três internautas. Das 13 cadeias dialogais curtas, 11 tem uma definição única de orientação: 8 convergentes e 3 divergentes. Denota-se, portanto, que as cadeias são tão curtas que abrigam somente ligações de um único tipo. Ou os comentários mostram-se harmônicos ao convergirem num mesmo sentido ou são curtos-circuitos efêmeros, nos quais pensamentos antagônicos se chocam sem que seja gerada uma interlocução contínua. Por fim, não há uma nítida predominância em relação ao ponto inicial da seqüência de eventos: 5 começam no artigo e 8 são exteriores a este. Vejamos a “cadeia 15” como exemplo de cadeia curta (duas mensagens de dois internautas), divergente, com pontuação inicial exterior à temática do artigo:

**Apelido: Gotdämmerung - 09/03/2007 13:21**

será que a upuzissão tem a teria hombridade de concordar com alguma atitude do governo?

**Apelido: MMDCA - 09/03/2007 13:30**

Gotdämmerung - 09/03/2007 13:21 Eu não sei bem a quem você se refere quando fala em oposição... Mas eu me considero um opositorista e digo que pessoalmente concordo com algumas atitudes do governo Lula, dentre elas: 1 - A condução da recomposição de nossas reservas internacionais. 2 - Renegociação da dívida pública com alongamento de prazos e pagamentos atrelados ao Real e não mais ao Dólar. 3 - Alteração da fórmula de cálculo do superávit primário da economia para contemplar gastos com infra-estrutura e saneamento básico como investimentos. Acima estão 3 atitudes do governo com as quais concordei...

Aqui está um exemplo do que chamamos de curto-circuito efêmero. Há um enunciado que ataca frontalmente os opositores do governo Lula, com marcas enunciativas de deboche e

ridicularização (“upuzição”) sem vinculação direta ao post, por isso a pontuação da seqüência de evento é exterior ao artigo. A resposta chega 9 minutos depois e é mais elaborada. A resposta revela uma marca singular dos diálogos travados no interior do Blog do Noblat. Para não haver dúvida sobre qual comentário a participação está vinculada, inicia-se o enunciado com o nome, data e hora do comentário original. Não é uma regra do blog, mas uma convenção adotada por boa parte dos internautas. O leitor “Gotdämmerung” não deu prosseguimento ao diálogo.

Passemos agora para a “cadeia 2”, exemplo de uma cadeia curta com quatro comentários e três internautas, que convergem a partir de temática exterior ao artigo:

**Apelido: DR\_EVIL - Email - 09/03/2007 11:01**

Dr Evil gostaria de saber a opiniao dos cumpanheiros seguidores do illuminado, da esquerda ultrapassada e retrograda o que elles acharam da aprovacao da lei de propriedades privadas na China. E o fim do comunismo?

**Apelido: HienaLXXXV - Email - 09/03/2007 11:07**

ué, só ontem fiquei sabendo que não havia propriedade privada na China... porém, não se sabemos qual é as dimenções e finalidade da privada propriedade delles... a qui nos lados ocidentais , tudo pode ser propriedade privada de qualquer um, basta roubar muitíssimo e comprar...

**Apelido: DR\_EVIL - Email - 09/03/2007 11:09**

Alias, de roubo e coisa que elles entendem. Se assim o dizem, deve ser verdade. Sao especialistas. Os 4 anos de governinho demonstram muito bem.

**Apelido: marcos10 - 09/03/2007 11:18**

Caro Dr. \_Evil A cara de nossa Justiça deve estar enterrada no lamaçal. Pudera! Depois que a Justiça americana decretou a prisão do Maulo Salafirim Paluf e a nossa mandou soltar o ex deputado e ex operador de moto-serra Hildebrando Pascoal.

O internauta “DR\_EVIL” começa com um ataque ao governo Lula, também com marcas de deboche e ironia, como o L duplo em “illuminado”, expressão usada para denominar o presidente Lula. O enunciado não tem acentuação, outra característica freqüentemente encontrada nos comentários. Como dissemos, o dispositivo exige rapidez dos participantes, que muitas vezes recorrem a mensagens sem acentos nem pontuação. Ainda no interior do primeiro enunciado pode-se observar um traço idiossincrático. O internauta “DR\_EVIL” é um dos mais ativos – participa de cinco dos dez posts analisados – e usa a terceira pessoal para tratar de si mesmo. A liberdade quanto à forma dos comentários faz com que muitos leitores adotem traços distintivos que singularizam os atos de fala. Seis minutos depois, o internauta HienaLXXXV entra no diálogo com uma exposição convergente à mensagem inicial. O enunciado começa com uma interjeição oral: “ué”. A oralidade é um recurso usual nas interações. “DR\_EVIL” responde HienaLXXXV com outro ataque ao governo, agora chamado de “governinho”. O “roubo” citado no segundo comentário está

também no terceiro. Os enunciados se afetam e produzem um significado pelo leitor “marcos10”, que encerra a curta cadeia dialogal com exemplos de políticos acusados de corrupção. O humor está presente no nome de Paulo Salim Maluf, que virou por algum motivo obscuro, “Maulo Salafrim Paluf”.

Alguns dos posts que integram cadeias dialogais curtas são de autoria de leitores que se conhecem (ou reconhecem). As trocas são rápidas e não tem qualquer vinculação com a temática debatida pelo blog, podendo ser classificados como *off topic*, conforme revela a “cadeia 10”:

**Apelido: tukãmondaha - 09/03/2007 11:36**

Lili de Piracicaba, carma! Final do mês que vem Vou até aí... Quem sabe...

**Nome: Eliana Salgado Marconi - Email - 09/03/2007 11:40**

tukãmondaha - 09/03/2007 11:36 Lili de Piracicaba, carma! Final do mês que vem Vou até aí... Quem sabe...\_\_\_\_\_Afffffffffffffffff. Se vier, seja bem vindo. Quanto ao "quem sabe".....sem comentários.

**Apelido: tukãmondaha - 09/03/2007 11:56**

Relaxa Lili! É chiste. Só para descontrair.

**Nome: Eliana Salgado Marconi - Email - 09/03/2007 12:13**

Apelido: tukãmondaha - 09/03/2007 11:56 Relaxa Lili! É chiste. Só para descontrair.\_\_\_\_\_Tudo bem, hoje é sexta-feira, dia nacional da cervaja, embora eu não seja fã.

São diálogos banais diante das conversações que simultaneamente se desenvolvem. Novamente recorrendo a uma analogia com as atividades sociais “extra-www”, é como se duas pessoas conhecidas se encontrassem num ambiente atravessado por outros diálogos (estes com um conteúdo temático relativamente homogêneo) e rapidamente trocassem saudações.

Se as cadeias dialogais curtas revelam padrões facilmente reconhecíveis, a análise se complica quando o diálogo se estende. As cadeias dialogais longas são bastante mais complexas e exigem uma maior atenção para perceber os padrões interativos. A tabela revela que as cadeias dialogais longas sempre apresentam orientações convergentes e divergentes. Também partem da mesma pontuação da seqüência de eventos: o artigo.

Começamos com a “cadeia 9”, que tem 17 participações e 8 internautas envolvidos na conversação. Tudo começa com um comentário publicado por “SÉRGIO PORTO”:

**Nome: SÉRGIO PORTO - 09/03/2007 11:02**

Noblat, onde posso ler outros artigos sobre esta jornalista, a não ser neste blog. Será que ela é exclusiva aqui ??

O leitor quer obter mais informações sobre a colaboradora Maria Helena Rubinato e recorre ao jornalista Ricardo Noblat. O internauta “GUARAPARY” responde com ironia:

**Apelido: GUARAPARY - 09/03/2007 11:07**

Não é que ela é exclusiva aqui. É que só aqui ela conseguiu esta boquinha. Neste "Centro de Entretenimento". E deixar de postar artigos do Marcio Canutto é um verdadeiro crime.

O autor da mensagem inicial mostra sua verdadeira intenção: ridicularizar a colaboradora, queixando-se de um abaixo-assinado que Maria Helena promoveu no blog para cobrar das autoridades punição aos culpados pelo brutal assassinato do menino João Hélio<sup>35</sup>:

**Nome: SÉRGIO PORTO - 09/03/2007 11:22**

E eu que estava esperando (e ainda estou) alguma notícia daquele abaixo assinado sobre o caso do menino Hélio. Será que ela esqueceu? Tomara que não.

Um terceiro internauta entra no diálogo tomando como base a mais recente participação de “SÉRGIO PORTO”:

**Apelido: THYARREH\_BENTHO - 09/03/2007 11:26**

Nome: SÉRGIO PORTO - 09/03/2007 11:22, Maria Helena se esqueceu do menino Hélio muito antes que nós e até mesmo antes das viúvas destroncadas, aqui do Blog. Você tinha dúvidas disso, Sérgio. Sérgio, pessoas que mostram abertamente o preconceito e a ignorância das quais são portadores, só merecem crédito dos seus pares....Concorda comigo?

Uma nova participação de “SÉRGIO PORTO”, desta vez em tom de desafio, é responsável por motivar seis comentários divergentes em defesa da colaboradora:

**Nome: SÉRGIO PORTO - 09/03/2007 11:33**

É por isso que pergunto pela terceira vez? Em quais outros veiculos de comunicação esta senhora se apresenta. Pelo visto em nenhum. Então que credibilidade ela tem. Nenhuma.

**Nome: Eliana Salgado Marconi - Email - 09/03/2007 11:36**

SÉRGIO PORTO - 09/03/2007 11:33 É por isso que pergunto pela terceira vez? Em quais outros veiculos de comunicação esta senhora se apresenta. Pelo visto em nenhum. Então que credibilidade ela tem. Nenhuma. \_\_\_\_\_ Só tem credibilidade quem trabalha em mais de um meio de comunicação? Porque?

**Apelido: marcos10 - 09/03/2007 11:37**

Caro SÉRGIO PORTO: Perca um pouquinho de tempo e vá a qualquer site de busca e digite o nome da Maria Helena. Dê uma lida de quem se trata e depois volte aqui para se desculpar.

**Apelido: MMDCA - 09/03/2007 11:43**

SÉRGIO PORTO - 09/03/2007 11:33 Sobre a credibilidade de Maria Helena: - Ela não defende bandido - Ela não assina cheque em branco para corrupto - Ela não chama àqueles que a ajudaram de "aloprados" - Ela não diz que "não sabia" - Ela não tem amigo pra pagar as suas contas - Ela

---

<sup>35</sup> João Hélio foi morto no dia 7 de fevereiro de 2007, no Rio de Janeiro. O carro em que ele estava foi assaltado. A mãe do garoto foi retirada do veículo, mas João Hélio ficou preso ao cinto de segurança e, durante a fuga dos criminosos, foi arrastado por cerca de sete quilômetros. O garoto, de 6 anos, não resistiu aos ferimentos e morreu.

não assina empréstimo milionário - Ela não recebe nem paga nada com recursos no exterior - Ela não responde às acusações do MP e do PGR - Ela não xinga os outros, por mais que a xinguem Olha... acho que ela tem mais credibilidade que muita gente nesta nossa República, viu...

“Eliana Salgado Marconi”, “marcos10”, “MMDCA” formam um equipe contra “SÉRGIO PORTO”, que aceita a proposta de “marcos10” e retorna ao debate com uma nova questão:

**Nome: SÉRGIO PORTO - 09/03/2007 11:44**

Filha de João Rubinato, também conhecido na Moóca como Adoniran Barbosa. Não estou falando do pai, mas sim da filha. Em quais jornais ela é articulista.

Seguem mais dois comentários a favor de Maria Helena Rubinato, desta vez com o(a) internauta MiniMim integrando a equipe dos que participam da defesa:

**Apelido: MiniMim - 09/03/2007 11:47**

Xiiii, o companheiro baba ovos, está querendo saber em quais jornais a Maria Helena trabalha. Pode ter certeza que não é nenhum onde a folha de pagamentos da CUT atua. Rs

**Nome: Eliana Salgado Marconi - Email - 09/03/2007 11:47**

Sabe uma coisa que não entendo por parte de alguns frequentadores deste blog? Quando não gosto de algum articulista não leio e nem ouço o que escrevem e falam. Porque as pessoas que tentam desqualificar Maria Helena não fazem o mesmo? Vai entender.

É a vez, então, de “GUARAPARY” voltar à conversa para mostrar que está do lado de “SÉRGIO PORTO”:

**Apelido: GUARAPARY - 09/03/2007 11:47**

Posso ajudar: Ela escreve semanalmente na Gazeta do Tatuapé e no Diário da Vila Prudente. Ambos tem grande circulação na Zona Leste de SP.

A conversa segue com os argumentos contra e a favor da colaboradora:

**Apelido: marcos10 - 09/03/2007 11:49**

Para Sérgio Porto, só vale se tiver Artigo publicando em outro jornal. Ou talvez na Quanto É ? Por esse seu ponto de vista, nem o Iluminado poderia ser presidenti. Nunca estudou, nunca trabalhou, nunca dirigiu nada.

**Nome: Eliana Salgado Marconi - Email - 09/03/2007 11:50**

marcos10 - 09/03/2007 11:49 Para Sérgio Porto, só vale se tiver Artigo publicando em outro jornal. Ou talvez na Quanto É ? Por esse seu ponto de vista, nem o Iluminado poderia ser presidenti. Nunca estudou, nunca trabalhou, nunca dirigiu nada. \_\_\_\_\_ Matou a pau!!! Parabéns!

**Nome: SÉRGIO PORTO - 09/03/2007 11:52**

Apelido: GUARAPARY - 09/03/2007 11:47 Obrigado pela informação. Já entrei no site destes dois jornais e lá tem artigos inclusive sobre como está o processo de abaixo assinado do menino João. Mais uma vez obrigado.

**Apelido: MiniMim - 09/03/2007 11:52**

marcos10 - 09/03/2007 11:49 Discordo do "nunca trabalhou". Trabalhou sim, uma única vez, mas a incompetencia para a labuta era tão grande que perdeu o dedo. Haja competencia não? Rsrsr

**Apelido: lucassone - Email - 09/03/2007 11:57**

Nome: Eliana Salgado Marconi - Email - 09/03/2007 11:47 Eliana, sobrê o seu comentário, me permita dizer: conhece aquela estória de desqualificar o adversário, quando não se tem argumentos, fruto não sei, talvez do maldito complexo de inferioridade dos que não se garatem pela falta total de competência para resolver os problemas mais urgentes do Brasil... empurrando com a barriga e dizendo que o problema é da sociedade hipócrita, assim minha cara até eu viro presidente da republiqueta do Brasil....

O que é possível extrair do diálogo? Em primeiro lugar, fica evidente que as cadeias dialogais longas são alimentadas pela divergência, mas, no interior do debate, formam-se equipes que convergem entre si. Outra constatação é relativa ao conteúdo temático do debate. A pontuação inicial da seqüência de eventos é o artigo, ou melhor, a própria figura da colaboradora. Elegemos os posts de Maria Helena Rubinato justamente porque ela não carrega consigo um status social prévio que a vincularia a preconceitos ideológicos. Mas é justamente a falta de um lastro social que a legitima que parece funcionar como propulsor da cadeia dialogal. Veremos, adiante, que emerge um padrão daí, pois outras cadeias se formam justamente a partir da questão de credibilidade que cerca a colaboradora.

O conteúdo do enunciado é determinante para a formação de cadeias dialogais. A “cadeia 12” mostra como um enunciado polêmico pode gerar uma cadeia longa formada por uma equipe de internautas. O leitor “Eduardo Silva” publica um ataque pessoal a Maria Helena Rubinato. O enunciado é curto e tem conteúdo machista:

**Nome: Eduardo Silva - Email - 09/03/2007 12:32**

A Rubinato é assim por falta de marido

A mensagem foi excluída pelo moderador, pois contrariava uma das regras do blog (ao contrário de um de nossos exemplos anteriores, aqui a regra valeu). Contudo, conseguimos ter acesso ao conteúdo porque um outro participante republicou o texto de “Eduardo Silva” antes de criticá-lo. O enunciado motivou 11 comentários convergentes, com trocas explícitas entre os interlocutores, que agem como uma grande equipe:

**Apelido: Maquinavel - 09/03/2007 12:33**

Eduardo Silva - 12:32 E você é assim por falta de educação.

**Nome: Eliana Salgado Marconi - Email - 09/03/2007 12:36**

Eduardo Silva - E você é um machista ridículo e sem educação. Sua visão de achar que quando uma mulher tem problemas (o que não é o caso de Maria Helena) é por falta de homem mostra todo o seu limite e que sua visão não vai além de seu umbigo.

**Apelido: Liliane - 09/03/2007 12:36**

Maquinavel - você é educado demais.

**Nome: gerson santiago - 09/03/2007 12:41**

liliane as vacinas são preventivas, não tem mais serventia para os aleijados.

**Apelido: YESorNO - 09/03/2007 12:42**

Eduardo Silva Em que time vc joga... Dos idiotas, dos desequilibrados, dos imbecis???

**Nome: Eliana Salgado Marconi - Email - 09/03/2007 12:45**

YESorNO - 09/03/2007 12:42 Eduardo Silva Em que time vc joga... Dos idiotas, dos desequilibrados, dos imbecis??? \_\_\_\_\_Provavelmente em todos esses e mais alguns.

**Apelido: Liliane - 09/03/2007 12:48**

gerson santiago - o que vale é coragem, iniciativa e oferecer a possibilidade de se evitar o pior ou corrigir um quadro antigo. Meu irmão, como tantas outras pessoas, teve pólio quando bebê. Imagine se Salk ou Sabin tivessem desistido de ajudar a humanidade.

**Nome: Kika Albuquerque - 09/03/2007 12:54**

Eduardo Silva - Email - 09/03/2007 12:32 E você é assim por falta de cérebro.

**Apelido: Ninon - 09/03/2007 12:54**

Nome: Eduardo Silva - Email - 09/03/2007 12:32 A Rubinato é assim por falta de marido.  
===== QUE MENTALIDADE DEUS MEU!!!!!!

**Nome: gerson santiago - 09/03/2007 12:55**

é exatamente isso que estou falando - da coragem de maria helena continuar ofertando as gotas de sabedoria como prevenção a doença, neste caso, da paralisia mental que tomou conta dos brasileiros neste governo de aleijados intelectuais. tin tin pra vc tbm pelo seu dia de ontem.

**Apelido: marf1968 - 09/03/2007 13:00**

Putz,o Eduardo chutou o pau da barraca,ontem o Dia Internacional da Mulher,hoje o cara arrebenta a porta!!O Eduardo,menos cara!!

Contudo, o internauta “danamite” interrompe a série de comentários convergentes e instaura uma divergência com “Eliana Salgado Marconi”, que prontamente recebe o apoio de dois internautas, um deles, “Kika Albuquerque”, fazia parte da equipe formada inicialmente para questionar “Eduardo Silva”:

**Apelido: danamite - 09/03/2007 13:03**

Eduardo escreveu uma frase pronta da cultura machista. Agora... Algumas mulheres tiranas com suas oponentes mulheres...indignadas? Contradições?

**Nome: Eliana Salgado Marconi - Email - 09/03/2007 13:07**

danamite - 09/03/2007 13:03 Eduardo escreveu uma frase pronta da cultura machista. Agora... Algumas mulheres tiranas com suas oponentes mulheres...indignadas? Contradições? \_\_\_\_\_Tiranas porque discordam das convicções políticas? E mesmo que fosse, o que uma coisa tem a ver com a outra?

**Apelido: danamite - 09/03/2007 13:10**

Nome: Eliana Salgado Marconi - Email - 09/03/2007 13:07 Porque este argumento... as mesmas já dirigiram para Dana. Portanto... Contradições? Queres que eu acredite que algumas mulheres não são machistas?

**Nome: Kika Albuquerque - 09/03/2007 13:11**

Eliana Salgado Marconi - Email - 09/03/2007 13:07 Eliana, nada precisa ter a ver com coisa alguma. Eles acham que basta pegar idiotices prontas, encher de aspás e de reticências, ou até mesmo com grosserias (caso do Eduardo). Vá a datas anteriores e procure UMA só postagem da comentarista em questão que DIGA ALGUMA COISA concreta e útil. Sempre os comentariozinhos medíocres e patrulheiros. Não passa disso, e jamais passará.

**Nome: Eliana Salgado Marconi - Email - 09/03/2007 13:13**

Kika Albuquerque - Exato! Mais uma vez você acertou em cheio.

**Apelido: danamite - 09/03/2007 13:14**

Táí... O "chapéu" serviu...

**Nome: Eliana Salgado Marconi - Email - 09/03/2007 13:15**

danamite - 09/03/2007 13:10 - ok, ok. Mas provavelmente as machistas não se mostraram indignadas.

**Apelido: Gotdämmerung - 09/03/2007 13:18**

Kika Albuquerque - 09/03/2007 13:11 comentarios construtivos como os seus!!!!

As cadeias longas são, portanto, fruto de divergências capazes de instaurar equipes. Estas últimas se unem com objetivos comuns no instante das interações. Comprova-se que o conflito é, de fato, uma das formas básicas de sociação (Simmel, 1983).

Seguimos agora para a “cadeia 8”, a mais longa encontrada, com 48 comentários, 21 participantes e repleta de variações temáticas. Ela nos interessa justamente porque nos revela a forma como o diálogo é determinado pela pontuação da seqüência de eventos. A cadeia começa com o enunciado de um internauta que critica a colaboradora e faz alusão à “Frase do Dia”<sup>36</sup>:

**Apelido: marf1968 - 09/03/2007 11:29**

Não li o artigo e não gostei!! Artigos de oposição seriam melhores aproveitados se escritos por pessoas de maior potencial de mídia!! Será que não encontram pessoas mais gabaritadas para postarem seus textos neste espaço!! Posso dar sugestões!! São textos ressentidos que não nos levam a lugar algum!! A frase do dia de Oscar Niemeyer têm mais lucidez do que qualquer artigo escrito pela Maria Helena!! Acho até que "este" Niemeyer é mais conhecido que Maria Helena!! Só que não gosta muito de aparecer!!

A cadeia segue então, em duas direções temáticas. Uma delas debate a credibilidade de Maria Helena Rubinato, conforme o padrão já reconhecido na “cadeia 9”. A outra debate a figura do arquiteto Oscar Niemeyer. É nesta segunda ramificação da cadeia que se encontra o comentário da internauta “MiniMin”, que chama Niemeyer de “comunista milionário”:

---

<sup>36</sup> Frase do Dia: “Sou contra o império assassino de Bush e contra quem, em nosso país, tenta combater o governo Lula” – Oscar Niemeyer.

**Apelido: MiniMim - 09/03/2007 11:59**

Nível do Neimayer? ahahahahaha Comuna milionário que jamais fez uma ação social que não fosse para si mesmo. Comuna milionário, até eu quero ser. Aliás, cá entre nós seus prédios são horríveis como é a alma de um comunista. Obscura, sem verde, sem leveza, sem justiça. Ser presidente é requisito ter cultura, acho que não, ser mentiroso, enganador e cínico são os maiores atributos exigidos. Ah sim, e ter mentido por 25 anos que era honesto, não roubava e não deixava roubarrrr.

Uma nova ramificação se forma para debater a relação entre comunismo e riqueza:

**Apelido: Fabio Costa - 09/03/2007 12:10**

Aos preconceituosos de plantão: Comunista não pode ser rico???? Vocês podem????

**Apelido: Proudhon - 09/03/2007 12:12**

Oscar neimeyer, com grana saindo pelo ladrão, já trabalhou para vários governos e tá podre de rico. Ser comunista assim, até eu...

**Nome: Eliana Salgado Marconi - Email - 09/03/2007 12:15**

Acredito que comunista não pode ser rico não. A não ser que todos também sejam. Afinal qual é o princípio do comunismo? Não seria a igualdade social?

**Apelido: lucassone - 09/03/2007 12:15**

Apelido: Fabio Costa - 09/03/2007 12:10 A questão não é de "preconceito" e sim de "coerência" simples (vide Lula).

**Apelido: Fabio Costa - 09/03/2007 12:18**

**Apelido: lucassone - 09/03/2007 12:15 Então quer dizer que comunista tem que ser pobre, certo?** Afinal a riqueza somente pode ser agraciada pelos discípulos integralistas????

**Apelido: marf1968 - 09/03/2007 12:18**

Estão confundindo profissão com partido político(ideologia)!!Não há nada de mal o cara ser rico!!Não me consta que ele tenha cometido alguma ilegalidade ou crime,em suas realizações profissionais!!Têm um monte de pessoas com pensamentos liberais fazendo tratamentos de saúde em Cuba,qual o problema??Não se pede atestado ideológico para serem curados!!

**Apelido: marf1968 - 09/03/2007 12:19**

Acho melhor lerem o Manifesto Comunista de Marx!!

**Apelido: marf1968 - 09/03/2007 12:24**

Eliana,o comunismo(eu não sou) prega a produção de riquezas e a distribuição dela!!A renda têm que ser distribuída e não ficar nas mão de poucos!!!Sabe o princípio distributivos dos judeus israelenses??Vivem em comunidades(comunas)e através de cooperativas,plantam,geram riquezas e as distribuem!!Uma sociedade mais justa e igualitária,é isso!!Coisa que o capitalismo não resolveu,e assim como o comunismo fracassou!!

Nome: Eliana Salgado Marconi - Email - 09/03/2007 12:29

marf1968 - você confirma o que eu disse. Em estado igualitário deve acontecer a distribuição de renda e não concentração. Não há classe social. É utópico, concordo.

**Apelido: cvh - Email - 09/03/2007 12:30**

Concordo com o Fabio Costa, comunistas podem e queira Deus sejam todos muito ricos, só não deveriam se-lo num país de pobres. É uma questão de princípios. Quanto ao Lulla artilheiro de tres acertou duas (muito acima de sua media administrativa), o que errou foi por culpa da bola ou do vento, da trave, da falta de torcida, Bush...ou sei lá, mas dele não. Vai ver não sabia que tinha que chutar a bola entre as traves e o travessão, assim como não sabia do mensalão, aloprados, Celso Daniel...e do que seria bom para o povo Brasileiro.

Os comentários desta última cadeia não têm como ponto inicial o artigo, mas sim, o comentário de MiniMim que, por sua vez, tinha como eixo temático a figura do arquiteto Oscar Niemeyer. Nenhum dos enunciados da última ramificação – que debatem o comunismo – cita o nome do arquiteto. Todos fazem parte da “cadeia 8”, porque há um “enunciado propulsor” publicado por marf1968, responsável por alimentar diversas vertentes temáticas sem que as interações sejam interrompidas.

Provavelmente, nenhum dos internautas faz idéia de onde o assunto surgiu, pois o dispositivo não convida à leitura de mensagens mais antigas. A primeira mensagem da cadeia foi publicada às 11h29 e a ramificação sobre o comunismo surge apenas às 12h10. Entre os dois comentários há outros 54 enunciados de uma intensa conversação que atravessa diversas cadeias. Contudo, todos conseguem participar porque há um lastro que se deposita de mensagem em mensagem e que permite a ocorrência de novas ligações. Passa-se de um assunto ao outro, formam-se equipes, divergências são instauradas, mas há uma dinâmica interativa extremamente complexa que liga todos os enunciados a uma mesma cadeia dialogal. E onde tudo começou? Na discussão sobre o artigo de uma colaboradora e na “Frase do Dia”.

O caráter jornalístico do blog pauta as interações. O contrato de leitura exige pertinência aos temas debatidos no blog e fomenta as trocas. A frase de Oscar Niemeyer, longe de ser apenas um acessório no Blog do Noblat, serve como esteio para a conversação no interior da caixa de comentários. Será que o jornalista previa a apropriação do material? Ao contrário dos posts, a “Frase do Dia” não se desloca, está visível a todos os leitores que entram no blog. O dispositivo blog é pautado pela personalização do conteúdo e a apropriação do dispositivo pelo jornalista conforma as relações. Mas quem, afinal, comanda as conversações analisadas? Noblat, Maria Helena Rubinato, o dispositivo ou os próprios internautas? Não há uma resposta única e definitiva. O aparato tecnológico conforma, mas as apropriações sociais da tecnologia também são conformadoras de interações.

É inegável a força enunciativa contida na figura de Ricardo Noblat, mas este confere legitimidade aos colaboradores, que também participam decisivamente da dinâmica interativa. Os comentários dos internautas não são meros acessórios, mas sujeitos ativos. As cadeias dialogais deixam evidente a existência de *hubs* (conectores centrais) entre os leitores. “SÉRGIO PORTO”, Eliana Salgado Marconi” e “marf168” concentram um grande número de conexões. A conclusão é importante para verificar que o blog jornalístico de fato conforma uma rede de enunciados por meio de dinâmicas interativas, mas as atuações dos sujeitos são

heterogêneas. Não são todos os internautas que conseguem gerar um grande número de laços. A topografia da rede é decisiva para conformar os padrões.

## CONCLUSÃO

A comunicação mediada por computador e as recentes inovações que surgem sob a égide de Web 2.0 transformam significativamente a comunicação e o blog nasce justamente da conformação de um cenário propício às conversações. A barreira dos códigos foi atenuada por ferramentas extremamente simples e a liberação do pólo emissor permite novos tipos de trocas. O aparato conceitual usado para analisar as interações face a face ajuda, mas não basta. O estudo da comunicação mediada por computador exige um novo instrumental teórico que, sem negligenciar o legado das pesquisas sobre interação, devem desenvolver conceitos e metodologias próprios. O alerta serve para se evitar a apropriação rasteira de noções já consagradas, pois, como vimos neste estudo, “o desenvolvimento dos meios de comunicação cria *novas* formas de ação e de interação e *novos* tipos de relacionamentos sociais” (THOMPSON, 2005, p.77).

O jornalismo é uma das atividades que se vêem renovadas pela presença dos blogs. Para desvelar um aspecto que parece em pleno desenvolvimento, a pesquisa partiu, então, em busca de explicações para a emergência de uma rede formada por padrões interativos entre os leitores de um blog jornalístico. Vimos que o blog apresenta uma centralidade enunciativa na figura de seu dono, em nosso caso, o jornalista Ricardo Noblat. O dispositivo leva ao extremo o potencial de personalização tanto da forma quanto do conteúdo. É impossível desvincular o blog do blogueiro. A fotografia e nome do jornalista, associados ao modo singular de produção constituem o ambiente.

Mesmo assim, ao contrário do que se pode imaginar à primeira vista, o blog jornalístico é constituído por um emaranhado de interações. Estas conformam uma rede extremamente complexa com a presença de atores com características distintas, mas que de fato dialogam entre si. Integram a rede o enunciador-chefe (o jornalista Ricardo Noblat), um conjunto de colaboradores convidados a expressar suas opiniões e os internautas. O blog se institui como um meio social de comunicação no qual o jornalismo se faz como conversação (Varela, 2007).

Se o dispositivo permite uma instância enunciativa central, ele também permite trocas que dificilmente ocorreriam em outros ambientes. A colaboradora Maria Helena Rubinato prova que há uma reconfiguração das relações midiáticas. O enunciado passa a ser um elemento determinante para as relações. Não que o status social fique em segundo plano. Figuras do mundo político, por exemplo, são freqüentes colaboradores do Blog do Noblat. No

entanto, estes dividem espaço com uma dona-de-casa filha de Adoniran Barbosa. Maria Helena Rubinato está ali porque escreve bem, tem estilo.

Mas nem tudo é permitido e aí entra a face normativa da comunicação. Noblat tentou dar voz a uma colaboradora que assinava apenas “Nariz Gelado”. Não conseguiu. A análise do episódio fundamenta uma conclusão primordial: a centralidade enunciativa do dispositivo convive com uma multiplicidade de vozes que são realmente importantes para as relações. Colaboradores e internautas participam ativamente da vida do blog e o jornalista Ricardo Noblat, ao invés de se caracterizar como um déspota em seu reino, revela-se um mediador habilidoso. Ele sabe que a audiência do blog não pode ser tratada da mesma forma que a audiência do jornal. O internauta pode até consumir o blog como faz com um jornal impresso, lendo apenas os posts, mas estes estão repletos de marcas interativas explícitas, como demonstramos a partir dos exemplos “Calçada da Fama” e “Dica de Site”. A interação não é desejável, é constitutiva. Noblat e outros jornalistas que se enveredam pelos blogs parecem se aproximar cada vez mais da figura do *gatewatcher* (Primo e Träsel, 2006). Há um afastamento da mediação de interesse geral para a mediação que se pauta pela seleção e organização de material (VAZ, 2004). A grande quantidade de informação na internet põe em xeque a capacidade de atenção e o jornalista tem a tarefa de tratar os dados para se evitar perda de tempo ou até mesmo o desencontro entre o público e a própria informação.

Sobre o público que acessa o blog sabemos que a maior parte não participa ativamente das conversações. São os *lurkers*. Mesmo assim, um número significativo de internautas publica mensagens. As participações são conformadas pelo dispositivo, que exige um enunciado curto, direto, veloz. Por isso mesmo, os atos de fala são repletos de imperfeições, sejam erros de digitação ou gramaticais. As conversas são muito rápidas e para participar de uma cadeia dialogal (por vezes se participa de mais de uma simultaneamente) é necessário ser rápido no teclado. Marcas da oralidade invadem os enunciados, pois o tempo de leitura é quase o mesmo tempo de pensamento e escrita.

Mas, se as interações no blog jornalístico são pautadas pela transposição da oralidade para a escrita, elas não são iguais às de outros ambientes com mesma característica, como aquelas encontradas nos comunicadores instantâneos ou em outros blogs. Há pouco espaço para se tratar de efemeridades. O contrato de leitura e de participação instaurado pelo blog jornalístico impõe um limite claro aos comentários. A análise das interações no Blog do Noblat permite concluir que os enunciados são dirigidos aos conteúdos dos posts especificamente ou à temática do próprio blog (a cobertura política), em escala ampliada. Quase não há comentários *off topic* e os poucos que existem são conformadores de um traço

de reconhecimento efêmero do tipo “Olá fulano!”, “Como vai sicrano?”. A todo momento as dinâmicas interativas confluem para um mesmo destino: o blog.

Sobre os internautas constatamos que estes preferem usar apelido aparentemente como forma de se resguardar. Os *nicknames* são extremamente heterogêneos, mas muitos revelam traços da personalidade do participante. Mas o uso de apelido não parece restringir as interações. Internautas que se identificam com um apelido conversam com outros que usam nome e sobrenome. Novamente, é possível concluir que valem mais os enunciados que a verdadeira identidade. Sabemos também poucos leitores são responsáveis por um grande número de mensagens e que alguns destes se configuram como *hubs*, fazendo convergir para si mesmos uma série de conexões. São estes leitores líderes em conexão os principais responsáveis por cadeias dialogais longas.

A análise também mostrou que é pequena a participação de um mesmo internauta em diversos posts. Existe a possibilidade de trocar de nome ou apelido, mas, antes de chegarmos a uma conclusão apressada, vimos que o dispositivo blog descola a conversação para os posts mais recentes. Portanto, os internautas estão de certa forma limitados a comentar o que há de mais recente no blog e não propriamente aquilo que desejariam comentar.

Os comentários revelaram que existem enunciados que não estão diretamente vinculados a participações anteriores. Estes comentários não-dialogais cumprem, no entanto, uma importante função de aferir o “ânimo” geral da conversação. A pesquisa não deixa dúvida de que todo enunciado é um elo de uma cadeia maior de enunciados (Bakhtin, 1981). Nos posts de Maria Helena Rubinato é nítida a vinculação dos comentários não-dialogais ao conteúdo do texto da colaboradora, seja para criticar ou elogiar. São enunciados que preenchem o ambiente e revelam muito do que ali é dito.

Mas são os enunciados dialogais que de fato mostram a capacidade do blog jornalístico em conformar relações extremamente complexas. As cadeias dialogais analisadas revelaram a formação de equipes que se confrontam a partir de temáticas variadas. Dentro de uma mesma cadeia dialogal os participantes podem participar simultaneamente de mais de uma ramificação temática e, portanto, se inserir em mais de uma equipe. A pesquisa revelou que as cadeias longas apresentam convergência (claramente identificadas no interior das equipes) e divergência, mostrando que o conflito é um elemento fundamental para o prolongamento da conversação.

Cadeias dialogais curtas tendem a apresentar apenas convergência ou divergência, mas raramente ambas simultaneamente. A polêmica desperta interesse e estimula a participação. O jornalismo se alimenta de assuntos variados e o noticiário político do Blog do Noblat é

atravessado por polêmicas. Os padrões revelam que os enunciados são fruto direto do ambiente.

Outro padrão reconhecível é a origem da pontuação da seqüência de eventos. Todas as cadeias longas detectadas têm como marco zero o conteúdo do post, no caso, o artigo de Maria Helena Rubinato. Mas a pontuação não é a mesma para todas as participações. As ramificações temáticas mostram que os diálogos de fato se encontram numa superfície comum de troca e conformam novos significados, que são rapidamente apropriados e postos em discussão. As ramificações mostram que uma mesma cadeia leva consigo um lastro que une todos os enunciados, mesmo que cada temática apresente uma nova pontuação na seqüência de eventos. Para um observador externo, toda a cadeia revela-se única. Não há início nem fim. Contudo, os participantes da interação pontuam os eventos para dar significado a seus atos e conseguem se inserir no diálogo (Watzlawick, Beavin e Jackson, 1967). Para estes, a interação parece um jogo extremamente pontuado de estímulo e resposta. O blog pauta os internautas e estes se pautam a partir da pauta. Por detrás do jogo de palavras há um macropadrão de rede, no qual a instância enunciativa central (blog) serve de propulsor das interações e, dentro dos limites impostos pelo contrato jornalístico, os leitores reordenam os relacionamentos na medida em que se desenrolam as conversas.

A pesquisa revelou aspectos novos instaurados pelo blog e a conseqüente apropriação deste por um experiente jornalista. O dispositivo blog abriga dinâmicas interativas capazes de integrar os sujeitos em padrões geradores de redes complexas. Contudo, como era de se esperar, a pesquisa dá conta de somente um pequeno ponto situado no interior do imenso campo da comunicação mediada por computador. Os desafios são grandes e os estudos comunicacionais que se debruçam sobre as novas tecnologias de comunicação enfrentam a árdua tarefa de pensar as novas práticas sociais sem um distanciamento espaço-temporal. O espaço e o tempo da pesquisa são também o espaço e o tempo da apropriação tecnológica. Mais que uma barreira, a simultaneidade entre pesquisa e desenvolvimento deve servir como estímulo e desafio para novas pesquisas.

## BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Chris. *A cauda longa: do mercado de massa para o mercado de nicho*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2006.

ANTUNES, Elton; VAZ Paulo B. Mídia: um aro, um halo e um elo. In: GUIMARÃES, C.G.; FRANÇA, V. (Orgs). *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.43-60

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 2ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1981.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BATESON, Gregory. *Mente e natureza: a unidade necessária*. São Paulo: Francisco Alves Editora, 1986.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2005. p.61-78.

BRAGA, José Luiz. Interação & Recepção. In: FAUSTO NETO, Antonio (et al.). *Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade*. Porto Alegre: Edipucr/Famecos, 2000. p. 109-136.

\_\_\_\_\_. Constituição do campo da comunicação. In: FAUSTO NETO, Antonio; PRADO, José Luiz Aidar; PORTO, Sérgio Dayrell (orgs.). *Campo da comunicação – Caracterização, problematização e perspectivas*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001. p. 11-39.

\_\_\_\_\_. *A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática*. São Paulo: Paulus, 2006.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Maria Regina. *Comunicação e educação – Questões delicadas na interface*. São Paulo: Hacker, 2001.

CARVALHO, Rosa Meire. Diário íntimo na era digital: diário público, mundos privados. In: LEMOS, André; PALÁCIOS, Marcos. *Janelas do ciberespaço: comunicação e cibercultura*. 2ª ed. Porto Alegre: Sunlina, 2001. p. 234-254.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. v.1: A era da informação: economia, sociedade e cultura. 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix et al. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DUARTE, Eduardo. Por uma epistemologia da comunicação. In: LOPES, M.I.V. (Org.). *Epistemologias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003. v 1, p. 41-54.

FERRARI, Pollyana. *Jornalismo Digital*. São Paulo: Contexto, 2003.

FRAGOSO, Suely. Um e muitos ciberespaços. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 212-231.

FRANÇA, Vera Veiga. *Jornalismo e vida social: a história amena de um jornal mineiro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

\_\_\_\_\_. Paradigma da comunicação: conhecer o que? In: MOTTA, L.G.F. (et al.). *Estratégias e culturas da comunicação*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002a. p. 13-29.

\_\_\_\_\_. Do telégrafo à rede: o trabalho dos modelos e a apreensão da comunicação. In: PRADO, José Luiz Aindar (org.). *Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa à cibercultura*. São Paulo: Hacker Editores, 2002b, p.57-76.

\_\_\_\_\_. Sujeito da comunicação, sujeitos em comunicação. In: GUIMARÃES, C.G.; FRANÇA, V. (Orgs). *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.61-88.

\_\_\_\_\_. *Contribuições de G.H. Mead para pensar a comunicação*. Trabalho apresentado ao XVI Encontro da Compós, Curitiba, 2007. Disponível em: [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_219.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_219.pdf). Acesso em 01/09/2007.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975.

HANKE, Michael. A Noção de Sociabilidade: Origens e Atualidade. In: FRANÇA, Vera; WEBER, Maria Helena; PAIVA, Raquel; SOVIK, Liv. (Org.). *Livro do XI Compós. Estudos de Comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2002, p. 127-142.

HEWITT, Hugh. *Blog: entenda a revolução que vai mudar seu mundo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2007.

JOHNSON, Steven. *Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LEMOS, André. Aspectos da cibercultura: vida social nas redes telemáticas. In: PRADO, José Luiz Aindar (org.). *Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa à cibercultura*. São Paulo: Hacker Editores, 2002a, p. 111-129.

\_\_\_\_\_. Agregações eletrônicas ou comunidades virtuais? Análise das listas Facom e Cibercultura. *Revista eletrônica 404nOtF0und*, Salvador, ano 2, v.1, n. 14, março.2002b Disponível em: [http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und/404\\_14.htm](http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und/404_14.htm). Acesso em 15/2/2006

\_\_\_\_\_. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

\_\_\_\_\_. Ciber-cultura-remix. In: ARAÚJO, Denize Correa. *Imagem(ir)realidade: comunicação e cibermídia*. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 52-65

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas*. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MAIA, R. C. M. Sociabilidade: apenas um conceito?. *Revista Geraes – Estudos em Comunicação e Sociabilidade*, Belo Horizonte, n.53, p.4-15, jul. 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave de análise do discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

\_\_\_\_\_. *Análise de textos de comunicação*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michelle. *História das teorias da comunicação*. 7ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MEAD, George Herbert. *Espiritu, persona y sociedad desde el punto de vista del conductismo social*. Buenos Aires: Paidós, 1953.

MIÈGE, Bernard. *O pensamento comunicacional*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MIELNICZUK, Luciana. *Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual*. 2003, 246f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: [http://www.facom.ufba.br/jol/producao\\_teses.htm](http://www.facom.ufba.br/jol/producao_teses.htm). Acesso em: 03/10/07.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. *O que é ser jornalista: memórias profissionais de Ricardo Noblat*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ORIHUELA, José Luis. Blogs e blogosfera: o meio e a comunidade. In: ORDUÑA, Rojas (et. al). *Blogs: revolucionando os meios de comunicação*. São Paulo: Thomson Learning, 2007. p. 1-20.

OROZCO GÓMES, Guillermo. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, Dênis (org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 81-98.

Os bastidores do Blog do Noblat. *Info Exame*, São Paulo, out. 2005, ano 20, nº 235, p. 34.

PRETA, Andrea Catta. Coluna virtual estoura barreira de um milhão de acessos na cobertura da CPI. *Hoje em dia*, Belo Horizonte, 21 ago. 2005. Caderno Brasília, p.6

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. In: *XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 2006, Brasília. Anais, 2006. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/web2.pdf>. Acesso em 04/06/2007.

\_\_\_\_\_. *Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura e cognição*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

\_\_\_\_\_. Interney Blogs como micromídia digital: Elementos para o estudo do encadeamento midiático. In: *XVII Encontro Anual de Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, 2008, São Paulo. Disponível em: [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_285.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_285.pdf). Acesso em: 20/04/2008

PRIMO, Alex; SMANIOTTO, Ana Maria Reczek. Blogs como espaços de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs insanus. *E-compós - Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, n.5, p. 1-21, abril. 2006. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/e-compos/adm/documentos/Abril2006\\_alex\\_ana.pdf](http://www.compos.org.br/e-compos/adm/documentos/Abril2006_alex_ana.pdf)> Acesso em: 08/12/2006.

PRIMO, Alex. TRÄSEL, Marcelo Ruschel. Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. I: VIII Congresso Latino-americano de Pesquisadores da Comunicação, 2006, São Leopoldo. Anais, 2006. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/webjornal.pdf>. Acesso em 28/06/2007.

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet: Considerações Iniciais. *E-compós - Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, n.2, p. 1-21, abril. 2005. Disponível em: [http://boston.braslink.com/compos.org.br/ecompos/adm/documentos/abril2005\\_recuero.pdf](http://boston.braslink.com/compos.org.br/ecompos/adm/documentos/abril2005_recuero.pdf). Acesso em 02/02/2007.

RHEINGOLD, Howard. *A comunidade Virtual*. Lisboa: Gradiva, 1996.

SANTOS, B.S. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2003.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na Internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SILVA, Juremir Machado da. *A miséria do jornalismo brasileiro: as (in)certezas da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SIMMEL, Georg. A natureza sociológica do conflito. In: FILHO, Evaristo de Moraes. *Georg Simmel: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-134.

TAPSCOTT Don; WILLIAMS, Anthony. *Wikinomics: como a colaboração em massa pode mudar o seu negócio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

VARELA, Juan. Jornalismo participativo: o jornalismo 3.0. In: ORDUÑA, Rojas (et. al). *Blogs: revolucionando os meios de comunicação*. São Paulo: Thomson Learning, 2007. p. 41-98.

VAZ, Paulo. Mediação e Tecnologia. In: MARTINS, F.M.; SILVA, J.M.. *A genealogia do virtual* - Comunicação, cultura e tecnologia do imaginário. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 216-238.

WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick, JACKSON, Don. *Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões patologias e paradoxos da interação*. São Paulo: Editora Cultrix, 1967.

WIENER, Norbert. *Cibernética; ou controle e comunicação no animal e na máquina*. São Paulo: Polígono/USP, 1970.

WOLTON, Dominique. *Pensar a comunicação*. Brasília: Editora UnB, 2004.

\_\_\_\_\_. *É preciso salvar a comunicação*. São Paulo: Paulus, 2006.